

Catherine de Hueck Doherty

DESERTO VIVO

Poustínia

Título original: *Poustinia*:
Christian Spirituality of the East for Western Man
Catherine de Hueck Doherty
(antes de casar-se: Kolyschkine)
Ave Maria Press, Notre Dame, Indiana, USA
1975

Deserto Vivo: Poustinia
Edições Loyola, São Paulo, SP, Brasil
1989
Tradução: Héber Salvador de Lima, S.J.

ISBN: 85-15-01044-5

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá

www.madonnahouse.org
www.catherinedoherty.org
<http://writings.catherinedoherty.org>

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

Índice

Prefácio à edição brasileira	4
Introdução	11
Uma palavra da Autora	23
PRIMEIRA PARTE: POUSTINIA	24
1. Silêncio... Deserto... Oração	25
2. Poustinia e seus moradores	41
3. O poustinik ou eremita oriental	52
4. Primeiras tentativas em Madonna House	64
5. O poustinia ocidental	80
6. No limiar do poustinia	95
7. Poustinia nas praças e mercados	103
SEGUNDA PARTE: PALESTRAS PARA RETIRANTES EM POUSTINIAS	123
8. Espiritualidade básica	124
9. Frente a frente com o mal e o martírio	139
10. Libertação em Cristo	154
11. Kénosis: esvazie-se de si mesmo!	169
TERCEIRA PARTE: MENSAGENS DO MEU POUSTINIA ..	187
12. Tocando o próprio Deus	188
13. Tocando o próximo... ..	225
QUARTA PARTE: O CORAÇÃO DO POUSTINIA	256
14. A minha própria vocação para o poustinia	257
15. O poustinia do coração	264

Prefácio à edição brasileira

A tradução deste livro foi terminada na segunda quinzena de junho de 1979. Duas semanas mais tarde, tomamos o avião para o Canadá a convite da Autora, Catarina de Hueck Doherty, a Baronesa. Minha nova visita a Combermere, onde estou escrevendo esta introdução, visa recolher material para atualizar meu livro *Apresento-lhes a Baronesa* e tirar fotografias que ilustrem a quarta edição desta obra, bem como a presente tradução.

Durante os dias passados, agora, em Madonna House, já visitei vários poustinias, uns habitados, outros vazios. Nos primeiros, senti a indescritível dimensão das almas cheias de Deus; almas das quais transborda uma paz e uma alegria que não têm sucedâneo nas festas deste mundo. Nos segundos, os poustinias vazios, experimentei uma estranha presença, quase tangível, que emanava da pobreza da cabana de troncos, da cruz pregada na parede e da imagem de Maria, sempre ao lado da cruz.

Eu percebi que a verdadeira vida é sempre silenciosa e tranqüila e, por isso mesmo, supremamente bela, como a vida da seiva que, lá fora, ao meu redor, subia, sem rumores, em milhares de pinheiros e de flores campestres. Percebi, sobretudo, o sentido de uma das frases mais lindas da Bíblia, que está sempre ressoando dentro de mim, na sonoridade do latim dos tempos idos: "*Ducam eam in solitudinem et ibi loquar ad cor eius*" (Oséias 11, 14): Levá-la-ei à solidão para falar-lhe ao coração. Realmente, como o silêncio enriquece as almas!

Como Deus fala quando o mundo se cala! Como as grandes idéias pululam quando os desejos e preocupações terrenas se sedimentam no fundo do nosso ser! É mais ou menos isto que o leitor verá ao ler e meditar as páginas de *Poustinia*...

Antigamente, houve uma moda de desprezar tudo quanto fosse relacionado com mosteiros e vida monástica. Livro que saísse da pena de algum monge não merecia ser lido: "*Monasticum est, non legitur*; tem cheiro de mosteiro? Não se leia!". Hoje, os investigadores sérios, entre os quais um dos maiores historiadores atuais, Arnold Toynbee, afirmam que alguns dos momentos culturais mais ricos e mais lúcidos da Igreja e do mundo foram vividos durante a época do monaquismo oriental e ocidental!

Evidentemente, este livro não versa sobre monasticismo de qualquer época da Igreja; ele pretende apenas mostrar como a busca de Deus, a fome de procurá-lo é uma constante na vida humana, em qualquer século da história. Pouco a pouco, os homens e as mulheres foram descobrindo, por experiência pessoal, a verdade daquela outra frase da Bíblia: "*Non in commotione Dominus*: O Senhor não se encontra no barulho" (39 Reis 19,11). Catarina mostra, então, a comovente caminhada dos peregrinos do seu país em busca deste Deus e a heróica reclusão dos "poustinikki" que se afastam do mundo para ficarem mais perto do céu.

Mas, nesta mesma reclusão ou afastamento, existe um aspecto inesperado e profundamente gratificante: o poustinik, o poustiniano (homem ou

mulher que se recolhe a uma cabana isolada para meditar) não tranca nunca a única porta da sua cabana. Tal medida pretende lembrar-lhe que ele não foi à solidão do poustinia somente para locupletar-se de Deus e depois aboletar-se numa contemplação inativa, reclinado numa espécie de nuvem branca de paz, muito perto do céu, mas esquecida da terra que deveria regar com sua chuva!

Igualmente a porta fica aberta ou destrancada para que os homens de fora possa entrar e o "retirante" possa repartir com eles o grande pão vivo descido do céu que é Deus e sua serena alegria. Catarina repete muitas vezes esta idéia exatamente para prevenir qualquer argumento dos ativistas modernos, para os quais todo tempo dedicado ao retiro e à oração é alienante! O poustiniano nunca foi nem será um alienado!

Nos dias que correm, atira-se com muita facilidade, como pedrada, a acusação de alienado ou alienante contra qualquer pessoa ou instituição que se dedique a um trabalho mais de oração do que de atividade externa ou de "linha de frente". Em que pese a seus costumes estranhos, a certas extravagâncias — aliás muito exageradas pelas lendas populares — e a algumas de suas idéias, hoje inadmissíveis, os padres do deserto podem ensinar-nos, melhor do que ninguém, o sentido do absoluto na busca de Deus: o que significa seguir Jesus Cristo em pobreza e humildade, a teoria e a prática da oração.

Em nossa época de otimismo cósmico, suscitado pelo incrível progresso tecnológico, com freqüência, nos esquecemos de uma realidade tremenda que está

viva nos ensinamentos dos velhos monges e eremitas: eles falam da presença do mal no coração do mundo, no coração do próprio progresso material e da necessidade de lutar contra este mal com "oração e jejum".

Disse muito bem santo Agostinho que "somente através da amizade se pode conhecer alguém". O movimento de Madonna House, seu esforço maravilhoso de dar aos homens de hoje uma possibilidade para se encontrarem com Deus, no silêncio e na meditação dos poustinias, tem que ser visto com muita amizade e benevolência e não com julgamentos a distância e preconcebidos. Aliás, nosso homem moderno, derramado pelos cinco sentidos do corpo, a despeito de toda a sua técnica, não está em condições de criticar nenhuma forma de experiência como esta do poustinia que se apresenta como tentativa de restaurar o primado do espírito.

A busca da solidão, com vistas a um aperfeiçoamento interior, é, provavelmente, quase tão antiga quanto o próprio homem. Todos os grandes fundadores e legisladores religiosos fizeram esta experiência, desde Moisés que, na solidão do Sinai, recebeu de Deus o primeiro grande código moral da humanidade. Buda estruturou seu pensamento religioso-filosófico vivendo na solidão. São conhecidos os elogios de Pitágoras à vida de silêncio e meditação e, segundo um dos seus biógrafos antigos, ele próprio costumava levar uma existência solitária no deserto (monázein en tais eremíais). Marco Aurélio, o Imperador filósofo e asceta, já nos princípios da era cristã, mas sem ser

cristão, expressa a inveja que sentia daqueles que tinham possibilidade de se afastarem do bulício das cidades a fim de viverem a sós com seus pensamentos e meditações. Não podendo fazer isso, ele diz, em uma de suas Meditações, que "Só Ihe restava retirar-se para dentro de si mesmo". (Nestas páginas, Catarina irá falar-nos do "poustinia interior".)

Mais ou menos na mesma época de Marco Aurélio, dizia Díon Crisóstomo que "a instrução e a filosofia requerem muita solidão e retiro". Outras máximas parecidas corriam entre os gregos, raça filosófica por excelência. Pode-se, pois, dizer, sem exagero, que antes da anachóresis (poustinia) cristã, ou ao mesmo tempo que ela, existiu uma anachóresis filosófica. A idéia do poustinia vem, portanto, de muito longe.

Mas será que ela tem ainda um lugar nos tempos modernos? Estariam os homens de hoje tão irremediavelmente mergulhados na banalidade, que não haja esperança para a reflexão e para a oração?... "Uma imensa desolação caiu na terra," disse o Profeta Jeremias (12,11), "porque não há ninguém que se recolha em seu coração"; entretanto, nem por isso Jesus Cristo deixou de dar mais uma "chance" à humanidade com sua vinda, paixão e morte!

Não somos melhores nem piores do que os séculos que já se foram. O "Homem Eterno" de Chesterton é, hoje, a mesma mescla de luzes e sombras, altos e baixos, avanços e retrocessos do homem de ontem. Se, por acaso, ele se apresenta, agora, mais

horizontal, pelas preocupações do progresso meramente material, também é verdade que se sente enojado da sua horizontalidade e, continuamente, deixa transparecer, para o bom observador, o desejo de refluir sobre suas águas derramadas e dispersas, em busca da própria fonte: Deus dentro de si!

Catarina de Hueck Doherty tem afirmado isso mesmo em vários livros dos quais já traduzimos dois: *Evangelho sem Restrições* e *SOBORNOST, União na Fraternidade*. Agora, em *POUSTINIA*, ela apresenta aos leitores brasileiros o fabuloso refluxo das águas! O fenômeno que se está verificando em Madonna House não tem explicação humana: homens e mulheres, moços e velhos — mas sobretudo moços — que fazem fila, nas listas, esperando uma vaga no "deserto vivo", no poustinia, numa cabana de troncos, escondida entre pinheiros, para se encontrarem com Deus e consigo mesmos. É sim, porque o maior problema dos homens de hoje é que vivem eternamente fora de casa, fora de si mesmos!

Aos que defendem a teoria da "ação a todo custo", convém lembrar que a oração ainda é a Alma de todo Apostolado. E aqui Catarina se encontra com Dom Chautard.

Um dos últimos Gerais da Companhia de Jesus, numa carta sobre a vida interior, dizia que aventurar-se a uma ação apostólica com os homens, sem longa e diligente preparação de vida espiritual, seria copiar, no apostolado, o trabalho dos antigos limpadores de chaminés que se sujavam na própria

ação de limpeza que realizavam! Ora, as chaminés do homem moderno estão ficando cada vez mais sujas!...

Uma palavra final sobre esta tradução. Procurei ser tradutor sem ser traidor. Uma que outra vez foi necessário fazer pequenas adaptações para o leitor brasileiro. O capítulo 14, por exemplo, pareceu-me ter interesse quase exclusivo para os membros da Comunidade de Madonna House. Conversei com a Autora a esse respeito e ela me deixou a liberdade de adaptá-lo e reduzi-lo.

Por fim, é bom mencionar que, com esta edição brasileira, já são doze as traduções de *Poustinia* em todo o mundo e a tradução feita na França mereceu um prêmio da Academia Francesa! Não esperamos tanto para esta nossa (livros de espiritualidade não são do interesse da Academia Brasileira de Letras), mas ousamos esperar uma boa acolhida de *Poustinia* por parte de todos aqueles que ainda sintam um pouco de fome de Deus neste Brasil que parece só ter sede de petróleo!

O Tradutor

Pe. Héber Salvador de Lima, SJ

Combermere, Ontário, 15 de julho de 1979

(Festa dos quarenta mártires jesuítas do Brasil)

Introdução

Este livro não precisa de explicações. Está escrito, em termos muito simples, por uma mulher que vem falando de Deus e escrevendo sobre ele há mais de 40 anos. O poder de sua mente e de sua imaginação, purificadas ambas pela trilogia Fé-Amor-Sufrimento, dá às suas palavras uma clareza que ninguém deixa de entender, sobretudo as pessoas simples e famintas de Deus. Entretanto, há também uma grande profundidade, colocada pelo próprio Deus, na simplicidade deste livro. Ele deu fundo e forma a estas páginas, quando modelou a vida de Catarina. Nós que pertencemos à Comunidade de Madonna House, plasmados pelo Espírito através da Baronesa, Catarina de Hueck, julgamos oportuno dizer algumas palavras, poucas, a respeito do contexto destes capítulos. Tal contexto não é outro senão a vida da escritora.

Catarina Kolyschkine nasceu na Rússia, de família rica, na festa da Assunção, 15 de agosto de 1896. Toda a sua visão e vivência do evangelho, nos dias da infância e da adolescência, foram profundamente marcados pela espiritualidade russa.

A liturgia da Igreja russa ortodoxa; as práticas religiosas com que seus pais pontilhavam seu dia-a-dia e o contato com a piedade do próprio povo russo do seu tempo, essa amálgama de pecadores, cétricos e santos, tudo isso influenciou tremendamente a formação cristã de Catarina, carreando para seu coração e sua mente toda a fabulosa riqueza das tradições e símbolos espirituais do Cristianismo Oriental.

Ela se formou concebendo o mundo como visão transfigurada da Imagem de Deus. Desenvolveu a consciência da presença de Cristo ressuscitado, belo e glorioso, mas, ao mesmo tempo, humilhado no sofrimento dos pobres; a visão de uma Igreja toda imersa na Unidade da Trindade e iluminada pelo seu brilho; sobretudo e mais que tudo pelo conhecimento da infinita ternura e misericórdia de Deus. Tudo isso plasmou Catarina, e agora, transborda em suas palavras e palpita em cada frase deste livro.

Naturalmente, essas tradições fazem também parte do depósito cristão do Ocidente católico, mas, nos últimos séculos, sua expansão e seu crescimento têm sofrido danos muito sérios, devido à guerra desintegrante das seitas, do legalismo jansenista e de um secularismo cada vez mais declarado e sem rebuços. Mas, no coração de Catarina, as sementes cresceram desimpedidas, na terra ubertosa do amor de seus pais e de seu cristianismo muito simples e muito autêntico.

Aos 15 anos, casaram-na com o Barão Boris de Hueck. Depois da Revolução de 1917, ambos viveram os horrores da perseguição comunista e partilharam, com todos os russos, a longa e dolorosa agonia da fome e da guerra civil. Finalmente, conseguiram escapar para a Inglaterra. Toda a sua fortuna ficou nas mãos dos comunistas. Catarina fugiu, literalmente, com a roupa do corpo. Em 1920 chegaram ao Canadá, com um bebê para criar e sem um tostão no bolso. A saúde do Barão ficara seriamente abalada por causa das privações e ferimentos da guerra. Coube a Catarina, recém saída

de uma tuberculose, arranjar emprego para sustentar a família. Fez de tudo: foi empregada doméstica, lavadeira, balconista de loja. Nesta vida de luta e de trabalho, entrou em contato com o povo norte-americano e fez suas primeiras amizades, sobretudo com a gente simples e trabalhadeira de Toronto, Montreal e Nova Iorque.

A energia de Catarina e seus extraordinários dons de comunicação levaram-na a trabalhar numa organização especializada em dar palestras e fazer conferências. Em poucos anos, ela encontrou um posto relevante entre os executivos dessa organização. E, de repente, descobriu que estava rica de novo. Tinha um amplo apartamento, muitos livros, uma babá para seu filho, um luxuoso carrão e amigos importantes e ricos.

Foi nesse ambiente que começou a sentir-se inquieta e a perguntar a si mesma se Deus a tinha salvo da morte, na Rússia, para vê-la transformar-se numa burguesa americana. Passou a ser perseguida, dia e noite, pelas palavras de Cristo: "Vende o que tens, dá-o aos pobres e, depois, vem e segue-me!". Isto lhe soava como divagações de uma louca e ela procurou fechar as portas do coração a estes apelos que lhe chegavam, para usar suas próprias palavras, como os balbucios desconexos de um moribundo. Mas as vozes persistiam. Na tentativa de apaziguar sua consciência, Catarina procurou a orientação de alguns sacerdotes que foram unânimes em dizer-lhe que aquilo era ilusão: a vontade de Deus para ela era a educação do seu filho.

Em 1930, após vários anos de angústia, foi ter com o

Arcebispo de Toronto, Dom Neil McNeil. Este, depois de ouvi-la, declarou-lhe que ela tinha, realmente, uma vocação vinda de Deus. Recomendou-lhe, entretanto, que esperasse e rezasse ainda um ano e, depois, se a vocação persistisse, ele lhe daria seu apoio e sua bênção.

Exatamente um ano mais tarde, ela vendeu tudo o que tinha, fazendo apenas provisão para o futuro do seu filho com um depósito bancário. Em seguida, ela e a criança foram viver nas favelas de Toronto, durante os terríveis anos da depressão americana.

Catarina foi simplesmente viver com os pobres a fim de amá-los e servi-los, diluindo-se no meio deles, trabalhando, sofrendo e rezando com eles. Logo apareceram imitadoras e imitadores. Rapazes e moças, em número reduzido, é verdade, procuraram-na como hoje procuram Madre Teresa de Calcutá em grandes grupos. Havia na fé e no amor de Catarina uma chama tão intensa que acendia os corações de todos os que a conheciam.

Sua coragem e franqueza, um tanto ousada, escandalizaram a muitos que não tinham a mesma fé em Jesus Cristo e o mesmo amor pelos pobres. Foi tachada de comunista. A calúnia e a incompreensão expulsaram-na de Toronto. Assim morreu a primeira das "Casas da Amizade".

Pouco tempo após esse fracasso provocado pela maldade dos homens, Pe. J. LaFarge, s.j., conseguiu que Catarina fosse convidada a trabalhar no bairro negro de Harlem, Nova Iorque. Aí ela começou novamente a sua "Casa da Amizade", em pobreza

total, como da primeira vez. Aí também vieram jovens para participar de sua experiência de apostolado leigo.

Fervilhava, então, em Nova Iorque o problema racial, começando já a transbordar para Chicago, Washington e outras cidades. A "Casa da Amizade" bem cedo se tornou conhecida na Igreja americana se bem que, também aí, nem todos pensassem do mesmo modo a seu respeito.

Catarina lutou muito para tirar a doutrina social cristã da letra morta dos livros e levá-la ao coração das pessoas. Nesse trabalho teve a amizade e o auxílio de uma grande convertida: Dorothy Day. Thomas Merton foi outro que admirou a beleza de sua obra e viu nela a ação do Espírito Santo. Infelizmente, porém, a maior parte das pessoas preferia fixar-se na franqueza um pouco rústica de Catarina e no fato de ser ela russa! E a Rússia era sinônimo de comunismo ateu.

Havia também os que, sem irem a tais extremos de intolerância, recusavam aprovar a obra de Catarina simplesmente por julgarem-na jovem, diferente, fora dos caminhos batidos. Criou-se assim, mais uma vez, uma forte diferença de opiniões acerca do apostolado da Casa da Amizade, o que forçou Catarina a lançar-se, novamente, pelos mares de Deus e da caridade, sem mapas nem caminhos.

Agora, porém, ela não estava mais sozinha. Seu primeiro marido, o Barão Boris de Hueck, já estava morto havia bastante tempo. Em 1943 ela se casou com Eddie Doherty, famoso jornalista de origem

irlandesa. Em 1947 foi para o Canadá com o marido e uma colaboradora que pertencera à sua equipe da Casa da Amizade. Estabeleceram-se numa propriedade de Eddie, em Combermere, a quase 300 quilômetros de Toronto.

Desta vez, voltava a convite do próprio Bispo de Pembroke. Apesar da incerteza total com que tinha viajado, havia nos três uma convicção misteriosa de que tinham chegado à própria casa e para nunca mais sair. Plantaram um pequeno pomar de macieiras que se tornou simbólico porque, quando as primeiras dificuldades e oposições começaram a se manifestar, com a conseqüente tentação de desistir, olhavam para as plantas que cresciam cheias de viço e de esperança... Eles podiam fazer florir e frutificar aquele pedaço perdido de solidão e de mata virgem!

Foi exatamente o que aconteceu. Vieram homens e mulheres, como das outras vezes e... ficaram! Vieram também vários sacerdotes e alguns deles também ficaram. Agora o apostolado leigo que exerciam tomou outro nome: Madonna House, em vez de Friendship House. A Casa da Amizade transformara-se em Casa de Nossa Senhora. Hoje, 30 anos mais tarde, a comunidade de Madonna House conta com 130 membros de tempo integral, incluindo 14 Padres. A comunidade tem 12 missões, em diversas partes do mundo.

Em 1955 Catarina e seu marido Eddie fizeram o voto de castidade e passaram a viver em aposentos separados. Os três votos de Pobreza, Castidade e Obediência são feitos por todos os membros da comunidade, com total aprovação da Santa Sé que

abençoou também as novas constituições de Madonna House. Eddie foi ordenado sacerdote no rito Melquita (católico oriental) em 1969. Durante seis anos permaneceu em Madonna House, ao lado de sua esposa, levando avante, com ela, a obra de Deus que ajudara a começar. Morreu em 1975. Catarina, aos 79 anos, continua a falar e a escrever sobre Deus, não somente para os membros de sua comunidade de Madonna House, mas também para todo o mundo, como se pode ver por este livro, traduzido em várias línguas.

A mudança de atmosfera que o Concílio trouxe à Igreja resultou na busca de novas formas de comunidades religiosas e de oração. Isto fez com que Catarina deixasse de ser vista como inovadora imprudente e ousada. Agora é considerada uma grande pioneira. Procuram-na e acatam suas diretrizes como nunca sucedeu desde o começo da sua obra. Contudo, muita gente ainda olha de soslaio para Madonna House onde Catarina é mais russa do que nunca!

Esta mesma gente, entretanto, intrigada e assustada com as reviravoltas que se estão operando dentro da Igreja católica, começa a suavizar o seu "jeito de olhar" Madonna House, chegando à conclusão de que a Baronesa não é tão radical como pensavam antes. Claro, existe também certo número de pessoas que podem respeitá-la agora porque, pelo menos na sua velhice, já está acomodada e tranqüila!¹

¹ Os leitores que desejarem mais pormenores sobre a vida de Catarina e o ambiente de Madonna House, leiam o livro: *Uma mulher vestida de sinos*, de Pe. Héber Salvador de Lima, SJ, Edições Loyola. O autor conheceu pessoalmente Catarina e passou uma temporada em Combermere.

Este livro vai mostrar como andam erradas as soas que assim pensam. É verdade que muitas de suas primeiras batalhas foram vencidas e outras estão sendo combatidas ainda por seus filhos e filhas, por ela formados. É verdade também que não está interessada nas várias reformas que preocupam tantos católicos inteligentes; mas ela não está, de forma alguma, acomodada e tranqüila. E nunca estará!

Este livro revela a amplitude de vistas que criou a primeira Casa da Amizade, bem como a verdadeira fonte daquele zelo apaixonado, daquela incrível energia de fé imbatível e borbulhante que tem constituído a admiração e delícia de uns e o desespero de outros que a viram em plena ação, nos campos do Senhor. Neste livro a totalidade de sua vida transborda como a luz, à vista de todos. Se sua vida moldou-lhe as palavras, agora suas palavras revelam-lhe a vida. Sua jornada para fora, para o mundo, foi sempre, também, uma jornada para dentro, para a chama do Deus Vivo que arde em seu coração.

Em todos os seus movimentos e viagens, o Espírito vem lançando em seus caminhos as labaredas deste fogo. Suas inúmeras peregrinações pelo mundo têm sido, igualmente, uma grande e serena parada no centro do seu próprio coração, onde Deus é a suprema realidade, como ela mesma diz: "Tudo em mim se cala quando estou imersa no silêncio de Deus".

Catarina "escutou" este silêncio e foi ele que a tornou uma mulher livre. Ela é ainda imperfeita e

sujeita ao erro, como toda criatura humana, mas conquistou a única verdadeira liberdade que só pode vir da única verdadeira revolução que o mundo conheceu: a revolução do evangelho, da Boa Nova do Filho de Deus.

O Senhor Jesus arrancou Catarina da paz serena de sua infância e adolescência, na Rússia, para levá-la a um país estrangeiro e a uma estranha missão que lhe custou perseguições e sacrifícios sem conta. Durante todo este tempo, ele a estava conduzindo ao poustinia, à solidão interior do seu próprio coração. Naquela solidão, ele conversou com ela e com ela partilhou os encantos da sua própria Infância Eterna. Depois encheu este seu deserto interior de homens e mulheres de todas as partes do mundo. No silêncio do Pai, Cristo lhe deu a transmitir suas próprias palavras de Vida eterna.

São estas as palavras que o leitor vai ouvir aqui, saídas dos lábios e da pena de Catarina. Ao escrever sobre poustinia, ela não pretende elaborar uma técnica de oração, mas sim mapear uma jornada para Deus: a dela e, se quisermos, a nossa. Trata-se de uma jornada cheia de maravilhas e de medos, ao mesmo tempo, em caminhos abertos para quantos queiram fazê-la.

Poustinia tem um som exótico, remoto. Mas Catarina vai mostrar-nos que não é nem mais nem menos que aquele "canto secreto" em que o Pai nos galardeia, em segredo, com sua presença, se aí entrarmos com fé e amor.

Ela vai falar-nos de alguns dos tesouros que

encontraremos aí dentro, tais como a pobreza e a libertação decorrentes da Palavra de Deus. Aí ela vai partilhar conosco sua ciência e conhecimento vivencial do que significa combater pela salvação do mundo no centro desta tremenda noite que ameaça escurecer a terra inteira. Ela nos fala sobre a beleza de vários dons de Deus — lágrimas, oração de Jesus, as várias línguas ou idiomas do amor — dons que Deus nos concede para curar as doenças deste mundo. Ela nos repete a grande e a mais difícil de todas as frases: para vivermos com Cristo, no seu Reino, nós temos que nos tornar pobres como ele. Lembra também que Maria, Mãe de Jesus, está sempre de pé, ao lado dele e ao nosso lado, conformando-nos em nossa pobreza, robustecendo nossa fraqueza com seu maravilhoso "fiat".

Acima de tudo, porém, Catarina descortina ao nosso olhar uma visão de "ternura cósmica". No deserto, Deus torna nosso coração manso, humilde e compassivo como o coração do seu Filho. Aí aprendemos a ser ternos para com todas as criaturas, para com nossos irmãos e até para conosco mesmos, o que é de imensa importância.

Quando descobrimos que somos a "alegria de Deus", como imagens de Cristo, então nossos irmãos se tornam "nossa alegria". A meu ver, aí se encontra o cerne da mensagem de Catarina para todos nós. A misericórdia e a ternura são a disponibilidade do "retirante", ou "poustinik", na saborosa palavra russa que ela ama tanto.

É uma disponibilidade para Deus e para todos os filhos de Deus. A misericórdia está no seu jejum, no

seu trabalho, na sua solidão e na sua prece, porque o sacrifício que Jesus Cristo oferece ao Pai por nós é sempre o Amor.

Destarte, quando Catarina fala da esperança do cristianismo russo, de que, no fim dos tempos, até mesmo o demônio será perdoado, ela não está fazendo especulações a respeito da natureza do intelecto angélico, mas simplesmente afirmando que a única realidade onipotente é o Amor misericordioso de Deus.

Uma das mais vigorosas estórias que nos chegaram dos Padres do Deserto, estes gênios da vida evangélica, é aquela do Padre Lot e do Padre José. Padre Lot perguntou, um dia, que outra coisa ainda devia fazer para ser perfeito, uma vez que comia pouco, dormia pouco, falava pouco, trabalhava muito e repartia tudo o que tinha com os pobres. Afinal, que podia faltar ainda?... Então Padre José levantou-se, estendeu as mãos e... de seus dedos começaram a sair enormes labaredas! "Se você quiser, disse o Padre, com os dedos em chama, você pode tornar-se uma chama viva de Deus." Todo aquele que tem fé e vive o mandamento do amor e da misericórdia, pode tornar-se uma chama semelhante em sua vida.

Catarina Doherty não deixa por menos. Nisto se resumem seus desejos, seus planos e seu grandes ideais cristãos. Em toda a sua fraqueza ela é uma chama viva. Nós que fomos tocados pelo fogo de Deus que irrompe de dentro dela, que fomos iluminados e transformados por esta chama, pedimos a Deus que possam ser tocadas também por este fogo todas as pessoas que lerem o presente

livro.

Cristo ressuscitado possa conduzi-las ao deserto interior de seus corações — pousinias — e falar-lhes aí, através do seu Espírito, mostrando-lhes a irradiante misericórdia da face do Pai. Depois disso, que ele as leve a todos os seus irmãos e irmãs que, em qualquer parte do mundo, estão à espera de seu amor.

Rev. Robert D. Pelton
Madonna House
Combermere, Ontario
Junho de 1974

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

Uma palavra da Autora

Além do fato de ter escolhido uma palavra estrangeira como título deste livro, devo ainda informar aos leitores de que os sete primeiros capítulos foram escritos nos princípios de 1960.

A segunda parte foi escrita em 1973, toda ela dirigida a pessoas que estavam fazendo a experiência do retiro total nos nossos poustinias. Trata-se de habitantes permanentes de Madonna House que fizeram de poustinia a sua vocação pessoal.

A terceira e quarta partes foram escritas na década de 70, especialmente para os membros de Madonna House. Aí estão minhas experiências espirituais, colhidas no meu próprio poustinia, ao qual eu me recolho todas as sextas-feiras.

Digo isto porque me parece importante para que o leitor entenda melhor a seqüência do livro.

Terminando, deixem-me acrescentar que todas as pessoas que lerem este livro serão lembradas em minhas humildes orações.

Catherine de Hueck Doherty

PRIMEIRA PARTE:
POUSTINIA

1.

Silêncio... Deserto... Oração

"Os retiros acabaram-se; chegou a hora dos desertos!" Esta frase de Dan Herr, editor da revista *Critic*, parece dirigida a mim como delicada flecha de elogio. Pode ser que seja presunção de minha parte, mas é que, na verdade, não tenho visto muitas outras pessoas, no continente norte-americano, escrevendo sobre desertos, e muito menos, indo a eles para rezar.

Nos últimos anos, muito de tudo quanto escrevo e falo tem versado sobre silêncio, solidão e desertos. Continuarei nesta linha por julgar tudo isso vitalmente importante para esta nossa civilização urbana e tecnológica, sempre em mudança e crescimento.

É óbvio, para qualquer observador atento, que a humanidade está frente a frente com muitos problemas e que muitos outros ainda virão. São problemas que chegam até o fundo dos corações e dos espíritos, acarretando tremendos distúrbios para o homem atual. É também igualmente óbvio que não podemos rejeitar este mundo novo, estranho, fervilhante de aventuras, e, ao mesmo tempo, assustador. Ele não é mais uma aurora que se esboça em cores tímidas; já está no meio de nós e sobre nós com a realidade de um sol a pino.

Os cristãos, mais do que quaisquer outros, não podem rejeitá-lo, uma vez que Cristo os inseriu bem no meio deste mundo, como seu povo e seu corpo.

Assim sendo, nós pertencemos a este mundo moderno com todos os seus computadores, cibernéticas, naves espaciais etc. que, ao lado de progresso material, cria também um imenso complexo de problemas morais e uma incrível indigência espiritual.

A ciência adquiriu um ritmo de avanço tal que o homem de hoje não consegue acompanhá-lo; nem o conseguirá o homem de amanhã.

Sob muitos aspectos, esta ciência tem feito imenso bem à humanidade. Ela tem, por exemplo, destruído um grande número de mitos, superstições e credences que, através dos tempos, têm-se agarrado, como mariscos, às várias formas de cristianismo, hoje existentes, à própria Igreja Católica e até à noção de Deus. Neste sentido, a ciência está fazendo um bom trabalho e temos que agradecer-lhe suas descobertas; é importante, porém, que as analisemos sempre à luz da revelação de Cristo ressuscitado.

Essa modalidade de apreciação é sobremaneira necessária nos dias em que vivemos. Há tantas pessoas procurando o Cristo em tantos lugares! Ele mesmo disse que seria assim: "Então, se alguém vos disser: o Cristo está aqui ou ali, não acrediteis, porque hão de surgir falsos cristos e falsos profetas e farão sinais e prodígios tão grandes, a ponto de enganarem, se for possível, até os eleitos" (Mt 24,23). Os que receberam de Deus a graça especial para fazerem as avaliações certas dos acontecimentos são o papa, os bispos e os sacerdotes verdadeiramente iluminados pelo Espírito

Santo. Neste ponto é preciso andar com grande cautela...

Existem muitos inventos da ciência moderna, ainda não publicados, que, segundo se diz, serão capazes de transformar o homem num mero robô, alterando-o até mesmo geneticamente. Pelo menos a lavagem cerebral já é uma triste realidade entre nós. Mas, ao lado destas possíveis aberrações e abusos, o mundo científico, juntamente com a renovação espiritual, convida o homem, centro da criação, a uma experiência da "liberdade dos filhos de Deus" tal como ele nunca viu nem sentiu antes, na sua história.

Agora os homens podem ter um encontro com a realidade e remontar à sua fonte — à Origem que não tem origem. Porque o mistério do homem no meio do mundo, da natureza e da tecnologia é, intrinsecamente, um Mistério Divino. É na cruz ou, melhor dito, é ainda na cruz que Deus se revela a este mundo científico e à nossa civilização tecnológica. Ordinariamente ele se revela através da sua imagem manifestada no universo e sua temporalidade.

Este mistério, entretanto, não é encontrado no mundo como tal e sim nos corações dos homens que buscam a Deus sem negar sua existência. O homem, como espírito que é, aberto, portanto, para o absoluto e para o divino, estará sempre inquieto e insatisfeito, deixado a sós com a realidade criada, por mais esplêndida que ela seja. A natureza não é divina. É apenas um sinal de Deus, um grito para Deus!

Por estranho que pareça, o único meio que pode ajudar o homem a encontrar resposta sobre si mesmo e sobre Aquele que o fez à sua imagem é o silêncio, a solidão — numa palavra, o deserto. O homem de hoje precisa destas coisas muito mais do que os eremitas de outrora.

Se quisermos estar preparados para dar testemunho de Cristo nas ruas, praças e mercados, onde nossa presença cristã está em contínua demanda, precisamos de silêncio. Se quisermos estar disponíveis, não só fisicamente, mas sobretudo espiritualmente, pela simpatia, pela amizade, compreensão e doação total da caridade, precisamos de silêncio. Se pretendemos dar aos outros a verdadeira e completa hospitalidade que não se contenta com a oferta de casa e alimento, mas abre também as portas da mente, do coração e do espírito, precisamos de silêncio. O verdadeiro silêncio é o homem em busca de Deus!

O verdadeiro silêncio é uma ponte suspensa que o espírito, enamorado de Deus, constrói sobre a escuridão e os abismos de sua própria mente; sobre as assustadoras ravinas e precipícios da tentação; sobre as gargantas escuras dos medos e terrores que o impedem de chegar a Deus.

O verdadeiro silêncio é a linguagem dos amantes. Somente quem ama compreende toda a sua beleza e alegria. O verdadeiro silêncio é um jardim fechado onde — e somente aí! — o espírito floresce com Deus e para Deus. É uma fonte selada que somente o coração pode desvendar e abrir para saciar sua sede do infinito.

O verdadeiro silêncio é a chave para o imenso Coração chamejante de Deus. É o começo de um "namoro" que só terminará na união final e definitiva com o Amado.

Um tal silêncio é santo; é a oração que paira acima de todas as preces e chega à oração final da constante presença de Deus, atingindo as alturas da contemplação, quando o espírito, finalmente em paz total, vive alimentado apenas pela vontade do Ser Supremo que ele ama.

Este silêncio sai para fora em forma de caridade que transborda no serviço do próximo, sem considerar o custo e a dificuldade. Testemunhando Cristo em toda parte, o silêncio, em forma de disponibilidade, se tornará fácil e agradável, porque a alma começa a ver a face do seu Amor em cada pessoa. A hospitalidade será profunda e real porque um coração em silêncio é um coração que ama e um coração que ama é um imenso abrigo aberto para o mundo inteiro.

Um silêncio assim não é prerrogativa exclusiva de mosteiros e conventos. Deveria existir em todas as pessoas que amam a Deus, em cada cristão que se volta para o mistérios da sua redenção, em cada judeu que escuta, dentro de si, as vozes dos antigos profetas, em cada alma, enfim, que se levanta e parte em busca da verdade, em busca de Deus. Porque Deus não está no meio do barulho e da confusão quando estes dois se instalam no próprio coração do homem.

Desertos, silêncio, solidão não são necessariamente

lugares, mas sim um estado de espírito e de coração. Como tal podem ser encontrados em pleno bulício das cidades, a qualquer hora ou qualquer dia. Basta que sintamos a tremenda necessidade que deles temos e saíamos a sua procura. Serão, talvez, pequenos desertos, pequenos "poços de silêncio" na imensa vastidão do barulho, mas se estivermos dispostos a descer até eles, hão de trazer-nos uma experiência santificante e alegre como a que sentiram os primeiros eremitães, nos desertos da Tebaida, algo parecido com a solidão infinitamente rica, fecunda e fervilhante de forças criadoras, na qual o próprio Deus se refugia. Porque somente Deus torna santos, alegres e fecundos todos os silêncios e todos os desertos.

Pense, por exemplo, na sua solidão, enquanto você caminha, no término de um dia de trabalho, indo do ponto de ônibus até sua casa. Vem, depois, o silêncio tranqüilo do seu quarto, quando você entra para trocar a roupa de trabalho por outra caseira, mais confortável. Pense na solidão de uma dona-de-casa, sozinha em sua cozinha, antes de começar o trabalho do dia. Enfim, há uma solidão benéfica e real em cada atividade doméstica, por mais humilde que seja: lavar e passar roupa, costurar, cozinhar, etc.

Para chegar à solidão, o primeiro passo é partir. Se alguém se decidisse a visitar um deserto real e geográfico como o Saara, deveria, antes de tudo, procurar uma agência de viagem. No deserto de que falamos aqui, não precisamos disso. É incrível como somos cegos para as inúmeras viagens e "partidas"

que enchem o nosso dia, pontilhado de "pequenas solidões", atrás de qualquer porta, escondidas em quaisquer atividades. Há uma solidão no céu estrelado que entra pelo retângulo da minha janela e pode haver uma também no quadro movimentado e barulhento que se descortina da janela do meu escritório, às 2 horas da tarde. Existe a solidão do carro que me leva para casa e que pára no engarrafamento das ruas ou nos semáforos, entre os gritos impacientes das buzinas. Em todas estas circunstâncias, eu posso encontrar um "ponto de partida" para o silêncio e deserto interior da meditação.

Mas, nosso coração, nossa mente e nosso espírito devem estar afinados com o sobrenatural e alertas para estes momentos de solidão que Deus nos concede. Para conseguir esta "afinação", temos que perder nossa generalizada idolatria ou superstição do tempo, deste tempo que ninguém quer dar ao silêncio e à meditação por julgar que é "perda de tempo".

Há também os que pensam que só em muito tempo é que se pode chegar a alguma parte, em termos de oração. Deus se ri do tempo, porque pode transformar nossos espíritos e nossos corações em um segundo, desde que eles estejam abertos e voltados para cima, para ele. Deus pode dizer ao homem que está ao volante de um carro, em pleno engarrafamento de tráfego: "Eu te conduzirei à solidão e aí falarei ao teu coração" (Os 2,14).

Não existe solidão sem silêncio. Estritamente falando, o silêncio é ausência de palavras ou

conversas, mas, fundamentalmente, ele é um estado de alerta, de escuta, de atenção. A mera ausência de barulho na qual não se escuta a voz interior, não é silêncio. Pelo contrário, um dia cheio de vozes e ruídos pode ser um dia de silêncio, desde que os ruídos se transformem, para nós, em ecos da presença divina e se as vozes ao redor de nós forem repercussões das mensagens de Deus. Quando falamos de nós mesmos e nos enchemos de nós mesmos até às bordas, o silêncio fica para trás. Quando repetimos, em nosso íntimo, as palavras e inspirações que Deus aí sussurra, então nosso silêncio atinge a plenitude.

Silêncio é verdade na caridade. Ele tem sempre a resposta para quem pergunta; mas sua resposta vem sempre vestida com palavras de luz. O silêncio, como todas as outras coisas, tem duas alternativas: ou leva-nos a transbordar de nós mesmos, na doação ou torna-nos miseráveis e avarentos; é o silêncio dos que se fecham para os outros e se enclausuram em seu egoísmo. Diz a Bíblia que daremos conta de cada uma de nossas palavras. Talvez devamos também dar conta das palavras que deveríamos ter dito e não dissemos!

Desertos, silêncio, solidão. Para um espírito que compreenda a tremenda importância destes três elementos, abrem-se perspectivas e oportunidades de todos os lados, até mesmo nos congestionados labirintos e armadilhas que são as ruas das grandes cidades.

Mas, como pode alguém, na prática, conseguir a solidão? Parando! Pare! Deixe que a estranha e

mortal inquietude do nosso tempo caia dos seus ombros, meu amigo, como um manto empoeirado e gasto — este manto que um dia, talvez, tenha sido considerado belo. A inquietude, o desassossego já foi considerado poeticamente como um tapete mágico e voador em demanda do amanhã. Hoje ele perdeu sua bela máscara poética e não passa de uma fuga de si mesmo, um desvio da jornada para dentro de si mesmo que todo homem deve empreender para encontrar-se com Deus nas profundezas de seu próprio coração.

Pare! Olhe bem no fundo das motivações que a vida lhe oferece. Elas são tais que possam constituir fundamentos para a santidade? Sim, porque, de fato, todo homem foi criado para ser santo, para amar o Amor que por nós morreu! Só existe uma tragédia na vida: a de não se ser santo! Se as motivações que sua vida lhe oferece não servem de fundamentos para a santidade, então é preciso começar tudo de novo, até encontrar outras que sirvam. Isto pode ser feito. Deve ser feito. E nunca é tarde para tentar fazê-lo!

Pare! Levante a Deus as mãos e o coração, pedindo-lhe que a força do seu Espírito possa desfazer e levar embora todas as teias de temores, egoísmos, cobiças e outros fios em que se enreda e se emaranha seu coração. Que as labaredas deste Espírito desçam até você, até nós, devastando o que foi mal construído e deixando coragem para reconstruir direito!

E todas estas paradas podem ser feitas em pleno barulho e em plena atividade da vida diária de cada pessoa, qualquer que seja o seu estado de vida. São

paradas que trazem ordem à alma, a ordem de Deus. Esta ordem divina trará consigo a tranqüilidade e serenidade do mesmo Deus. E com ela virá o silêncio.

Trará o silêncio de um amante parado e atento, com todas as possibilidades do seu ser concentradas nas pulsações do coração do ser amado. Trará o silêncio de uma noiva que, flutuando em alegria, recorda, sorrindo, as últimas palavras que ouviu do seu amor. Trará o silêncio de u'a mãe que, em pleno trabalho doméstico, escuta, atenta e intensamente, as vozes de seus filhos que brincam no terreiro e percebe nelas a mais insignificante das mudanças, como o fim súbito de uma risada que pode ser o princípio de um pranto. Estes são os silêncios do amor, silêncios que vêm de Deus.

Este silêncio virá e tomará posse também de um trabalhador ou operário de rua, de uma enfermeira, de um apóstolo, sacerdote, freira... desde que tenham todos o rosto voltado — o rosto do espírito — para Deus, no meio de suas ocupações diárias.

A princípio, estes silêncios serão poucos e distantes uns dos outros; mas, depois de alimentados com uma vida de oração litúrgica, de oração mental ou meditação, de vida sacramental... então, pouco a pouco, como mudinha tenra de árvore gigante, o silêncio crescerá e passará a viver na alma como em sua morada.

Quando isto acontecer, a alma se voltará para seu Amado. E ele virá até ela, caminhando, com passos macios, por um caminho de chama e de silêncio. Sua

chegada, logo que for percebida e experimentada, tornará a solidão, daí por diante, uma das coisas mais preciosas da existência. Então o silêncio se aprofundará mais e mais, envolvendo o homem todo e tornando-o propriedade sua.

Por estranho que pareça, as pessoas falam melhor e trabalham melhor quando têm o silêncio morando constantemente em seu coração, como um êxtase calado de Maria Madalena aos pés de Cristo. Trabalha-se melhor e fala-se melhor quando o espírito está bem recolhido em Jesus Cristo. Tais pessoas movimentam-se entre os homens com facilidade, mansidão e eficiência, irradiando bondade em cada gesto, em cada palavra. O tempo para elas é de uma elasticidade que só o amor conhece: sempre se pode socorrer mais um!

Alimentada pelas águas claras do silêncio, a caridade, filha primogênita de Cristo, começará a cantar sua canção de amor. Ao ritmo desta canção, homens e mulheres serão levados, insensivelmente, a se gastarem pelos outros em casa, na rua, em toda parte. E o resultado surpreendente deste desgaste é que não existe desgaste: suas forças se renovam cada dia e sua juventude também. O amor tem destas surpresas.

São estas as pessoas que transformam o mundo ao seu redor. Seu silêncio interior torna-se irmão e reflexo do silêncio ativo e criador do Amor de Deus. E, assim, imperceptivelmente, elas transformam o mundo, tornando-se ecos da voz divina, reflexos da luz divina, instrumentos da ação divina, da mesma forma como se tornaram moradas permanentes do

silêncio divino.

Desta forma, o silêncio vai ser uma fonte de paz pára todos e sua oração sem palavras será ouvida e levada a todas as distâncias. E o Amor virá, mais uma vez, fazer sua morada nos corações humanos, porque sua vinha — o mundo — terá sido inteiramente restaurada.

Há um fato, nos últimos anos, pelo qual devemos dar infinitas graças ao Senhor: os homens e mulheres da década de 70 deixaram para trás a famosa questão da "morte de Deus" e voltaram suas faces para a oração! Talvez nem tenham sido apenas as faces, mas almas e corações também. O coração faminto do homem não podia suportar, por mais tempo, o terrível deserto que o rodeava; tinha de renovar seu contato com Deus nalgum oásis. E achou a oração.

Sim, a oração voltou ao nosso tempo. As famílias conversam sobre ela. Os jovens discutem-na. Os religiosos contemplativos tecem altas disquisições a seu respeito. Todas as ordens religiosas estão procurando vivê-la. Por incrível que pareça, há livros sobre oração que se tornam "best sellers" no mundo de hoje. Há quem faça longas peregrinações só para encontrar alguém que lhes ensine a rezar. Homens e mulheres, moços e velhos, casados e solteiros estão se reunindo em lugares tranquilos, nos fins de semana, para poderem sentir a presença de Deus, na oração. Desta forma, Deus está se revelando à humanidade nesta fome de oração, neste desejo profundo que as pessoas sentem de se comunicarem com ele. Mais uma vez estamos chegando à conclusão evangélica de que "sem ele, nada

podemos fazer".

Mas existe um perigo nesta "marcha para a prece"... Assim como as pessoas, às vezes, confundem silêncio com solidão material e externa, assim, igualmente, podem confundir também oração com solidão. Estes são dois aspectos da vida espiritual e ambos bem diferentes.

A oração, naturalmente, é a vida de cada cristão, o ar indispensável para sua respiração sobrenatural. Sem oração, sem contato com Deus, qualquer cristão morre. Solidão, por outro lado, é uma vocação especial, reservada a poucos.

Contudo, há muita gente procurando uma escapada para o silêncio tranqüilo das casas de retiro e de oração quase como morada permanente. E são pessoas que possuem um lar para cuidar, filhos para criar, trabalho importante para realizar. Há também padres, freiras e irmãos cuja vocação é, realmente, uma vocação ativa e que, no entanto, pensam em se fechar na solidão dos conventos e mosteiros. A maioria destes casos não passa de "sonho de olhos abertos" ou tentação romântica da vida espiritual. Francamente, muitas destas buscas de solidão e de retiros são meras fugas das tensões em que vivem todos: padres, freiras, pais de família e jovens. A agitação os sufoca e sentem desejo de "férias espirituais". Não há nada de mal nisso, desde que se aceite e se aprofunde, antes de tudo, a solidão do nosso próprio coração.

A oração, como o silêncio, é uma questão de "viagem para dentro"! É uma peregrinação do

espírito! Se eu só consigo rezar numa casa de retiro ou num "encontro", está tudo errado! Tenho que viajar "para dentro", não para fora e encontrar o Deus Uno e Trino no meu próprio coração que é, realmente, sua morada, como disse Cristo: "Faremos nele nossa morada".

É possível que algumas pessoas, ao lerem isto, experimentem certo recuo. Não era o que esperava encontrar logo nas primeiras páginas de um livro que versa exatamente sobre uma experiência de deserto, como em breve se verá! Mas insisto em sublinhar, desde o princípio, que não é necessária a existência de lugares solitários, cabanas de troncos ou grutas de pedra, para poder-se levar uma vida de oração.

A oração é uma realidade interior. A cabana, a gruta, a capela principal que ela requer é o coração de cada um, onde todos devemos aprender a rezar. A solidão, muitas vezes, ajuda a oração e, em certos casos de vocações especiais, se torna seu berço e seu habitat natural; mas para a maioria dos cristãos a prece não precisa de local geográfico por ser um contato de amor entre Deus e o homem.

As pessoas casadas não precisam de um quarto de dormir para expressarem o seu amor; também esta "expressão de amor" não significa somente o que toda gente pensa... Assim sendo, os casais se amam em qualquer parte, através de um olhar, de um abraço, de um demorado aperto ou entrelaçamento de mãos. Os casais se amam até, simplesmente, sentindo a presença do outro no meio de uma multidão. Na oração dá-se o mesmo. Na intensa tranquilidade e silêncio de um coração enamorado,

tudo quanto existe na pessoa se retranca num fio só: a atenção voltada para a pessoa amada. Às vezes esta atenção transborda externamente em palavras de amor e de ternura.

Portanto, dizer que precisamos de solidão material, geográfica, externa, a fim de podermos rezar é um erro. É bom que se tenha um pouco desta solidão, de vez em quando, e é nisto que se concentra o apelo deste livro. É bom que a gente se recolha, se afaste do bulício das atividades para "estar acordado" com o Senhor no Getsêmani e velar, com ele, não apenas uma hora, mas muitas, acompanhando-o durante toda a longa caminhada da Encarnação, subindo o Calvário com ele, resuscitando com ele e, finalmente, subindo ao Pai com ele.

Mas para estas solidões esporádicas ou periódicas, qualquer pequeno espaço serve: o próprio quarto de dormir, fechadas as portas, um canto semi-escuro da sala de estar, separado por cortinas, a sombra de uma árvore, num jardim... Tudo isso e muitas outras circunstâncias podem constituir uma solidão temporária, suficiente para um recolhimento maior e mais intensa paz. O bulício das ruas e a azáfama das atividades diárias, nas comunidades religiosas, colégios, casas de família etc., servem como suave lembrete de que não estamos nunca sozinhos e não devemos nunca rezar só para nós mesmos.

Oração é um "negócio" de tempo integral; a solidão, a não ser que a própria vocação ou estado de vida o exija, deve ser temporária, esporádica, caso contrário, deixa de ser solidão e se transforma em

fuga da realidade.

Infelizmente estas duas palavras, solidão e fuga, se confundem muito no linguajar comum, mas ambas têm conotação diferente, sobretudo para os que vivem na casa do Senhor! Demos muitas graças a Deus pela sensível renovação do desejo de rezar e meditar que o mundo de hoje vem esboçando. Mas, para que isto não se torne fuga estéril da vida, é bom que consultemos pessoas prudentes e experientes para sabermos até que ponto são válidos nossos planos de solidão externa. Porque também aqui pode haver uma grave tentação.

2.

Poustinia e seus moradores

Acredito firmemente que silêncio e solidão devam ser, primariamente, atitudes da mente e do coração; apesar disso, há muito tempo, cheguei à conclusão de que deveríamos ir um pouco além de meras atitudes. Vivemos num século trágico em que os homens enfrentam decisões capazes de fazer tremer os espíritos mais fortes. Esta é também a era das neuroses, ansiedades, psicoterapias, tranqüilizantes, euforizantes e toda lúgubre família de drogas que são símbolos do desejo do homem atual de escapar da realidade, da responsabilidade de tomar decisões.

Nosso tempo é também a era dos ídolos: "status", riqueza, poder. Estes ídolos modernos que dominam todos os países não diferem muito dos de outrora, em tempos de paganismo: são todos bem instalados e gorduchos. Mais uma vez a tábua do primeiro mandamento jaz por terra, feita em pedaços. Pairam nuvens de guerra sobre nossas cabeças e as ameaças que trazem consigo são cada vez mais terríveis, em termos de destruição. Quase que a cada hora, nalgum país do mundo, algum terrorista está assassinando alguém ou várias pessoas. Nunca se matou com tanta frequência, com tanto ódio nem com tanta frieza.

Existe uma resposta para essa onda de violência que está rolando sobre o mundo todo? Existe uma resposta para essa escuridão no horizonte do futuro, para o peso deste medo que nos esmaga, para esta solidão do homem sem Deus? Pode haver uma

resposta para este ódio do homem contra Deus?

Eu creio que sim... Minha resposta é: poustinia! Esta palavra que se pronuncia pustínia, quer dizer uma multidão de coisas: oração, penitência, solidão, deserto e silêncio, tudo isso oferecido a Deus em espírito de amor e reparação. É exatamente o espírito dos Profetas do Antigo Testamento! Espírito de intercessão, junto de Deus, pelos homens, meus companheiros de "pé na estrada" da vida, meus irmãos em Cristo que eu amo apaixonadamente neste mesmo Cristo e por causa dele! Já não basta levar uma vida de dedicação e entrega, como fazem muitas ordens religiosas. Todos os cristãos devem fazer mais — com votos ou sem eles — todos os cristãos, sejam eles quais forem e onde quer que estejam!

Este "mais" pode ser um poustinia: uma entrada no deserto, uma estada num lugar solitário, silencioso, onde se possa levantar os dois braços em oração e penitência, intercedendo pelos homens, oferecendo a Deus uma reparação pelos próprios pecados e pelos pecados dos nossos irmãos. Poustinia é este pequeno deserto aonde se vai a fim de criar coragem para dizer a verdade, entendendo sempre que a verdade é o próprio Deus; portanto, quando proclamamos as palavras da verdade, proclamamos a palavra de Deus. Mas, como ninguém pode pronunciar tais palavras com lábios impuros, o poustinia purifica nossos lábios, como aquela brasa ardente colocada pelo anjo sobre os lábios do Profeta.

Em termos de dicionário, poustinia significa *deserto*,

na língua russa. Aos poucos, porém, foi se enriquecendo de inúmeras outras conotações, entre as quais predomina o sentido de um local solitário, no qual as pessoas se refugiam para rezar e meditar. Esta significação de poustinia originou-se dos antigos monges da Igreja que, nos primeiros séculos, passavam sua vida no deserto, entre orações e penitências, sendo conhecidos como os "Padres do Deserto".

É exatamente este deserto antigo, como lugar tranqüilo e silencioso, que volta agora com o nome russo de poustinia, em dimensões menores, sem dúvida, mas com o mesmo apelo irresistível da solidão e do silêncio e da oração. Aí as pessoas se refugiam, em pequenas cabanas, feitas de troncos, a fim de se encontrarem com o Deus que mora dentro delas.

Nem sempre, na Rússia, as pessoas tinham seu poustinia em lugares afastados; muitas delas reservavam um pequeno aposento, em suas próprias casas, exclusivamente para a meditação; em geral, porém, a palavra designa distância das cidades e isolamento total. Assim sendo, para entrar num poustinia, requeria-se uma vocação especial: a "chamada do deserto", como no tempo dos grandes ermitães.

É importante frisar também que o "poustinik" (habitante de um poustinia) se afasta das cidades com seu bulício etc., mas não se isola dos homens! Ele não entra na solidão para rezar apenas por si mesmo. Seu silêncio, sua penitência, seu jejum e sua oração são assumidos com a intenção de

oferecer a Deus uma reparação pelos seus pecados pessoais e pelos de todos os seus irmãos que ficaram lá fora, mas aos quais ele continua unido em espírito de profunda caridade. E, evidentemente, aí se faz também a oração de agradecimento.

Nos meus tempos de menina, fiquei muito amiga de um "poustinik" ao qual minha mãe costumava ir para pedir orientação espiritual. Nunca soube quem ele era. Íamos ao seu poustinia sempre a pé e a pé voltávamos. Ao chegar, minha mãe batia na porta e logo a empurrava; não havia chave nem trinco. O poustinik estava sempre lá para receber qualquer pessoa, a qualquer hora do dia ou da noite. Minha mãe fazia uma inclinação para a cruz que se destacava na parede de troncos e para a imagem de Nossa Senhora. Depois inclinava-se para o poustinik, dizendo: "A paz esteja nesta casa!", ao que ele respondia: "A paz do Senhor esteja contigo!". Eu fazia o mesmo. A seguir o santo homem oferecia-nos chá com pão, dizendo: "Venham partilhar comigo o que Deus me enviou por sua bondade". Depois da refeição frugal, eu saía para brincar lá fora, enquanto minha mãe conversava com ele.

É difícil relacionar este homem e outros poustiniks que vim a conhecer, mais tarde, com aquele tipo de ermitão da tradição cristã, isolado do resto da humanidade. O nosso poustinik parecia mais "disponível", mais acessível. Todo ele irradiava hospitalidade, como se nunca pudesse sentir-se incomodado pelos visitantes por mais freqüentes que estes fossem. Ele tinha sempre aquela cara de "a casa é sua"! Seus olhos pareciam acender-se mais

quando aparecia um hóspede. Era uma pessoa disposta a ouvir. Falava pouco, mas escutava intensamente e compreendia muito. Era a encarnação da oração de São Francisco: consolava, compreendia, amava! E nunca pedia coisa alguma para si mesmo.

Sua disponibilidade estendia-se também para fora do poustinia em que morava. Quando, por exemplo, algum fazendeiro vizinho precisava de ajuda urgente para recolher o feno, ante ameaça de chuva, corria ao nosso poustinik e lá ia ele prestimoso, de rastelo na mão e sorriso nos lábios.

Ordinariamente, apenas homens se recolhiam em poustinias; havia, entretanto, algumas exceções femininas. Quase sempre eram solteiros, mas havia também casos de viúvos e viúvas. Raramente se tratava de pessoas "educadas", no sentido acadêmico da palavra; os casos mais freqüentes eram sempre de humildes camponeses que pouco mais sabiam além de ler e escrever. Aqui também houve exceções, quando pessoas muito cultas e até nobres procuraram a solidão do poustinia. Estes eram considerados "sábios" ou, mais precisamente, em russo, "*staretzi*": anciãos sábios. Dizem que até um dos Czares, Alexandre I, foi viver num poustinia; desta forma tentam explicar o mistério que paira sobre os longos anos de sua ausência.

Os "*staretzi*" (*staritza*, para a mulher) não eram necessariamente idosos para merecerem o nome de "anciãos"; a conotação de "sabedoria" era maior do que a de velhice. Ordinariamente as pessoas procuravam os poustinias entre os 30 e 35 anos; não

faltavam, porém, os que para lá iam já na casa dos 50 e até dos 60. Neste caso estavam pessoas que tinham sido casadas e sentiram a atração do deserto depois de terem criado seus filhos.

Ir para um poustinia não era nada de sensacional. Procuravam esta solidão os representantes de todas as classes sociais, o que parece difícil de entender para a sociedade hodierna; realmente, só Deus poderia explicar como isto acontecia. O certo é que homens e mulheres das mais diversificadas camadas sociais iam em busca deste lugar de silêncio e oração que os russos chamam de "lugar onde o céu se encontra com a terra".

Partiam desprovidos de bens materiais e com veste de peregrinos que, no verão, era apenas uma simples túnica de linho caindo até os pés, cingida, na cintura, por uma corda. Dentro de um saco levavam um grande pão integral, um pouco de sal e uma cabaça cheia de água.

Alguns faziam suas despedidas de parentes e amigos; outros nem isto faziam, deixando apenas um bilhete avisando sobre sua partida e a finalidade da mesma. Neste último caso, nunca faltava uma declaração explícita de que iam em busca de um lugar de silêncio, talvez algum poustinia, no qual pudessem oferecer a Deus, na oração e na penitência, alguma reparação tanto pelos seus pecados pessoais como pelos de seus irmãos de todo o mundo. Depois disto, partiam ao cair da noite ou, então, ao romper da aurora, a fim de que só Deus fosse testemunha.

Havia também um outro tipo de pessoas que buscavam a solidão dos poustinias; eram homens e mulheres que pertenciam a ordens religiosas contemplativas e que, com a devida licença de seus abades ou abadessas, desejavam viver numa solidão maior. Naqueles tempos os mosteiros tinham grandes extensões de terra não cultivada, na qual não era difícil construir uma pequena cabana, ao lado de uma fonte.

Em alguns casos, as próprias autoridades religiosas do Mosteiro providenciavam a construção do poustinia, sobretudo quando se tratava de mulheres. Em muitos outros casos, porém, cada um se encarregava de procurar o seu "deserto", principalmente em se tratando de homens.

Nesta última alternativa, ia-se primeiro a um santuário a fim de pedir a Deus inspiração sobre qual fosse o melhor local a escolher. Desta forma, a Rússia estava pontilhada de poustinias que eram habitados por homens ou mulheres de todas as classes sociais. Geralmente as poucas mulheres que se recolhiam a um poustinia eram pessoas avançadas em idade.

Meu pai tinha um amigo chamado Pedro, filho mais velho de uma família tradicional, bem situada na nobreza russa. Podia-se dizer que ele era algo parecido ao que hoje se chama um milionário americano: muito ouro e prata no banco, indústrias e latifúndios. Um belo dia, este ricaço foi ter com meu pai e disse-lhe: "Teodoro, há tempo que venho lendo o evangelho e decidi tomá-lo ao pé da letra, como já o fizeram tantas outras pessoas antes de mim. Vou

deixar minhas terras, fazendas e bens imóveis urbanos para minha família. Quanto ao meu dinheiro, porém, vou transformá-lo todo em ouro e prata". Assim disse e assim o fez, com auxílio de meu pai que o ajudou em toda essa transação.

Não havia caminhões naquela época, sendo todo o transporte pesado efetuado em grandes carroças, puxadas por dois cavalos de tração. Aqueles cavalos enormes de patas peludas, ainda encontrados na Europa de hoje e na América do Norte. O homem arranhou uma dessas carroças, com capacidade de uma tonelada de carga. Colocou dentro dela os sacos de ouro e prata. Em seguida, acompanhado de meu pai, o milionário Pedro dirigiu-se a um dos bairros pobres ou favelas de Petrogrado. Pois foi aí que, de casa em casa, de família em família, de mão em mão, este rico distribuiu todo o seu ouro e sua prata — que não era pouca! Depois de esvaziada a carroça, ele disse: "Agora, com meu gesto de desprendimento, creio ter resgatado as trinta moedas sacrílegas pelas quais Cristo foi vendido. Vamos embora!".

Voltou à sua casa. sempre em companhia de meu pai. Lá estava, a sua espera, sobre a cama, uma túnica de linho e um saco do mesmo estofado. Na cozinha estava um grande pão caseiro e uma cabaça. Vestiu a túnica, pegou o saco mais a cabaça e um bordão de peregrino. Depois atravessou as ruas de Petrogrado até atingir a estrada onde meu pai deixou de acompanhá-lo e ficou, de pé, olhando o milionário que, a passo firme, caminhava rumo ao desconhecido, à pobreza e solidão de algum

poustinia.

Meu pai só parou de olhar quando o homem não era mais que uma silhueta minúscula, recortada contra o sol poente. A silhueta levava apenas uma túnica, um saco, um bordão, uma cabaça. E, além de tudo isso, ainda ia descalço...

Alguns anos mais tarde, meu pai encontrava-se casualmente em Kiev, uma grande cidade ao sul da Rússia. Aí foi à missa. Havia mendigos à porta da igreja, como sempre acontece, e entre eles destacava-se um pelo seu aspecto mais miserável, nos cabelos longos e emaranhados, na barba suja e nos trapos rasgados que mal cobriam seu corpo. Parecia um doido ou retardado pela expressão do olhar parado e vago.

Naquele momento, porém, um raio de sol matutino caiu-lhe sobre o rosto e meu pai reconheceu nele o velho amigo de outras eras: Pedro, o ex-milionário! Os dois abraçaram-se efusivamente ali, diante da igreja. Depois entraram e assistiram juntos à missa. Uma hora mais tarde, durante o café, meu pai perguntou-lhe por que assumira aquela expressão de doido e de idiota, obviamente postiça... Pedro deu-lhe esta bela resposta: "Estou oferecendo a Deus uma reparação por aqueles que chamaram Cristo de doido, tanto no seu tempo como através de todos estes séculos". Depois disso, os dois amigos beijaram-se na face e separaram-se. Meu pai nunca mais o viu.

Pedro tinha pertencido a um *jurodivia*, grupo de pessoas que abandonavam seus bens e se tornavam

pobres para viver com os pobres, pedindo esmolas, como eles, às portas das igrejas e cantos de ruas. Estes não se recolhiam a um poustinia, porque sua vocação era outra: a de serem tidos e julgados por doidos e idiotas, oferecendo sua humilhação como um ato de reparação a Deus Pai pelo que os homens fizeram e continuam fazendo com seu Filho.

Além destes, havia ainda outros tipos de peregrinos que riscavam a Rússia em todas as direções, dormindo sob as árvores, em celeiros de fazendas e onde quer que lho permitissem. Também estes levavam seu poustinia no íntimo do coração e, enquanto mendigavam, rezavam pelo mundo todo.

Estas eram algumas das tradições da Rússia cristã que podem ter diminuído, mas ainda não morreram. Em 1967 estive em Roma para um congresso de Apostolado Leigo. Encontrei-me, então, com quatro teólogos russos que não sabiam francês nem inglês e me pus a seu serviço como intérprete. Tornamo-nos grandes amigos. Um dia perguntei-lhes: "Os russos ainda fazem aquelas peregrinações de antigamente?". Eles me olharam um pouco surpresos e um deles respondeu: "Então pensa você que o comunismo é capaz de acabar com nossas peregrinações?". A surpresa agora foi minha e muito agradável, por sinal. Aproveitei o embalo e perguntei se ainda havia poustinias e gente que vivesse neles. Disseram-me, então, que ainda havia cabanas solitárias e poustinias construídas nas montanhas e nos bosques russos e que até mesmo alguns comunistas, segundo se diz, de vez em quando vão passar uns dias nalgum deles... Mas, isso —

acrescentou um dos teólogos — é notícia que nunca foi confirmada!

Talvez nós, os russos, fomos escolhidos para esta vocação um tanto estranha de *poustinikki*, peregrinos e *jurodivia* a fim de que o mundo não se esqueça da essência da fé cristã que consiste em reconhecer a grandeza de Deus e em lhe dar a devida glória. A nossa fé tem que ser essa eterna busca de Deus, no desejo de conhecê-lo sempre melhor e, depois, amá-lo, glorificá-lo e servi-lo cada vez mais nos homens seus filhos e nossos irmãos.

Nós, os russos, temos uma tendência pronunciada de nos identificarmos, de modo especial, com os pobres. Daí essas peregrinações, essas pobreza voluntárias, essas penitências todas, assumidas como um ato de reparação por todos aqueles que, tendo tudo na vida, não querem saber de nada com o sobrenatural; os que, instalados em seus prazeres, nunca pensam em sair a procura de Deus. Essa atitude de penitência nos parece natural. Entristece-nos ver que a grande maioria da humanidade ou vive sem preocupações de Deus ou o procuram onde ele mais dificilmente pode ser encontrado — na vida confortável. Vida boa não é pecado, certamente, mas pode levar a uma certa atrofia da fé e a um isolamento do resto dos homens que são pobres. O conforto pode tornar-se um ídolo também.

Esta vocação de penitência é bem rara no Ocidente, exatamente por causa do culto do conforto tão comum entre os ocidentais. Mas ela é, certamente, uma vocação muito comum no meu povo e em todos os povos que seguem a espiritualidade cristã oriental.

3.

O poustinik ou eremita oriental

Quem eram estes homens e mulheres de que falávamos atrás e por que buscavam o "deserto" ou o poustinia? Creio ter dado já uma explicação que responda, de alguma forma, a esta pergunta, nas páginas que precederam. O que nos interessa, agora, é conhecer estas pessoas por dentro, saber quem eram elas espiritualmente.

Acho que quanto ficou dito já nos deixou entender que se trata de pessoas dotadas de um desejo muito forte de estarem sozinhas com Deus e seu imenso silêncio. Dissemos também que seu isolamento não era e não é motivado por razões individuais de quem não quer nada com o mundo! O poustinik, o eremita, busca a solidão pensando em Deus e *nos outros*. Imitando Jesus Cristo, a seu modo, ele se oferece como vítima de holocausto pelos pecadores deste vasto mundo.

A montanha do silêncio de Deus, envolvida na nuvem da misteriosa Presença Divina, atraía o futuro poustinik de um modo portentoso e amável.

Ir a um poustinia significa estar atento à voz de Deus; quer dizer uma tentativa séria de *kénosis*, este esvaziamento de si mesmo que todo homem deve buscar a fim de que Deus possa entrar em seu coração; da mesma forma como Cristo se esvaziou de si mesmo, de sua divindade, assumindo a humanidade em carne e osso na encarnação que o Apóstolo Paulo chama de aniquilamento de si mesmo (Fl 2,7).

Ir a um poustinia é experimentar "como é tremendo cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10,31). Mas é sentir também intimamente como é tremendamente suave e bom cair nos braços deste mesmo Deus. É um prazer espiritual tão grande, que o espírito não consegue resistir. Eis por que os russos costumam dizer: "Quem é chamado para um poustinia, ou vai ou morre de nostalgia, porque é um chamado do próprio Deus convidando-o para a montanha do seu santo e adorável silêncio".

Deus tem sempre algo muito importante a dizer a todos os que ele chama à solidão e, uma vez ouvida, a mensagem deve ser transmitida, como acontecia com os profetas antigos. Humanamente falando, o poustinik, o eremita, sente certa repugnância em transmitir o que ele ouve na montanha santa; exatamente como aconteceu com vários dos grandes profetas. Por isso é que Deus manda o famoso anjo com a brasa ardente que purifica a mente e os lábios de todo aquele que tem algo a transmitir; de todo homem ou mulher que parte nesta maravilhosa peregrinação.

Os peregrinos russos de antigamente partiam levando provisões para apenas um dia. Seu primeiro passo, rumo a essa fabulosa aventura espiritual, era de tremenda importância, porque estavam, realmente, deixando tudo: pai, mãe, esposa, filhos, amigos e relações sociais. Partiam sozinhos para o desconhecido.

Não era tanto o afastamento dos homens como a vizinhança de Deus que eles procuravam. O afastamento, a solidão era simples condição ou meio

de conseguir maior aproximação de Deus. Para tanto, esvaziavam suas mentes e seus corações de todo tipo de preocupações, atividades e relacionamentos humanos, para entrar, em plenitude e totalidade, no relacionamento novo e na nova dimensão do amor divino.

Este mergulho no divino dava-lhes um aspecto novo também e uma nova dimensão ao relacionamento e ao amor que os unia aos amigos e seres queridos que tinham ficado atrás, porque aqueles que deixam tudo por Deus, recebem esse tudo de volta, mas profundamente modificado.

Estas são as pessoas das quais se pode dizer que aprenderam a "amar sem se preocupar". No poustinia o homem ou a mulher vive com Deus e, ao mesmo tempo, com todos aqueles que ama, envolvidos também no grande silêncio de Deus, sentindo por eles um cuidado sem cuidados.

Quando falamos em "silêncio de Deus", queremos dizer um silêncio sem sons vocais externos, não um silêncio sem palavras, porque é neste silêncio que Deus fala. O Pai fala-nos através do Filho que é sua Palavra e o Espírito Santo ecoa o Pai e o Filho num amor infinitamente santo e santificador. É para encontrar-se com estes Três que são Um que tais homens e mulheres deixam tudo e todos. Mas, a partir do momento em que a porta do poustinia se fecha sobre eles, misteriosamente toda a humanidade está lá dentro em sua companhia. Seu amor povoa a solidão.

Participando da missão redentora de Cristo, o

poustinik, ou o eremita moderno, sente que está ali para rezar, chorar e sofrer todas as tentações pela salvação dos que ficaram lá fora, os quais, por isso mesmo, estão todos ali dentro! Por eles é que faz suas penitências e jejuns; por eles aceita a solidão imensa que o envolve, além de qualquer possibilidade de compreensão; mas esta, pelo fato mesmo de ser aceita dessa forma, já não é mais solidão! É o noviciado do Amor de Deus, onde o silêncio é todo trêmulo de vozes misteriosas que ensinam a amar, que ensinam a conhecer melhor esse Deus que é Amor.

Talvez aí, na reclusão calada do poustinia, Deus se revele ao homem ou à mulher com mais intensidade e maior plenitude do que aos membros de uma comunidade religiosa... Não sei se posso falar assim, porque, afinal, quem sou eu para julgar ou definir como e a quem Deus se revela mais ou menos? Somente ele pode decidir a esse respeito; mas, em todo caso, o que eu disse acima representa o modo de pensar da espiritualidade oriental.

Quanto mais me esforço por explicar o poustinia, e a idéia que os russos dele fazem, mais sinto que estou flutuando, sem apoio para os pés... É uma tarefa extremamente difícil falar de tais assuntos — espiritualidade, penitência, solidão, oração e silêncio — porque tudo isso é tremendamente alheio à mentalidade ocidental de hoje. O mundo ocidental tem sua visão da vida toda vasada em moldes de conforto e de prazer. É um mundo que anseia por ter tudo e não quer deixar nada. É um mundo que se derrama sempre mais para fora e, portanto, não

pode compreender coisa alguma sobre esta viagem para dentro!

Por outro lado, eu sinto que poustinia é pelo menos uma das respostas para a cultura ocidental, baseada em progresso tecnológico e voltada para o intelectualismo sempre preocupado em analisar tudo com precisão científica.

Se existe algo, portanto, que possa ajudar a retificar essa mentalidade distorcida é precisamente a experiência do poustinia, num contato com a espiritualidade oriental. Esta, em última análise, não é nem oriental nem ocidental: é cristã. Ela representa a eterna fome do homem, esta fome que o lança numa busca ansiosa de Deus, como peregrino do Absoluto. Sim, todo homem é um viajante, um peregrino na estrada da vida, quer o saiba quer não! Alguns o sabem, Deus seja louvado! Entre estes estão os que procuram os poustinias, entre os pinheiros de Madonna House, aqui em Combermere, e muitos outros que buscam qualquer outra modalidade de retiro e solidão onde possam saciar esta fome do infinito.

Eis porque, na minha opinião, a atração exercida pelo poustinia tende a crescer, nos Estados Unidos e no Canadá, para não falar de outros países. O fracasso de uma civilização ruidosa que esvazia o homem, quando não o mata, cria a necessidade de uma parada para pensar e refletir no silêncio e na oração.

Mas, voltemos ao primeiro assunto deste capítulo que é uma apresentação do poustinik ou eremita

russo. Todos os que eram chamados para realizar essa experiência espiritual do poustinia, na Rússia, deviam procurar um sacerdote para abençoá-los. Nenhum cristão russo saía em peregrinação sem antes ir à santa Missa, comungar e receber a bênção do seu Pároco. Depois, deixavam tudo o que tinham: uma carroça de ouro ou um "pé-de-meia" cheio de moedinhas... O importante era deixar tudo. Uns buscavam o poustinia para sempre, como vocação definitiva de oração e penitência; outros o procuravam para uma estada limitada, mas que podia durar vários anos.

O poustinik, o habitante de um poustinia, o ermitão..., chamem-no pelo nome que preferir, começava e começa sua nova vida com a idéia fundamental de que existe apenas um livro que lhe possa ensinar a respeito de Deus. Ele crê firmemente que o único caminho para chegar a Deus vai por trilhas de humildade, simplicidade e pobreza. Escolhe este caminho no silêncio e na oração; aí espera pacientemente até que o Senhor escolha a hora certa para revelar-se a ele.

Assim sendo, o poustinik levava para a solidão apenas um livro: a Bíblia. E a lia de joelhos, como um livro de oração, completamente alheio a questões teológicas ou acadêmicas. Para ele o livro santo era a encarnação da Palavra divina e, como tal, uma existência inteira não bastaria para sua leitura. Cada vez que o abria, com mãos trêmulas de fé, tinha a convicção de que se punha na presença de Deus, face a face com a Palavra, o Verbo!

Sim, o poustinik lê a Bíblia sempre de joelhos e o faz

mais com o coração do que com a cabeça. A palavra escrita passa pela sua inteligência, mas não demora aí, indo logo ao coração e deixando-lhe um sentimento de felicidade comparável ao sabor do mel na boca.

Ele lê, sem analisar, saboreando internamente, dando tempo à palavra para descer até às profundezas de sua alma. Talvez haja dias em que não leia mais do que uma página ou meia... Pode acontecer também que não chegue a isso, ficando em uma frase só, rica demais em conteúdo. É importante que cada palavra seja guardada no coração e meditada com cuidado, como fazia Maria, Mãe de Cristo, no relato do evangelista: "Maria conservava todas estas palavras em seu coração, meditando-as profundamente" (Lc 2,19).

Quando a Virgem ouviu a saudação do Anjo, não entendeu totalmente o seu sentido, no momento, nem toda a sua projeção sobre o futuro. Simplesmente disse "*fiat*". Tampouco entendeu as palavras de Cristo, aos doze anos, no templo. Mas guardou-as para meditar depois. É o que faz o poustinik: ele guarda as palavras de Deus no coração e fica numa espera tranqüila, silenciosa, cheia de paz...

Eis por que se pode dizer que este nosso eremita do poustinia aprende a conhecer Deus. Ele não deseja *aprender algo* sobre Deus, mas sim *aprender o próprio Deus*, se a gramática nos deixasse falar assim ou *apreender* o próprio Deus, se a Teologia nos deixasse dizer isso!

Porque, na profundidade do silêncio de quem procura e espera, Deus sempre se revela e se manifesta e o faz muito mais cedo e mais depressa do que quando vê alguém esbaforindo-se em buscas intelectuais, forçando as portas do Absoluto ou procurando rasgos na espessa cortina do Mistério.

Nada disso: o poustinik, o homem ou mulher do retiro, do silêncio, da solidão, fica prostrado, esperando que Deus se explique ou lhe explique o que ele quiser. Tranqüilamente, ele espera a transfiguração do Cristo, como aconteceu com os discípulos de Emaús. Seu coração sentirá o mesmo ardor que sentiram estes discípulos.

A pessoa que segue o chamamento da solidão e deixa tudo para sair em busca de Deus, depende bastante do auxílio de seus irmãos. De fato, torna-se um mendigo. Quando se ficava sabendo, nalguma aldeia russa, que um homem estava de partida para viver numa choupana abandonada, no meio da floresta, havia uma alegria generalizada, porque os habitantes estavam certos de que seriam lembrados nas orações dessa pessoa. Maior ainda era sua alegria se o futuro eremita lhes vinha pedir ajuda para construir sua cabana. Escolhia-se, então, algum lugar bem afastado, fechado entre árvores e montanhas, a fim de que, limitado o horizonte material, o poustinik tivesse maior vastidão de horizonte espiritual.

A questão da alimentação era de solução fácil. Ordinariamente o eremita tinha sua pequena horta, pescava num riacho próximo e cortava, no bosque, a lenha necessária para fazer sua comida e mantê-lo

quente no inverno. Ocupava-se também nalguma atividade manual, como o fabrico de cestos de vime ou junco. Dessa forma, além de distrair um pouco o espírito, podia manifestar sua caridade oferecendo, *gratuitamente*, seus cestos a quem deles precisasse.

O eremita russo não fechava sua porta com chave nem trinco; ela ficava sempre aberta a todo e qualquer visitante. Na verdade, nunca faltavam visitantes, como no caso que relatei algumas páginas antes.

Relembremos aqui o fato de que não se vai a um poustinia somente para pensar no próprio bem espiritual. Leva-se consigo toda a humanidade remida por Cristo. Dentro do poustinia, a pessoa se torna uma ponte entre Deus e o mundo ou um canal pelo qual fluem as águas da salvação. No poustinia o homem, com os ouvidos mais perto dos lábios de Deus, por assim dizer, ouve melhor a palavra divina. Depois de ouvi-la passa a transmiti-la aos que o visitam através de aconselhamento, orientação, compreensão, bondade e tudo enfim o que ecoa a infinita bondade e misericórdia.

No Oriente, as pessoas sabem disso; sabem que o eremita é uma fonte transparente, disponível! Por isso todos os sedentos de auxílio espiritual vão até ele!

O alimento material também é oferecido. As pessoas recusam por delicadeza, na maioria dos casos, mas o oferecimento nunca falta. Nunca é grande coisa nem muito variado o alimento que se oferece; geralmente é o pão. Esta oferta de alimento é parte da

hospitalidade que nunca pode estar ausente no eremita russo, todo ele inteiramente disponível, transformado em oferta, pronto a repartir com os outros sua morada, seu alimento, seu tempo, sua experiência espiritual de Deus e sua própria pessoa. Até seus braços estão disponíveis para algum trabalho de emergência, como o de apressar uma colheita em caso de chuva ou o conserto de alguma ponte caída etc. É só chegar e dizer: "Irmão, precisamos de alguém para ajudar-nos a recolher o feno". E o homem da oração e do silêncio sai imediatamente e é capaz de passar um dia inteiro trabalhando no campo com seus irmãos.

Na Rússia nós temos uma crença muito firme: se me aproximo de Deus, tenho que me aproximar dos homens; aqui não há distinção, desde o dia em que Jesus Cristo se fez homem e se ajoelhou diante dos seus apóstolos para lavar-lhes os pés. Aproximar-se de Deus é candidatar-se ao serviço da humanidade. Não consigo rezar se não sei servir. Não sou capaz de rezar tendo um irmão passando fome a meu lado. É só recordar a bela estória ou parábola do bom samaritano. O sacerdote e o levita que passaram ao lado do homem ferido tinham apenas o nome, não a realidade nem a dignidade sacerdotal.

Um poustinik podia, às vezes, passar um mês, seis semanas ou mais tempo prestando ajuda a seus vizinhos fazendeiros ou aldeões, quase esquecido do fato de que era um eremita e que devia estar confinado à sua cabana, lendo a Bíblia, rezando e fazendo penitência. A razão é muito simples: ele *levava o poustinia sempre consigo* e sua solidão e

silêncio interior estavam sempre dentro de seu coração.

Um outro aspecto da vida de um ermitão desses é a mortificação. Os russos acreditam que a oração tem dois braços: o recolhimento e a penitência. A oração principal de um poustinik é a do nome de Jesus: "Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim, ó Filho do Deus Vivo, porque sou um pecador". Não quer dizer que seja a única; existem outras mais, algumas delas dirigidas a Nossa Senhora. Além de rezar, porém, ele deve mortificar o seu corpo, principalmente pelo jejum.

Se um dia você encontrar um poustinik triste, fique sabendo que ele não é um verdadeiro poustinik. As pessoas mais alegres, na Rússia, são estas pessoas que escolheram o deserto e a solidão, onde o silêncio está cheio da eterna alegria de Deus. São homens e mulheres que, aos 70 anos, têm ainda os olhos de uma criança, porque estão cheios do amor e da alegria do Senhor. A presença de Deus é irradiante; transborda dos olhos e no sorriso. É impossível ocultá-la, como é também impossível fingi-la ou falsificá-la com atitudes postiças. Por isso é que o eremita, apesar de toda a sua mortificação e penitência, é um homem profundamente alegre.

Há também uma crença, na Rússia, segundo a qual, assim como um homem foi chamado por Deus para viver num poustinia, assim, igualmente, pode receber do mesmo Deus um convite para sair dele. Quando? É difícil dizer. Ordinariamente se diz que o eremita é chamado para fora da sua solidão a partir do momento em que ele deixa de perceber que está

rezando, porque a este ponto chegou a perfeição da sua união com Deus. Esta é a hora em que ele deve ir, como Cristo, para a vida pública: para pregar e profetizar, para comunicar ao mundo toda a riqueza sobrenatural que Deus lhe comunicou no silêncio e na solidão.

É este o momento em que o eremita se torna novamente um peregrino. Não volta à sua terra natal nem a seus parentes, se bem que possa passar por lá. E vai transmitindo amor, bondade e sabedoria a todos os que lhe cruzam o caminho. Deixa sempre bem claro que tudo aquilo que comunica foi aprendido no silêncio e na oração e que, agora, Deus o comissionou para passá-lo adiante como dons do alto.

Desta forma, misturam-se e fundem-se, na Rússia, duas estranhas vocações: a do peregrino e a do eremita. Um poustinik pode tornar-se peregrino e este, por sua vez, pode tornar-se eremita. O peregrino que vai para um poustinia é um homem que procura conhecer a Deus mais profundamente e quer também saber onde este mesmo Deus deseja que ele esteja. O poustinik que se torna peregrino é o homem que já encontrou boa parte daquilo que procurava, que já ouviu a resposta de Deus e se transforma em profeta para comunicá-la aos outros.

Existem alguns que peregrinam a vida inteira e outros que vivem e morrem dentro do seu poustinia. Na maioria dos casos, são pessoas que atingiram a maturidade cristã no grau que Deus tinha marcado para elas ou no silêncio ou na proclamação profética da Palavra divina. Oxalá o céu nos conceda encontrar na vida uma pessoa dessas!

4.

Primeiras tentativas em Madonna House

Durante vários anos, após minha saída da Rússia, jamais me passou pela cabeça que um poustinia, nos termos que acabamos de descrever, pudesse ter quaisquer possibilidades de ser experimentado e, sobretudo, vivido no Ocidente. No que concerne a minha vida particular, nunca perdi meu intenso desejo de silêncio e solidão. Desde o princípio de minha nova vida no Novo Mundo, sempre procurei esta solidão, a meu modo.

Geralmente me enclausurava em conventos para retiros individuais ou mesmo comunitários. Aí, depois das amenidades dos primeiros contatos com o novo local e com as pessoas, eu me fechava em meu quarto. Entre o quarto e a capela passava a maior parte do meu tempo. Infelizmente, porém, não podia fazer isso todos os fins de semana: tinha uma família para cuidar e um apostolado para zelar.

Mesmo antes dessa fase de retiros que eu fazia sozinha, com frequência considerável, minha vocação de solidão era uma insistência contínua fermentando dentro de mim, criando uma verdadeira pressão interior. Comecei, então, a "ressuscitar" para a velha idéia do poustinia, da forma como o vira em minha terra, vivido pelo meu povo, apesar das sérias dúvidas que tinha sobre a possibilidade de implantá-lo nesta sociedade americana, dominada pela técnica.

Foi então que recorri ao meu velho processo de abrir

a Bíblia a esmo... E lá veio a resposta: "Venda o que possuis, dá-o aos pobres e, depois, vem e segue-me"... E assim, a certa altura da minha vida, eu decidi vender tudo o que possuía e tornar-me uma poustinik ou ermitã moderna, passando a metade do dia em oração e a outra metade no serviço dos meus irmãos, os pobres.¹ Durante algum tempo, em Toronto, foi-me possível levar esse tipo de vida. Aí eu tinha o meu quartinho pobre, a minha solidão e os meus favelados. Foi um período maravilhoso o que aí passei com a aprovação e bênção do Arcebispo McNeil, de Toronto.

Tudo ia às mil maravilhas até que três moças e dois rapazes decidiram partilhar comigo a nova vida. Eu não havia planejado fundar nenhum grupo, organização ou qualquer tipo de comunidade, mas o Arcebispo pediu-me que acolhesse esses jovens. Pouco a pouco, nos transformamos numa família espiritual cujo desenvolvimento, através dos anos, resultou no que hoje temos em Combermere, sob o nome de Madonna House, Centro de Apostolado Leigo. Algum tempo mais tarde juntaram-se a nós alguns sacerdotes, o que deu à comunidade o carácter definitivo que hoje tem: sua composição de homens, mulheres (leigos) e padres.

Naqueles primeiros tempos, estava-se em plena depressão americana à qual se seguiu, quase imediatamente, a Segunda Guerra Mundial. Havia então uma ênfase especial com respeito ao

¹ Num poemeto cheio da mais bela exultação lírica e religiosa, Catarina descreve este "começo de vida nova" em seu livro: *Evangelho sem Restrições*, p. 168ss, Edições Loyola, 1978. [Nota do Trad.]

apostolado social, tanto no Canadá como nos Estados Unidos. As grandes questões eram as favelas, os guetos e, sobretudo, o problema racial americano. Em vista disso, nossa pequena família espiritual e apostólica desdobrou toda a sua ação nestes campos de trabalho, sem esquecer, naturalmente, silêncio e oração que eram parte integrante de nossas vidas. Nossa organização era conhecida como Friendship House, Casa da Amizade.

Lá por 1961, já em Combermere, comecei pensar novamente no poustinia, devido às constantes recordações da tradição espiritual russa que, em toda parte, me seguia. Era como se eu tivesse uma fabulosa riqueza espiritual, oriunda do meu povo e cuidadosamente envolta e guardada em delicados linhos de memórias e lembranças. Eu parecia ter medo de abrir esse depósito e "desembrulhar" essas tradições armazenadas na memória. A razão era óbvia: estava vivendo numa terra estranha, numa cultura diferente, onde as tradições espirituais eram profundamente diferente das minhas. Mas, às vezes, o próprio Deus se encarrega de desembrulhar velhas memórias a fim de no-las propor como assunto de meditação e de oração!

Costuma-se dizer que Deus escreve direito por linhas tortas, o que me tem parecido profundamente verdadeiro em diversas ocasiões. No meu caso, porém, as linhas que ele tirou do meu coração eram direitas; a sua complementação é que me parecia torta! Sim, porque minhas velhas lembranças e tradições russas eram totalmente impraticáveis no Ocidente, pensava eu.

Entretanto, quem era eu para decidir que era impraticável aquilo que Deus tirava de meu coração? Ante essa pergunta, continuei rezando. Um belo dia, durante um passeio pelos campos da nossa propriedade de Madonna House, fui dar numa velha casa de campo, abandonada, mas bonita e em bom estado de conservação. Olhei ao redor para o lindo cenário que dali se descortinava: campos, bosques e colinas que azulavam no horizonte.

Afastei-me da casa e olhei demoradamente para ela. De repente tudo aconteceu! Naquele momento exato eu compreendi que Deus estava escrevendo direito por linhas direitíssimas! E na ponta de uma destas linhas estava a velha casa abandonada que meus olhos viam. Ela podia... sim ela podia transformar-se no primeiro poustinia de Madonna House!

É estranho como uma lembrança de ontem se torna, de repente, a realidade de hoje. Foi o que aconteceu naquele momento. Voltei, então, à casa e, desta vez, entrei. Era uma simples casa de colono com dois cômodos apenas, na parte inferior. Uma escada conduzia a três pequenos quartos.

Desci vagarosamente aqueles velhos degraus e saí, mais uma vez, para fora. Daí a pouco eu me vi sentada nos degraus da porta de entrada, que ficara aberta, olhando ora para dentro ora para fora.

Devo ter passado muito tempo ali parada, sob a impressão de que estava numa "zona de perigo"; não se tratava de perigo físico, mas sim emocional. Afinal de contas, onde estava eu com a cabeça ao pensar que poderia transformar aquilo num

poustinia?

Era, na realidade, um assunto espiritual que eu tinha em mãos; profundamente espiritual. Estava em vésperas de plantar, numa terra estranha, a semente de outro país, outra civilização, outra tradição espiritual. Quem seria capaz de entender e aceitar uma tal proposta? Onde encontrar palavras e coragem para propô-la?...

Não sei quanto tempo passei ali sentada, revolvendo essas dúvidas em minha mente; o certo é que o sol era apenas um resto de brilhos e de cores quando voltei à estrada principal, onde deixara o carro e retomei o caminho de Madonna House. Naquele momento eu era toda, por dentro e por fora, uma tremenda ebulição de expectativas, dúvidas, angústias, alegrias e temores. Mais que tudo, porém, todo o meu ser se transformara numa imensa atenção voltada para Deus. Percebia, mais do que nunca, que ele estava falando e eu precisava concentrar-me para ouvi-lo.

Passei semanas e meses nessa escuta de Deus, rezando muito, naturalmente, porque as vozes de Deus se ouvem na oração. Finalmente, um dia, achei que surgira a hora de apresentar o assunto à nossa comunidade, pois tinha chegado à conclusão de que Deus queria um poustinia no continente americano. Percebia, entretanto, que uma decisão dessas não podia depender só de mim, nem tinha eu o direito de impô-la à comunidade, uma vez que éramos uma verdadeira família.

Agora éramos muitos tentando encontrar a vontade

de Deus. Voltamos muitas vezes à velha casa de campo, ora em grupos pequenos ora em turmas maiores. A gente examinava o local e eu explicava em que consistia a novidade que tinha em mente: o poustinia!

Mais tarde comecei a escrever sobre o assunto em cartas que enviava aos membros da comunidade que se encontravam em missões. O que ajudou imensamente para solucionar a questão foi o fato de eu ter mostrado o local e a casa a todos os diretores locais, vindos para uma reunião anual em setembro de 1962. Percebi que havia um profundo interesse no assunto, por parte de todos os membros de nossa família espiritual; mas, ao mesmo tempo, notava também certa incompreensão quanto à essência da coisa em si. Tinha certeza de que eu levaria ainda muito tempo até conseguir deixar tudo bem claro no coração e na mente de todos e cada um dos membros de Madonna House.

Este assunto de poustinia é tão importante para mim, que não me posso furtar ao desejo de partilhá-lo com o leitor em tantos pormenores. Por isso passo a apresentar uma ou duas dessas cartas escritas a membros ausentes de nossa comunidade. As cartas fazem parte do desenvolvimento histórico dos poustinias em Madonna House e testificam também que Deus, aos poucos, foi vestindo de carne e sangue aquilo que eu guardava na mente e no coração como meras lembranças e saudades do meu país. Eis uma das cartas:

“Um poustinia deve ser quase rude na sua pobreza e simplicidade. Deve conter uma mesa e uma cadeira.

Haja sempre uma Bíblia sobre a mesa, juntamente com papel e lápis. O leito seja um catre com simples tábuas em vez de colchão; mas não falem dois cobertores ou colcha e um travesseiro, se for necessário. Pode dar-se o caso em que não haja leito. Num dos cantos do quarto ponha-se uma bacia e um jarro para higiene pessoal. Eis tudo o que deve ser oferecido em questão de comodidade para dormir. Haverá água para beber e um pão dividido em três pedaços: um para a manhã, outro para o almoço e outro para o jantar. Se alguém não estiver acostumado a comer seu pão apenas com água, pode haver utensílios necessários para fazer chá ou café.

Uma simples cruz de madeira, sem o Cristo, de dois metros de altura por um de largura, deve estar pregada na parede, em lugar bem destacado. A seu lado, uma imagem de Nossa Senhora ou, então, mais afastada, no canto voltado para o Oriente, tendo aos pés uma lâmpada acesa. A cruz sem o Cristo é para lembrar o que ela é para nós, pois os que amam apaixonadamente Jesus Cristo desejam ser crucificados com ele a fim de chegarem às alegrias da Ressurreição. Isto é suficiente para definir o aspecto externo do poustinia.

Mas, evidentemente, há outros aspectos mais importantes. O deserto é o símbolo da austeridade, pobreza e simplicidade. É Deus quem leva a alma ao deserto e ela não pode permanecer aí a não ser que seja alimentada por Deus. Eis porque aí se faz abstenção do alimento material pelo jejum e, de certo modo, até de alimento espiritual que possa vir

de outros livros que não a Bíblia. Nela está Deus como o alimento fundamental.

Gostaria de saber quais as reações de todos vocês a respeito destes dois aspectos do poustinia. É provável que tenham manifestado boa dose de curiosidade e, talvez, se tenham sentido envolvidos emocionalmente quando estiveram naquela casa de campo para lavá-la e pintá-la. Esta reação emocional é compreensível por tratar-se de uma idéia nova e realmente excitante, não só do ponto de vista emocional como também espiritual. Permitam-me, porém, que os previna: vocês poderão achar o deserto um lugar terrível, como aconteceu com Cristo. Eu sei porque nele estive já muitas e muitas vezes.

Não quer isto dizer que se deva ter medo do poustinia; o temor de que falo é o que pode surgir ocasionalmente e morar com vocês dentro da solidão. É o medo que todo homem experimenta em sua alma, fruto da presença de Satanás que, mais ainda do que qualquer um de nós, tem um verdadeiro pavor do poustinia! O medo é um tipo de tentação.

Não haja dúvida que, no principio, o simples fato de estar num poustinia será uma novidade muito excitante. Mas quando se começa a repetir a experiência, digamos uma vez por mês, então a coisa muda e um problema sério começa a surgir dentro de vocês; um sofrimento que eu chamaria de "dor de parto espiritual". Haverá, por vezes, um tremendo tédio, secura interior e o tempo se arrastará numa lentidão irritante. Esta é uma das

razões pela qual não lhes será permitido passar mais de 24 horas no poustinia, numa primeira experiência. Talvez uma licença especial do padre espiritual possa prolongar esse tempo a 36 e até 48 horas.

É indispensável que o "deserto" seja um lugar de simplicidade total, como já deixei expresso. Portanto, nada de cortinas, livros, quadros etc. A única exceção, quanto a quadros, é a imagem de Nossa Senhora. Ninguém se iluda tampouco com a idéia de que o poustinia deva estar sempre no campo: uma cabana feita de troncos, como as temos aqui em Madonna House. Seria uma concepção falsa do poustinia, do "deserto" que pode estar em qualquer parte uma vez que, fundamentalmente, ele está mais dentro do que fora de nós. Como foi dito atrás, até um quarto vazio, na própria casa em que se mora, pode preencher essa finalidade ou, quem sabe, até um armário ou guarda-roupa bastante grande!

Sem dúvida alguma, o poustinia vai denudar você. O Senhor do Deserto fará o mesmo. Como ele, você também será tentado; mas, no fim, uma imensa serenidade transbordará de sua alma, a paz como resultado da ordem interior vinda de Deus.

Lembre-se de que você irá ao deserto pelas seguintes razões:

- ❖ para jejuar,*
- ❖ para viver em silêncio,*
- ❖ para rezar, de modo que você possa morrer para si mesmo mais depressa, podendo assim*

comunicar Deus ao mundo também mais rapidamente. Porque o mundo tem fome de Deus!

- ❖ *para oferecer reparação, tanto pelos seus pecados como pelos pecados dos outros.*
- ❖ *para rezar pela humanidade, pela paz, pelas missões, pela união dos cristãos, mesmo dentro da própria Igreja Católica.*
- ❖ *para tornar-se santo, isto é: amante de Jesus Cristo, em verdade, e pelo testemunho das obras.*
- ❖ *para imitar Jesus Cristo,*
- ❖ *para salvar sua alma e a dos seus irmãos,*
- ❖ *para aprender mais rapidamente a entrega total a Deus, porque já o fizemos esperar demais!*

Tenham todos estes pontos ante os olhos, meus queridos, e preparem seus corações para essa jornada em demanda de um deserto em que vocês morrerão por Cristo e em Cristo a fim de ressuscitarem com ele."

Numa segunda carta eu dizia:

"Como lhes prometi na minha primeira carta, continuarei a explicar-lhes o sentido e o espírito do 'deserto'. Trata-se de uma importante inovação a ser introduzida em Madonna House; vamos integrar, em nossa vida, a experiência eremítica do deserto; isso tem, realmente, um alcance tão amplo que talvez vocês não consigam percebê-lo.

O eterno paradoxo de Cristo e sua Igreja continua. Por um lado, a Santa Igreja parece afrouxar quase

tudo, pelo fato de suspender a maioria dos dias de jejum e abstinência... De outra parte, porém, o Santo Padre está conclamando urgentemente toda a família cristã de boa vontade a uma vida de sacrifício, penitência e boas obras, realizadas em espírito de fé, aos olhos do Senhor.

Será tudo isso contraditório? Talvez ... Mas, pensando melhor, não há contradição alguma nestes nossos tempos meio adoidados, nestes nossos dias de guerras frias e quentes, de insegurança, de transporte ultra-rápidos com incríveis e rapidíssimas mudanças de clima e de temperatura... Em tempos assim, existe, de fato, uma razão para afrouxar as rígidas leis que regiam o jejum e a abstinência na Igreja. Nosso homem moderno está longe de ser como seus antepassados, pacificamente enraizados na paz e tranqüilidade de uma vida rural, longe da agitação e da comoção da hora presente!

Talvez a melhor razão para o abrandamento das leis do jejum e da abstinência resida no fato de que, com a suavização de medidas proibitivas, a Igreja visa a uma libertação maior da pessoa humana, deixando-a tomar, ela própria, as decisões ditadas pelo amor de Cristo e pelo amor a Cristo. Abrir-lhe as portas para uma melhor compreensão da religião e da kénosis, este esvaziamento espontâneo de nós mesmos para que Cristo entre e tomei posse de nós. Tudo isso, em outras palavras, é uma abertura para a generosa liberdade do amor que deseja morrer, para estar com Cristo, através do livre exercício da penitência e da mortificação.

Destarte, tendo libertado os fiéis das imposições do

preceito, o Papa agora convida-os a ir até mesmo além daquilo que era pedido ou imposto antes. Não há, pois, paradoxo nem contradição alguma, desde que se considere tudo na simplicidade e na luz do divino Espírito Santo.

Impressionou-me muito o fato de que a primeira idéia do poustinia, em Madonna House, me tenha vindo bastante antes do Papa escrever sua encíclica sobre a penitência. Isto nos deixa com a convicção de que estamos pensando e agindo em uníssono com a Igreja, o Papa e, portanto, com o próprio Deus.

Um pequeno esclarecimento ainda. Não espero, com tudo quanto venho dizendo, que cada um de vocês reserve logo uma vaga para o poustinia e nem mesmo sinta logo o desejo de fazê-lo. Tal decisão deverá surgir do próprio coração, atento à voz de Deus, desejoso de descobrir sua vontade e da orientação do diretor espiritual que é o representante de Deus para cada um, em tais assuntos.

Esta orientação nunca deve faltar quando se vai a um poustinia. Pode ser que o diretor recuse a licença, na primeira vez, o que deve ser aceito com grande paz de espírito. Eventualmente a permissão será concedida. Estas disposições são absolutamente necessárias para quem deseja ir ao "deserto". Quem para lá se dirige baseando-se exclusivamente na sua própria vontade e juízo, já está desqualificado para entrar.

Que seu poustinia seja um 'jardim fechado' (Ct, 4: 12) pois é um lugar santo, onde se entre apenas para

encontrar-se com Deus. Não deve ser uma experiência para ser depois discutida, exibida e alardeada em todas as conversas.”

Eis mais alguns trechos da minha última carta sobre este assunto do poustinia:

“Espero que vocês entendam por que Deus tirou todas estas lembranças do fundo de minha memória e lhes deu corpo e realidade. Ao ver aquela velha casa abandonada, nos campos de Madonna House, eu senti uma grande preocupação por vocês, por todos vocês! Foi por isso, que pouco a pouco, a idéia do poustinia foi adiante e criou raiz aqui entre nós, se bem que não se tenha ainda propagado às nossas outras casas de missão urbana.

Não levamos ainda o deserto ao mercado porque o mercado está constantemente vindo a Madonna House, nas centenas e centenas de jovens que aqui vêm em busca de respostas para seus problemas. E nós sempre lhes abrimos as portas da casa e mais ainda as do coração, o que define a verdadeira hospitalidade.

O fluxo desses visitantes é muito intenso, sobretudo nas férias de verão, mas, quando elas terminam e o vaivém diminui, sentimos todos uma grande necessidade de voltar ao silêncio de Deus. É aí que o poustinia entra como a exigência de um banho depois de longa caminhada em calor intenso. Nossa equipe dirigente também começou a vê-lo assim, como uma verdadeira necessidade.

No primeiro ano, a casa de campo foi usada apenas

pelos membros aqui. Pouco a pouco, porém, a idéia se espalhou entre nossos membros de outras comunidades, dispersos em missões diversas. Eles começaram, então, a improvisar quartos vazios e quaisquer outros cantos esconsos em suas próprias casas. Alguns dentre eles construíram pequenas barracas. Quem sabe se, um dia, todas as nossas casas poderão ter seu próprio poustinia. Talvez, num futuro bem próximo.

Enquanto eu escrevia estas cartas, verificou-se, entre nós, um estranho fenômeno. Logo que começamos a usar aquela casa abandonada em nossas terras para termos aí nosso deserto e nosso lugar de recolhimento e oração, as pessoas que nos visitam começaram a mostrar interesse pelo local. Isso tornou nosso primeiro poustinia tremendamente popular. Todos queriam fazer sua experiência de deserto.

A lista dos candidatos ao deserto cresceu tanto que nos vimos forçados a construir, pouco a pouco, outros poustinias, e cheguei, eu também, a construir um só para mim, na minha ilha.¹

Mesmo assim o número de "candidatos" aumentava sempre e as filas dos que esperavam sua vez se tornava sempre mais longa. Muitos eram os sacerdotes e freiras que vinham a nós com o desejo

¹ O rio Madawaska passa bem ao lado do conjunto de construções que constituem Madonna House, em Combermere, formando ali uma pequena ilha na qual a "Baronesa" ou Catarina tem sua morada e seu poustinia. Esta é a ilha que, carinhosamente, chama de "sua". (Nota do Tradutor)

específico de passar alguns dias na solidão do poustinia, a pão e água. Em vista disso acabamos construindo outro só para padres, junto à residência reservada ao clero.

Para ser franca, eu jamais imaginei que a "vocação do poustinia" pudesse vingar em terras americanas. Eu tinha um grande sonho, mas era algo que me parecia inconcebível, irrealizável... É como diz a Bíblia: Meus caminhos não são vossos caminhos!".

Certo dia um trapista veio a nós, procurando um lugar onde pudesse levar a vida eremítica que havia sonhado durante largo tempo. Mostrei-lhe, então, nosso primeiro poustinia, aquela casinha no meio dos campos e colinas. Ele logo decidiu fazer a experiência. Tivemos, então, uma longa conversa durante a qual procurei explicar-lhe tudo o que atrás ficou dito, sublinhando, sobretudo, o estilo do eremita russo ou do "poustinik" que passa alguns dias no seu deserto e outros fora dele, servindo a seus irmãos.

O bom trapista gostou imensamente da idéia e começou a pô-la em prática: três dias no poustinia e o resto da semana servindo à comunidade, como professor de Sagrada Escritura. Não demorou muito e quatro outros padres logo apareceram, mais quatro padres dispostos a abraçar a vocação perpétua do poustinik russo de três dias dentro do poustinia, em oração, silêncio, penitência e quatro dias fora, no serviço ao próximo.

Mais tarde apareceram também duas mulheres para o mesmo tipo de vida. Para cada um destes

construímos uma cabana de troncos entre as árvores do bosque.

Um dia, enquanto rezava no meu próprio poustinia, senti-me, de repente, como que esmagada pelo suave e imenso peso dos maravilhosos desígnios de Deus a respeito da nossa humilde obra de Madonna House. Somente Deus poderia ter dado vida às minhas recordações de infância e aos meus desejos medrosos de introduzir o poustinia em terras da América do Norte. E ele o fez com tamanha eficiência e liberalidade que não só construiu muitos poustinias em nossas terras, mas também despertou a vocação contemplativa e o espírito de oração e penitência em centenas e centenas de pessoas que por lá passaram e em outras mais que esperam sua vez em longas listas. E agora a idéia, como boa semente de Deus, está se espalhando por todo o continente!

5.

O poustinia ocidental

Qual a diferença entre os poustinias russos que descrevemos antes, nestas páginas, e os que temos agora em Madonna House? Digamos, antes de tudo, que os nossos ainda estão em fase de crescimento e evolução. Procurarei descrever o que está acontecendo aqui e, ao mesmo tempo, discutirei algumas noções ocidentais como "comprometimento", "disponibilidade" que são entendidas de modo diferente no Oriente.

Mudaram-se os tempos e, com eles, o comportamento humano também mudou. O mundo está todo urbanizado, talvez até demais. Por isso mesmo é que se sente cada vez mais, nos corações e nos espíritos, a necessidade de solidão, do silêncio de Deus, longe do barulho do tráfego e de outros barulhos piores. O que certamente não mudou foi a graça de Deus oferecida aos homens.

Creio que haverá uma renovação, um ressurgimento da vida eremítica perpétua, nos nossos dias, se bem que com aspectos diferentes que se adaptem melhor ao homem de hoje. Não tenho dúvidas de que outros e outros poustinias serão construídos ao redor daquela nossa primeira casa abandonada. O que não posso dizer é quais serão, em definitivo, as modalidades ou o estilo dessa nova vida.

O trapista, de quem falei há pouco, faz parte agora da nossa comunidade e vive no poustinia de segunda a quinta-feira. Como especialista em Sagrada

Escritura, ele possui lá uma boa e ampla biblioteca. Só Deus sabe quanto o mundo precisa dos conhecimentos que este homem armazenou antes de vir a nós e continua adquirindo na solidão e no silêncio do poustinia. Ele tem também um telefone para seu uso e dita muitas cartas. Traduz livros, escreve artigos. Sua operosidade mostra que o mundo chega até o interior do seu poustinia.

Seu tipo de solidão é mista, diferente, portanto, da solidão do ermitão antigo e do poustinik russo. Talvez esta deva ser a forma certa; talvez deva ser esta a modalidade definitiva do poustinia planejada por Deus para esses nossos dias cheios de "*aggiornamenti*". A nós compete apenas esperar e rezar porque, na verdade, somente Deus poderá dar uma feição estável e definitiva a esse tipo de vocação que está se desenvolvendo em Madonna House. Há momentos em que eu me sinto confusa a respeito de tudo isso, tenho que admiti-lo! Mas entrego o assunto a Deus.

Uma outra diferença situa-se na área do jejum. Algumas vezes os nossos poustiniks ou "eremitas" vêm tomar suas refeições com a comunidade, durante seus três dias de solidão; outras vezes eles jejuam a pão e chá por dois ou três dias. Neste ponto também não tenho julgamento nem respostas definitivas. Permaneço em compasso de espera para ver o que Deus tem em mente acerca desses novos poustinias ocidentais.

Todo tempo de espera é necessariamente longo, confuso e penoso... mas torna-se necessário, nessa altura dos acontecimentos; seria uma falha minha

diante de minha comunidade se eu não esperasse! A adaptação ou "tradução" do verdadeiro poustinia russo para o que estamos estabelecendo no Ocidente está se processando tão naturalmente que nos parece ver a mão de Deus conduzindo tudo isso na direção certa. Tenho certeza de que ele nos mostrará o caminho e as respostas para o desenvolvimento correto e definitivo.

O que é indubitável, no momento atual, é que os poustinias de Madonna House já ajudaram muitos sacerdotes, freiras e leigos a encontrarem seu caminho para Deus. Todos esses cobraram aí novas forças e coragem renovada para aceitar e cumprir a vontade deste mesmo Deus. E saíram para seus conventos, paróquias e lares com o coração mais cheio de amor por ele e mais dispostos a lhe serem fiéis. Estes fatos são reais, insofismáveis e aumentam de ano para ano e não se tem visto nenhum sinal de arrefecimento deste entusiasmo nem destes resultados consoladores.

Em minha própria visão das coisas, o poustinia apresenta duplo aspecto. De um lado, pessoas que venham para uma experiência temporária de solidão e oração, por alguns meses, um ano ou talvez mais. Ao lado destes vejo o verdadeiro poustinia russo ao qual acorrem homens e mulheres decididos *a passar a vida* no deserto. Porque precisamos desta modalidade de poustiniks entre nós: pessoas resolvidas a permanecer toda a vida no silêncio de Deus, longe das distrações causadas pelo barulho, agitações e exigências que a vida lá fora traz consigo. Tais exigências, se, por um lado, não são

sempre erradas, por outro, não são sempre certas.

Estes verdadeiros "silenciosos" — os que, de fato, desejam rezar — terão em seu poustinia um ambiente humano que os habilite a cuidar de sua própria vida espiritual, escrever cartas etc. Pode ser que eu me engane, mas acho que haverá candidatos para esse tipo de vida. Tais poustiniks serão diretores espirituais a distância: através de cartas virão muitas pessoas à sua procura, batendo-lhes à porta, por assim dizer.

Sim, já posso visualizar esse tipo de "ermitães" modernos, homens e mulheres, abraçando a vocação perpétua de "deserto" e vindo à nossa comunidade de Madonna House apenas para a missa dominical. O resto da semana passarão na solidão do seu poustinia.

Gostaria que, ao lado de sua atividade fundamental de oração, leitura da Bíblia, meditação etc., eles tivessem também alguma atividade externa de artesanato ou, quem sabe, o cultivo de uma pequena horta. Mas isso é secundário; o essencial é que saibam amar a solidão e nela aprendam a amar a Deus e seus irmãos. Precisarão de mais livros do que apenas a Bíblia, mas acho que, antes disso, convirá passarem um ano inteiro em companhia só da Bíblia. Entre estes haverá os que entrelaçarão suavemente ação e contemplação e os que se dedicarão inteiramente à vida puramente contemplativa. O mundo precisa de ambos estes estilos de vida.

Como estão vendo, eu me perco um pouco quando começo a falar sobre a evolução do poustinia.

Qualquer seja sua modalidade, ele deve ser um lugar onde o silêncio exterior favoreça o silêncio interno da alma e do coração, que se transformam numa perene atenção voltada para a voz de Deus.

Espero que estes poustinias do homem moderno e ocidental sejam lugares de grande pobreza, onde roupas, alimentos e outras exigências da vida se reduzam ao que for essencial; mas ainda aqui não pretendo ditar regulamentos fixos. Os membros de Madonna House rezarão a fim de que cada pessoa receba de Deus a iluminação necessária para saber que estilo de poustinia ele ou ela devam escolher.

O poustinia não deve ser, em hipótese alguma, um lugar que se procure apenas para descanso e recreação ou mesmo só para mudar um pouco o "ritmo de vida". Poustinia é um lugar santo, tão santo que a gente treme ao entrar nele, com espírito preparado e reta intenção. Não é lugar para uma xícara de café, uma refeição ligeira e um bom "papo" com um amigo. É um lugar de Deus e de seu companheiro, o poustinik! Sinto estalar no peito o coração quando, às vezes, devido a circunstâncias inevitáveis, temos que usar um poustinia para outras finalidades. Talvez seja sensibilidade exagerada de minha parte...

Eis, portanto, a situação presente: cada dia mais numerosos são os que vêm a Combermere para "fazer o poustinia"! É provável que tenhamos de construir mais cabanas de troncos por aqui. Que venham quantos quiserem e lhes daremos um lugar para dois ou três dias de silêncio, oração e jejum. Este último, naturalmente, de acordo com a saúde e

a idade do candidato. Terão uma cama de tábuas duras ou com um colchão, se estiverem doentes.

É de suma importância que a decisão de ir ou não ir a um poustinia seja tomada sempre com a orientação de um sacerdote; o padre está no lugar de Deus para estas coisas.

Caberá ao candidato ser muito sincero quanto aos motivos que o impelem ao "deserto": que não seja simplesmente um dia de repouso para afrouxar as tensões interiores que a vida cria em nós! O poustinia desligado de verdadeira motivação sobrenatural, em vez de ajudar, torna-se até contraproducente. Já houve quem viesse a uma de nossas cabanas por um dia só para blasonar-se, mais tarde, entre amigos e parentes de que "estive em Madonna House e fiz o poustinia!". Os padres, aos quais toca decidir quem vai ou não vai, devem, por sua vez, tomar este assunto muito a sério e pedir a Deus que os ilumine no aconselhamento.

É desta maneira que o poustinia ocidental irá evoluindo e se desdobrando. Na medida em que esse apostolado crescer em "sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens", talvez venhamos a receber, em número sempre maior, pessoas que desejem viver o ideal russo dessa experiência espiritual... Mas, pode ser também que tal ideal já não exista e, então, tais pessoas jamais aparecerão! Haverá um outro estilo de poustinia para suplantá-lo? É cedo para dizer.

Entretanto, sou levada a crer que a fome de Deus e de silêncio vai voltar. Hão de surgir homens e mulheres que acreditem na força do silêncio e da

oração, não só como meio de santificação pessoal, mas também como medida de apostolado. Estas pessoas verão, na vida solitária de oração e sacrifício, um holocausto que, unido à paixão de Cristo, ajudará a humanidade a abrir o próprio coração, com simplicidade infantil, para ouvir a palavra de Deus, esta mesma palavra que eles escutaram no silêncio e que levarão consigo para o mundo.

Algo me diz que surgirão muitos poustinias neste continente americano porque a humanidade está cansada dos barulhos de dentro e de fora, gritos de ódio, de paixão e gemidos de angústia e remorso dentro das consciências. Os homens estão se cansando de si mesmos, de seus vícios cada vez mais degradantes, de suas ambições de dinheiro e de poder... Sentem necessidade de se esvaziarem de tudo isso e de si mesmos, o que é mais importante! Ora não há lugar mais indicado para este processo de autodenudação do que o poustinia. O silêncio e a meditação encham o homem de Deus, depois de o esvaziarem de si mesmo.

E estes que assim vierem serão os profetas de amanhã, os que Deus enviará ao mundo, como outrora enviou seu próprio Filho, como mensagens vivas de fé, esperança e caridade. Já não tenho dúvidas a esse respeito; apenas ignoro como será feita a adaptação da antiga vida eremítica do Oriente transladada para o século vinte e para o Ocidente. Isso pouco importa porque Deus sabe o que faz e como o faz!

A forma definitiva de um poustinia depende muito,

naturalmente, das idéias que se possa ter de "espiritualidade" a ascese. Gostaria, então, de discutir um pouco a noção de "comprometimento" tanto sob o prisma oriental como sob o ponto de vista do Ocidente. Esta comparação é de suma importância para o desenvolvimento do poustinia.

Certa vez, em fevereiro de 1971, fui abordada com a seguinte pergunta por uma das nossas três mulheres que passam a vida num poustinia:

Qual a essência do nosso "engajamento" ou comprometimento aqui em Madonna House?

Respondi-lhe que, antes de tudo, nosso compromisso fundamental é tomar consciência da nossa fraqueza, de acordo com a frase paulina: "Eu me gloriarei, de bom grado, das minhas fraquezas" e, em outra parte: "Quando estou fraco, então é que me sinto forte". Procuremos aprofundar um pouco esta experiência de fraqueza.

Nós somos os pobres de Deus — *anawim* — que dependem exclusivamente dele e nele nos apoiamos para todo o bem que possamos praticar. Esta é a fraqueza a que me refiro. Quando alguém é fraco desta forma, torna-se robusto pela força de Deus. Destarte, a preocupação de todo e qualquer homem ou mulher que entre num poustinia é dar-se conta de que é um pecador salvo de seus pecados e alegrar-se com esta descoberta. Em seguida, olhando para o seu nada, convence-se de que tal libertação só pode ter vindo de Deus.

Surge então a segunda descoberta de sua

dependência total desse mesmo Deus, descoberta que o enche de uma alegria imensa e transbordante! À dependência está unida a confiança que completa o quadro do júbilo interior: o homem sabe que pode ir a Deus em todas as suas necessidades e ele o atenderá!

O poustinik é um pequeno agricultor que trabalha seu campo, de enxada na mão, ora capinando as ervas daninhas, ora preparando o solo para sementes boas... Mas estas, somente Deus as pode semear em seu pobre campo humano. É assim que o solitário do poustinia transforma o deserto numa "roça", numa horta ou num jardim. Só que esse deserto não é mais a terra em que ele mora, mas sim a terra do seu próprio coração e da sua própria vida.

Esse tipo de "jardinagem" é o compromisso básico de um poustinik que o deixa exposto a grandes riscos e a grandes sofrimentos; mas prepara também, em seu coração, lugar para grandes alegrias. Isto porque o poustinia deixa em nós uma abertura para Cristo. Ora, só existe o Cristo crucificado e ressuscitado. Portanto, quando ele entra na casa de alguém, vem necessariamente acompanhado das alegrias da ressurreição e das dores da paixão.

Pode ser que os ocidentais vejam nesta noção um tipo exqu岸ito de "envolvimento", compromisso, engajamento ou qualquer que seja o termo. Estranho porque parece virar você para dentro de si mesmo, com uma espécie de vassoura nas mãos, com a intenção de purificar-se sob a orientação de

Deus! Sim, é isso mesmo: um compromisso com nossa pureza interior, com a limpeza de todos os corredores, recantos e refolhos do coração, da alma e da mente, o que é levado a cabo com uma paz profunda e indescritível.

A oração é o segundo compromisso e dimensão de uma comunidade e de um solitário em seu poustinia. O mundo pensa que somos homens e mulheres de oração. Continuamente recebemos pedidos de oração pelas mais variadas intenções: "Reze por meu pai que está doente", "por favor, reze por uma operação a que vou ser submetida", "reze por meu vestibular na faculdade", "reze para que meu casamento dê certo".

Sugiro que se tenha um "livro de intenções" ou caderneta em que se anotem as diversas intenções pelas quais nos pedem orações. Eu tenho um caderninho desses. Isto fará com que se dê atenção ao pedido que é feito e se leve a sério. Eu costumo deixar o meu caderninho debaixo da imagem de Nossa Senhora, motivada pela idéia tola de que Maria Santíssima, à noite, toma o livrinho e lê para seu divino Filho todos os pedidos lá anotados! A idéia é infantil, evidentemente, mas, de qualquer forma, eu deixo o livrinho lá!

Quando as pessoas nos pedem que rezemos por elas, devemos sentir certa responsabilidade neste sentido. Muitas vezes eu menciono as intenções e pedidos na oração dos fiéis, durante a Eucaristia; outras vezes, escrevo um bilhete a algum dos nossos padres recomendando-lhes a intenção ou pedido que chegou a mim. Os pedidos são inúmeros; em vista

disso, alguns são esquecidos, de vez em quando. Para tais casos, tenho uma oração especial em que peço ao Senhor "por todas as pessoas que se recomendaram às minhas orações ontem ou há mais tempo...". Este é um modo de a gente se sentir responsável pelo outro, "comprometido" com a comunidade cristã.

Os ocidentais têm uma tendência curiosa de se sentirem culpados, quando estão dentro de um poustinia, por não estarem ligados à comunidade, comprometidos com ela, como parte dela. Tal problema jamais me passou pela cabeça. Quando um russo construía seu poustinia perto de uma aldeia, automaticamente ele se sentia "parte daquela aldeia", sem precisar que alguém lhe dissesse isto. Ser parte de uma comunidade não é uma questão de geografia. Supõe-se que, como ficou dito, quem vai a um poustinia, fá-lo sempre sob a orientação do seu diretor espiritual. Ora, onde quer que você esteja com as bênçãos da obediência, você continua sendo parte da comunidade!

Uma das causas desse sentimento de culpa por "isolar-se da comunidade" na vida solitária, nasce, creio eu, da noção ocidental de produção. O Ocidente valoriza-se por sua capacidade de produzir! Sofrendo a influência dessa industrialização desenfreada, também os padres, freiras e leigos cristãos tendem a avaliar sua vida espiritual e religiosa por aquilo que podem produzir.

Sobretudo os padres deixam de perceber, muitas vezes, que sua presença já é suficiente. Às vezes costumam dizer aos padres que uma das melhores

coisas que podem fazer é dar, de vez em quando, uma volta pela sua paróquia mostrando-se "presentes" à vida do seu povo. Em trinta anos de vida oculta, Cristo não "produziu", em termos de pregação, milagres etc. Mas ninguém pensou em subtrair esses trinta anos da história da salvação. Qualquer homem ou mulher que ame a Deus apaixonadamente, numa vida de silêncio e oração, tem sua maneira invisível, mas definitiva de ser útil à comunidade. Seu isolamento é apenas corporal!

Um padre que vá a um poustinia deve manter-se totalmente indiferente quanto ao número de pessoas que possam procurá-lo para direção espiritual; não lhe compete sair em busca de "dirigidos". Sua porta está sempre aberta, todos sabem disso e as pessoas têm sempre a indeclinável liberdade de irem a este ou àquele. A tentação de convidar pessoas para irem conversar com ele sobre assuntos espirituais, nos dias em que está fora do poustinia, é bastante freqüente para o poustinik. Mas é tentação e, como tal, deve ser vencida. O habitante desse nosso pequeno deserto distingue-se pela disponibilidade; as pessoas sabem que ele "está lá para todos"; basta empurrar a porta. Ele não deve convidar ninguém. Contenta-se com ter a porta aberta e mais aberto ainda o coração.

Tal atitude deve ser tremendamente penosa e difícil de aceitar para um ocidental que veria nela uma espécie de passividade. Não é fácil, com efeito, apresentar-se dessa forma tranqüila e serena, à delicada ação do Espírito Santo. O Espírito move-se levemente, mais leve do que a brisa mais suave ou

do que o ar que nos rodeia. Quando respiramos não temos consciência do ar que enche o aposento... O habitante do poustinia tem que se tornar consciente até desse ar!

O poustinik deve estar desapegado de todas as coisas, até de coisas boas e santas como uma conversa altamente espiritual com pessoas de Deus ou como dirigir almas que precisam de orientação religiosa. É nessa linha, sobretudo, que o desapego se torna difícil. É duro demais ficar lá, disponível, quase como um bobo, sem "fazer" nada! Eu disse "bobo" porque foi algo assim que Nosso Senhor falou a São Francisco de Assis: "Quero que você seja um bobo como nunca se viu antes!". Imitar o Cristo considerado doido por Herodes, mudo diante de Pilatos, não é fácil para o homem ou a mulher moderna!

Anos atrás, quando um dos nossos padres aqui chegou pela primeira vez, perguntou-me, depois de umas duas semanas: "Catarina, qual deve ser minha contribuição?". "A sua presença, padre" — foi a minha resposta. Por três vezes ele insistiu e, finalmente, acrescentou: "Sim, eu sei, mas pergunto que outro tipo de contribuição posso oferecer"! O bom padre tinha sido superior de um colégio por muito tempo e achava difícil entender que não podia haver outra contribuição para Madonna House, além da sua pessoa entre nós. Ficou infinitamente feliz, quando, afinal, lhe demos uma incumbência qualquer ou cargo definido na comunidade.

Creio firmemente ser para isto que Deus chama alguém ao poustinia: a purificação total através do

esvaziamento de si mesmo. Nos relatos evangélicos da paixão de Cristo, vemos como ele ficou em silêncio diante das autoridades. Deus em silêncio, imaginem só! Ele não pede nada; apenas oferece a si mesmo.

Se quisermos saber o que significa "produção, contribuição", olhemos para aquele Homem da Cruz! Ninguém contribuiu mais do que ele. Quando você está pregado numa cruz, não pode "produzir" nem fazer muita coisa além de, simplesmente, estar crucificado. Eis aí a essência da vida de um poustinik no seu deserto.

Sua solidão ou isolamento é salvífico, é redentor e isto em proporções cósmicas! A contribuição muda e invisível de sua imolação desprende-se dele como os raios do sol que, apesar de invisíveis, fazem crescer as plantas: Sua maior contribuição é a renúncia de querer contribuir do seu modo.

E assim, pouco a pouco, ele vai aceitando seu despojamento interior e caminhando para a nudez total diante de Deus. E como ninguém sabe dizer até que distâncias do Cosmo chegam os raios do sol, assim também não se pode afirmar até onde chega a ação invisível ou a influência espiritual da solidão de um poustinik, transformada em instrumento de salvação pela graça de Deus.

O mundo está frio; estamos caminhando para uma nova era glacial, dizem os entendidos. Sob muitos aspectos, morais e religiosos, já estamos numa era glacial! É imprescindível que haja pessoas e corações quentes, chamejantes, junto aos quais possam vir

aquecer-se os que estão frios. A melhor modalidade do "zelo" apostólico consiste em deixar que Deus se transforme numa fogueira dentro de nós. E não é fácil ter a chama de Deus em si! Este é o verdadeiro "envolvimento", "engajamento", "compromisso" e por aí fora... Deixar que Deus "produza" ou contribua através da nossa aparente inação no silêncio e na oração do poustinia!

6. No limiar do poustinia

Muitas das pessoas que vêm à nossa comunidade de Madonna House nunca ouviram falar de poustinia. É freqüente ouvirem-se, entre nós, comentários acerca do nervosismo desses novatos quando decidem, pela primeira vez, passar um dia na solidão. Neste capítulo, eu me imagino numa conversa informal com estas pessoas ou com quaisquer outras que venham a sentir-se atraídas pelo poustinia. Posso imaginá-las meio estonteadas e perdidas entre mil e uma perguntas: "Aonde eu devo ir? Que devo fazer? Que coisas posso levar comigo?"... Se me fosse possível falar com cada uma dessas pessoas em particular, eu diria algo assim:

Fiquem tranquilos! A palavra poustinia soa a seus ouvidos como algum "negócio" russo misterioso e atemorizante; na verdade, porém, não há mistério algum nem temor nesta palavra. Trata-se de uma simples cabana de troncos com um fogão, uma cama, uma cadeira e uma Bíblia em cima de uma mesa, como já ficou descrito antes. O que vocês farão quando lá estiverem é difícil dizer. Durante 24 horas vocês terão um encontro com Cristo, isto é, estarão sozinhos com Deus e uma Bíblia. Só uma Bíblia, lembrem-se bem! Se vocês quiserem dormir, durmam; caminhem se desejarem caminhar. A decisão é sua. Uma vez dentro daquela cabana, façam o que o Espírito Santo lhes inspirar. Estão vendo? Nada de assustador em tudo isso.

Às vezes, quando vamos ao poustinia, estamos

exaustos física e moralmente; não há muito a fazer num estado destes: a gente simplesmente se desmonta em cima de uma cama... Que fazer? Dormir nos braços de Deus é também um modo de rezar. É uma boa maneira de sermos simples em nosso relacionamento com o Pai. Neste sentido eu, por vezes, imagino (o leitor já viu que estou cheia de imaginações...) que Cristo está à mesa comigo e o convido a tomar uma xícara de café... E, assim, meditamos juntos! Por que não?

Certa vez, ao ir para o poustinia, tremendamente cansada, dormi durante boa parte do primeiro dia; não conseguia nem ler a Bíblia. Foi então que tomei a liberdade de dizer a Nosso Senhor: "Muito bem, uma vez que me concedeu o "dom do sono", veja lá se me dá também uns sonhos agradáveis!". De fato tive uns sonhos maravilhosos e, no dia seguinte, rezei muito bem; estava descansada, atenta e bem disposta. Como se vê, existe uma certa arte em saber relaxar-se e, pelo fato de estar-se na presença de Deus, não se requer roupa especial nem rito próprio para isto; simplesmente seja você mesmo. Afinal, Ele nos conhece até pelo avesso, e querer enganá-lo ou impressioná-lo com qualquer tipo de "show", seria uma idiotice.

O poustinia é um lugar aonde não se vai só para descansar ou fazer férias, mas onde se pode *também* descansar um pouco, quando o exige o estado de espírito em que lá chegamos. Em tal caso, descansa primeiro e bem, como uma massa de pastel! Depois, comece aos poucos: umas páginas da Bíblia, um pouco de reflexão e uma oração ao Cristo.

Se esta última não sai como a gente quer, dê uma olhadela no panorama, lá fora, dizendo: "Jesus! Como você fez lindos os nossos campos" ou "Como você caprichou na brancura da neve". "Como Deus é original na água que sobe em vapor invisível e cai em torrentes de chuva!". Pensando bem, portanto, há muita coisa que se pode fazer dentro do poustinia.

Quem faz esta experiência pela primeira vez, poderá sentir uma curiosa sensação de "barulho interior". Isso aconteceu com uma jovem da nossa equipe dirigente que me disse, ao voltar do poustinia: "Nossa! Que experiência terrível! sabe o que me aconteceu?... Meus pensamentos zumbiam como abelhas dentro de mim. Eram milhões de sugestões ao mesmo tempo: vou remendar minha calça Lee... vou capinar a horta... A única coisa que não conseguia era pensar em Deus e rezar!". Eu lhe respondi que tudo isso é perfeitamente natural, na primeira vez. O homem moderno sente grande dificuldade em dobrar as asas do seu pensamento para abrir as do coração.

Há muita preocupação de conceituação no Ocidente e isso afoga o surto da oração. Estão todos cheios de suas erudições os homens do nosso tempo. É preciso fechar as asas da inteligência e entrar em contato com a solidão, em primeiro lugar; depois entrar em contato com Deus, o que é mais importante e constitui à finalidade essencial do poustinia.

O fato de vocês não "sentirem" nada é de somenos importância; fica de pé a realidade de que precisam de um encontro com Deus e de um encontro muito

especial. Digam, pois a ele: "Senhor, reservei estas 24, 36 ou 48 horas da minha vida agitada e cheia de ocupações para vir até vós porque me sinto cansado demais. O mundo não está como quereis que esteja e eu também não. Quero repousar minha cabeça sobre vosso peito amigo, como fez o Apóstolo João. Foi para isto que vim a este lugar de solidão".

Ou vocês poderiam dizer também algo bem diferente: "Senhor Deus, eu não creio que tu existas! Não creio em ti; acho mesmo que já morreste! Entretanto, disseram-me que, nesta pequena cabana feita de troncos, com o nome exquisito de pousadia, escondida no meio do arvoredo, dizem que, neste lugar, estás vivo... Vim para verificar esta afirmação... Pode ser?".

Há milhares de razões pelas quais alguém possa ir a um pousadia, todas elas válidas, desde que se respeite a essência desse tipo de retiro: fechar as portas da inteligência, durante algum tempo, para abrir as do coração e acolher aí a entrada de Deus. O intelecto humano já construiu muitas torres de Babel e continua levantando-as por aí...

O Apóstolo Paulo nos diz que é "preciso rezar sempre e nunca desistir". A oração é uma fonte dentro de nós, fonte de vida e, como tal, parte íntima e essencial de nossa existência. "Quando vocês rezarem, entrem em seus quartos, fechem a porta e rezem ao Pai, secretamente." Com estas palavras do evangelho, Nosso Senhor quer dizer que devemos entrar dentro de nós mesmos e transformar nosso coração num santuário. A vida de oração — sua intensidade, sua profundidade, seu ritmo — representa

o termômetro da nossa saúde espiritual; é a oração que nos revela a nós mesmos em nossas verdadeiras dimensões. "Levantando-se bem antes do amanhecer, ele foi para um lugar deserto e aí rezava," testemunha o evangelho a respeito de Jesus. Pela ascese, o deserto se torna sinônimo de "interiorização", quando o espírito se recolhe em si mesmo e se concentra.

É neste ponto, neste nível de silêncio e recolhimento, que se encontra a verdadeira oração. É aí que o homem é visitado de maneira insondável, misteriosa. Eis outra coisa que o poustinia pode ensinar a vocês, se o permitirem: ensinar-lhes-á um tipo diferente de oração com o qual, talvez, não estejam acostumados.

É freqüente ouvirem-se pessoas dizendo não terem tempo para rezar; existem também as que dizem não ter um lugar para a prece. Onde está este lugar da oração? A oração está dentro de nós. Nós somos uma igreja. Eu sou o templo do Pai, do Filho e do Espírito Santo, porque como o prometeu Jesus Cristo, os Três vieram e fizeram sua morada em mim. Assim sendo, não preciso ir a lugar algum para rezar, o que não significa que não se deva ir à igreja, onde a maioria das pessoas se congrega para o culto. O que estamos querendo dizer é que a nossa oração deve ser contínua, onde quer que estejamos.

Neste sentido é que todos podem ter o seu poustinia: o próprio coração. Não seria totalmente absurdo se eu afastasse o meu coração de Deus, caro leitor, enquanto estou falando com você? Quando se está apaixonado por alguém, o semblante

desta pessoa amada está sempre diante de quem a ama, quer seja enquanto se dirige um automóvel, quer enquanto se trabalha no campo... Quando amamos, encontramos sempre um jeito de entrelaçar estas duas realidades: a atenção naquilo que fazemos e a presença espiritual da pessoa amada.

Oração é isso, amigos. Se vocês amam a Deus, então será impossível separar da oração até sua própria respiração! Sendo a oração simplesmente união com Deus, ela não precisa de palavras. Duas pessoas que se amam, expressam este amor apenas com sua presença e com um olhar. A palavra é um estágio de principiantes no amor; este não pode mais ser manifestado em sons e vocábulos, a partir do momento em que atinge o seu ponto culminante, aquele cume iluminado em que ele pulsa na eloqüência do silêncio e atinge proporções nunca imaginadas por aqueles que não entraram ainda no seu reino de beleza. Esta é a vida de oração: você entra em Deus; Deus entra em você... A união está garantida!

No dia em que fomos batizados, nossos pés pequeninos deram o primeiro passo para esta união que é o sentido e a finalidade de nossa existência. Há quem passe a vida inteira sem se lembrar desta realidade. A existência de tais pessoas é árida e infeliz. Mas se eu me lembro de que vivo para estar unido com Deus e que, de fato, estou unido a ele a cada minuto, então essa lembrança contínua e sempre renovada já é uma oração: uma constatação da sua presença a meu lado.

O que é que exprime uma ícone ou imagem? A face de Deus. Toda e qualquer imagem, seja de Jesus, seja de Maria, não é mais do que um "corredor" através do qual eu passo para chegar à Face Sagrada! Na medida em que avanço lentamente, no esforço da fé, o véu que me separa de Deus vai-se rasgando e começo a distinguir os contornos do semblante divino que me será revelado inteiramente, depois da minha morte.

Depois de lhes ter dito todas estas coisas, espero que nossos futuros candidatos do deserto não tenham medo algum do poustinia. Não se vai lá com a mente confusa e o coração comprimido por medos, angústias e milhões de perguntas fervilhando na alma. Assim não adianta. Na véspera da sua entrada no poustinia, acalme seu coração, sorria para todo mundo, especialmente para você mesmo e diga à pessoa responsável por você que está em paz e pronto para partir na hora que ela marcar.

Quando chegar à cabana, entre com o coração leve e seu primeiro gesto deve ser uma profunda inclinação para a cruz e outra para a imagem que lá está — de Cristo ou de Maria. Isto é para saudar o dono ou a dona da casa... ou ambos.

Se ainda houver quem deseje mais esclarecimentos, aí fica este pequeno roteiro, feito especialmente para os marinheiros de primeira viagem:

O poustinia é um lugar aonde você vai para encontrar-se com Cristo numa solidão alegre e feliz.

Não há razão alguma para ter medo porque Jesus

Cristo é o Amor perfeito que expulsa todos os temores.

O poustinia é uma casa de oração à qual só se vai sozinho, excetuando Deus, nosso eterno companheiro; lá se deve permanecer o tempo determinado pelo diretor espiritual.

Não leve livro algum consigo porque o que lhe interessa já está lá, à sua espera: a Bíblia.

O poustinia é também um lugar de penitência e sacrifício. Aí você é convidado a imitar Moisés, rezando pelo povo de Deus, no alto da montanha, elevando os dois braços para o céu: o braço da oração e o da penitência. Estes dois braços espirituais você tem que mantê-los sempre erguidos.

Você terá um pão e uma garrafa térmica, cheia de água quente para fazer chá; isso será renovado cada dia de sua estada na cabana.

Não se excite!

Com grande paciência e paz de espírito espere pela pessoa que deverá levá-lo à solidão.

Reze por nós neste seu tempo de "retiro".

7.

Poustinia nas praças e mercados

Aconteceu durante uma visita que fiz a uma de nossas casas, em 1968. Parecia-me que os membros da equipe dirigente desta casa estavam crescendo como indivíduos e começando a entender tanto o custo como o valor da formação de uma comunidade de amor. Eram três pessoas que se sentiam atraídas pela oração e que sabiam ficar em silêncio diante de Deus. Apesar disso, entretanto, pairava no ar certo senso de frustração, porque parecia não haver um sentido, uma direção ou finalidade clara para aquela casa. Seus membros não conseguiam ver qual o papel que deviam desempenhar e, por isso, viviam numa atmosfera meio nebulosa, numa paisagem sem contornos definidos e sempre em alteração. Havia ali a presença contínua de certo cansaço e, ao mesmo tempo, um clima de expectativa, misto de paciência e esperança.

Certa manhã, enquanto eu escutava, mais com o coração do que com os ouvidos, a apresentação de um dos depoimentos ou relatórios que estavam sendo feitos, senti-me sacudida, repentinamente, por um pensamento que nunca, nem de longe, tinha passado pela minha mente. Eu vi, diante de mim, algumas pessoas que, talvez, estivessem sendo chamadas para viver uma realidade nova: a do *poustinia nas praças e mercados!* Terminados todos os relatórios, houve um silêncio entre nós, um silêncio longo e pesado dentro do qual explodiu, de repente, uma granada! Sim, porque minha pergunta caiu como uma bomba! Eis o que eu disse: "Que

diriam vocês se Deus quisesse reservar esta casa para ser um poustinia em pleno ambiente urbano, em plena rua?".

Devo admitir que, antes de assustar os que me ouviram, eu assustei foi a mim mesma! Nunca tal pensamento tinha passado pela minha cabeça. No entanto lá estava ele, como um raio vindo do céu azul, disparado pelas mãos do próprio Deus. Foi uma experiência pentecostal para mim e para meus ouvintes: estávamos todos convencidos de que a sugestão viera do Espírito Santo. Não houve reação negativa em pessoa alguma e o nosso silêncio parecia todo impregnado de admiração e de respeito, sem excluir aquela pequena dose de medo que o sobrenatural sempre desperta em nós. De certa forma, sabíamos todos que a resposta acabava de ser dada.

A seguir, passamos a discutir os pormenores da nova sugestão, tentando definir bem seus contornos, limites, modalidades e possíveis mudanças que ela poderia acarretar. As respostas iam chegando lentamente, penosamente, mas sempre com muita clareza.

Em primeiro lugar, esta nova modalidade de poustinia ia exigir um aprimoramento e aprofundamento das relações pessoais entre os membros daquela comunidade. Estavam todos sendo chamados por Deus para formar, entre si, uma comunidade de amor muito especial e profunda, cujo sentido fundamental consistiria em ser uma força e um auxílio oculto para os outros; uma flecha indicando direção, apontando sempre para Deus;

uma fonte de auxílio sobrenatural de que se beneficiaria todo o nosso apostolado de Madonna House.

Tudo isso iria reclamar dos membros daquela pequena comunidade uma nova "abertura"; teriam, portanto, que vencer a repugnância natural de revelar, uns aos outros, as suas próprias fraquezas. Era uma espécie de nudez espiritual que deveriam aceitar a fim de imitar o despojamento de Cristo que todos desejavam seguir.

Chegou-se à conclusão de que nada iria mudar e, ao mesmo tempo, tudo iria mudar. Continuariam participando das numerosas e demoradas reuniões, no contato com pessoas da sociedade profana, com associações de assistência social, ligas de proteção aos imigrantes, comissões do "plano de habitação e urbanismo" etc. Prosseguiria, portanto, inalterável todo esse difícil apostolado de martírio e de paciência.

Apesar disso, ficou também claro que tudo iria mudar em profundidade. Seriam três pessoas vivendo num "deserto", dentro de sua própria casa, silenciosas e atentas à presença de Deus, a fim de poderem falar melhor com os homens lá de fora! Não deviam mais fechar a ninguém as portas da casa nem as do coração. Sua peregrinação em busca do Absoluto não seria menos real por ser oculta.

Ermitães da cidade, deveriam aceitar o duplo aspecto de sua vida, levando o poustinia sempre consigo no apostolado externo, exatamente como o fizeram os Apóstolos de Cristo. Este entrelaçamento

das duas vidas, ativa e contemplativa, não seria fácil, mas já estava contido num dos pontos do Pequeno Mandato que todos os membros de Madonna House conhecem: "Vá para as ruas e mercados, sempre a meu lado. Seja uma luz para os pés do seu próximo. Entre sem temor nas profundezas dos corações humanos. Eu estarei com você! Reze sempre! Eu serei seu descanso". Aí estava, pois, uma faceta nova para o apostolado do pequeno grupo: ajudar a infiltração de Cristo no grande mundo das ruas e mercados.

Esse aspecto dava uma feição definitiva ao trabalho do grupo no esforço diário de revelar ao mundo a face de Cristo. Tudo muito simples, mas, ao mesmo tempo, muito complexo. Na medida em que se aprofundassem neste novo aspecto da sua vocação, iriam também entrando cada vez mais fundo nos planos de salvação do próprio Deus e imitando, mais de perto, a vida de Cristo. Desta forma, estariam realizando em si a bela frase do apóstolo Paulo: "Procuro suprir, com minha vida, aquilo que falta à paixão de Cristo" (Cl 1,24).

As linhas do novo apostolado estavam bem definidas para mim e, ao notá-lo, senti-me presa de uma grande comoção. Mal podia acreditar que o Senhor tivesse escolhido para tal missão uma pecadora como eu. Depois de 38 anos, ele sorria para mim e me dizia que meu plano original estava certo; era esta a minha primeira vocação. Compreendi, mais uma vez, que precisamos ter muita paciência, crescendo na fé, na esperança e na caridade, até que nossos grandes ideais religiosos "se façam carne

para habitar entre nós".

Sim, era este o meu primeiro plano e meu grande ideal, quando, pela primeira vez, depois de ter dado tudo aos pobres, fui morar naquele barraco de uma favela de Toronto. Eu tencionava ficar lá para sempre, naquela espécie de Nazaré moderna, mas Deus dispôs as coisas de outro modo... Entretanto, 38 anos mais tarde, ele convidava um grupo de meus filhos espirituais — meus e *dele* — para viverem a vida de Nazaré em plena praça pública!

Nazaré seria, pois, a feição característica do novo apostolado. Nazaré, a cidade insignificante da vida oculta, ordinária, monótona, sem resultados vistosos, onde os únicos produtos visíveis eram mesas e cadeiras que saíam da carpintaria. Nazaré, onde o Filho de Deus não era mais que filho de Maria e José para todos os efeitos. Nazaré onde ele viveu o silêncio do coração como preparação para o deserto!

A pequena casa que eu estava visitando, naquele ano de 1968, seria, portanto, uma réplica de Nazaré. Seus três moradores deviam intensificar seu aspecto externo de simplicidade e vida comum; deviam também estar preparados para suportar, com paciência, compreensão e até mesmo alegria, as críticas dos que iriam comentar a sua pouca produtividade! Sim, diriam isso deles e, talvez, até algo pior, como o que disseram de Cristo: "De Nazaré pode sair algo que preste?!".

Mas, com o passar do tempo, o panorama moral mudaria e, sob a inspiração do Espírito Santo, homens e mulheres começariam a aproximar-se

deles, procurando-os a fim de oferecerem sua colaboração. A vida oculta de oração, estéril e improdutivo na aparência, torna-se tremendamente fértil, fecundada por Deus; ela vai mais longe do que suspeitamos, atingindo pessoas que nossas palavras e conselhos não conseguem tocar, criando contatos novos que resistiram a dezenas de reuniões e planejamentos. Porque a oração põe em circulação os planos de Deus, não os nossos.

Não basta que apenas uma pessoa, na residência, tenha a perfeita noção do "poustinia nas ruas e mercados"; é importante, imprescindível que toda a comunidade o compreenda e o aceite com todas as suas dificuldades. A maior de todas elas será esta aparente frustração de um trabalho sem resultados imediatos, que constitui um dos piores sofrimentos para pessoas ativas e generosas.

É neste sofrimento que soa a hora marcada por Deus para aquele esvaziamento do nosso ego — a *kénosis* — condição indispensável para o estabelecimento deste poustinia interior, que sai de casa conosco e nos acompanha pelas praças e ruas.

Toda a comunidade deverá compreender também que Satanás estará presente neste tipo de deserto como esteve no deserto de Cristo. As tentações não serão sugestões grosseiras de gula ou de pecados contra o sexto mandamento, se bem que estas também podem aparecer, porque somos sempre humanos, seres feitos de carne muito frágil, cheia de instintos que nos levam ao pecado...

Mas surgirão outras tentações muito mais difíceis de

serem vencidas por serem sutis e "refinadas". Sendo esse novo tipo de poustinia desenvolvido em vida comunitária, no contato diário com irmãos e irmãs, que as vezes são feridos e sofrendo de neurose de todo tipo, podem estar certos de que o demônio lhes dirá que "assim não vai", "assim não dá"! Viver com estas pessoas desgasta a gente por dentro e atrasa o trabalho "de Deus"! Muita energia será desperdiçada em "suportá-las", energia que podia ser usada em "produzir"!

Como se vê, o tentador ataca o ponto mais importante e o mais difícil da vida em comunidade, resumida no belo conselho de São Paulo: "suportai-vos uns aos outros". Ele usará todos os recursos da "lógica" para mostrar que esse novo tipo de poustinia simplesmente *não é possível*.

A próxima tentação será a complacência e a mediocridade; a tentação de acomodar-se, de descansar sobre os louros da vitória. Olha-se para trás e contempla-se com ufanismo tudo quanto foi realizado! É aquele "descanse minha alma" do fazendeiro que Cristo nos descreve no evangelho, se bem que em plano mais elevado. Uma vez instalados na mediocridade, então "tudo vai bem", mesmo quando tudo vai mal!

Rolaram muitos meses sobre esta visita que descrevi, feita a uma das nossas pequenas comunidades em 1968. Houve certa confusão na mente de muitas pessoas a respeito da essência desse "poustinia nas praças e mercados". Cheguei à conclusão de que, naquela famosa reunião que chamei de "pentecostal", eu não deixei

suficientemente claro em que consistia a nova espécie ou modalidade de poustinia ou de apostolado que tinha em mente. Comecei então a escrever cartas:

"O seu poustinia urbano começa com oração, muita oração. Não quer isto dizer que deixarão de lado seu trabalho específico, como o programa habitacional, atendimento aos imigrantes etc.; o que pretendo comunicar-lhes é que seu poustinia começa em seus próprios corações. Não se trata de um lugar material ou geográfico, um quarto, uma cabana ou uma casa; o que se requer é que cada membro da comunidade se capacite da importância da vida interior e escondida, igual à de Cristo em Nazaré, igual àquela que se encontra esboçada na conhecida oração de São Francisco de Assis: "Senhor, fazei-me instrumento da vossa paz. Onde há discórdia que eu leve a união".

Quando se abre o coração para esse trabalho do Espírito Santo, a pessoa se torna totalmente indiferente a respeito do lugar onde possa estar. É possível viver numa bela casa bem mobiliada, com boa cozinha e, entretanto, trazer, no coração, o deserto de João Batista e viver, espiritualmente, vestido de peles de animais, alimentando-se, também espiritualmente, de gafanhotos e mel silvestre. Até mesmo em uma casa bem provida de víveres, vocês podem fazer o jejum de tantas necessidades ilusórias é pregar o evangelho com cada passo que dão nas ruas é com cada palavra que dizem. Concentrem sua atenção em formar uma comunidade de amor entre vocês.

Quando esse deserto interior começa a existir dentro de vocês, pelo despojamento total do "próprio eu", podem ajoelhar-se diante de Deus para dizer-lhe: "Aqui estou, Senhor; fazei de mim o que bem entenderdes. Falai porque vosso servo está atento. Obrigado, meu Deus, por tudo o que me destes, por tudo quanto de mim tirastes e pelo muito que ainda em mim deixastes". Quando vocês conseguirem fazer esta oração, com plena sinceridade, alegria e desprendimento, então já começaram a entender o sentido do poustinia das ruas e mercados.

Mas, fique bem claro que isto só se pode conseguir através de muita oração, sobretudo através da Eucaristia. Torna-se, então, fundamental o tempo passado diante do Santíssimo Sacramento. Oração não é, porém, só isso: ela é infinita nas suas modalidades, como o próprio Deus. Oração é perseverança no trabalho, é o próprio trabalho, é o amor, é a pobreza que se priva até de coisas necessárias, é a morte lenta no serviço prestado aos outros, é a vida de Nazaré, desenvolvida perenemente na presença de Cristo!

Com esse tipo de poustinia dentro do coração, bem cedo vai morrer em vocês o funesto "gosto e não gosto". Irão com prazer a reuniões, porque estarão convencidos de que sua contribuição para estas reuniões será mais a presença de Cristo do que seus talentos e sua sabedoria.

Levando esse Cristo a todos os lugares, seu poustinia logo começará a dar frutos, porque o amor frutifica onde quer que esteja, e o Cristo que vocês levam a seus trabalhos e reuniões, à própria

sociedade em geral, é o próprio Amor encarnado. Destarte, seu trabalho e sua oração se entrelaçam na pregação do evangelho do amor pelo simples fato de você estarem onde Deus quer que estejam a cada momento. Em outras palavras, vocês estarão cumprindo a vontade de Deus e levando-o, desta forma, a pessoas que, talvez, nem mesmo conhecem o seu nome!

Uma curiosa anedota é relatada no livro "The Struggle with God"¹:

Um jovem saiu à procura de um velho asceta e, ao encontrá-lo, pediu-lhe que o instruisse nos caminhos da perfeição. O ancião, porém, não lhe respondeu palavra alguma. Perguntou-lhe, então, o jovem a razão de tal silêncio, ao que o outro respondeu: "Acaso sou seu superior para dar-lhe ordens? Eu nada direi. Se você quiser, faça o que me vê fazer!"

Eis aí como vocês devem proceder. Pelo fato de pertencermos a uma instituição de apostolado, somos todos marcados com uma etiqueta e catalogados. Ao chegarmos a determinada reunião, todo mundo espera de nós sabedoria, experiência e soluções especiais. Até certo ponto, talvez tenhamos mesmo um pouco mais de sabedoria e experiência, mas, na maior parte das vezes, vocês estarão lá humilde e silenciosamente, como o velho asceta. Este silêncio e esta humildade falarão por si.

¹ Paul Evdokimov, Paulist Press (Glen Rock, N. Jersey), p. 128.

Já estarão vocês chegando à conclusão de que este novo tipo de pousadia urbano não é para amadores. Ele vai exigir uma cuidadosa distribuição do seu tempo e do seu trabalho, entendendo por trabalho tudo o que Deus lhes pede a cada minuto.

A vontade de Deus para vocês, bem como para todos os membros de Madonna House, consiste no contato com as pessoas. Pouco importa qual seja a forma ou modalidade deste contato: reuniões, dinâmica de grupos e relacionamento pessoal, o que não é nem mais nem menos do que levar o mistério da presença de Deus aos outros, sobretudo àqueles que nunca experimentaram os efeitos desta presença. Pousadia urbano, portanto, consiste em estar lá, numa presença física e visível, irradiando outra presença espiritual e invisível, qualquer que seja o trabalho que tenham em mãos ou o tópico em debate. É um apostolado de presença humana levando e testemunhando presença divina.

Como muito bem sabem, quase todas as reuniões, em que tomam parte pessoas mal formadas, religiosas e espiritualmente, envolvem divisões e discussões intermináveis, deixando transparecer este "jogo pelo poder" que tanto fragmenta os grupos humanos. Com sua presença de amor e humildade, vocês deverão testemunhar quanto tempo se perde em tudo isso, quanta vaidade se revela nesta fome egoísta pelo poder, pela atenção pessoal e o elogio.

Em reuniões desse tipo, tem-se uma visão microscópica do mundo dividido. Voltando para casa com esta visão na alma, vocês procurarão unir-se numa comunidade de amor cada vez mais coesa, a

fim de estarem preparados para sanar as fragmentações que presenciaram lá fora. Seu recolhimento contínuo, sua recitação freqüente da oração do nome de Jesus, sua vida serena e pacífica farão de vocês imitadores do Cristo Médico que veio a este mundo para os que estão doentes, como ele diz no evangelho de Mateus (9,12).

Existem também, nestas reuniões, os que procuram ansiosamente a verdade, a paz ou alguma resposta para problemas interiores. Estes representam, simbolicamente, os despojados, assaltados por ladrões, abandonados à beira das estradas, todos eles contando com o auxílio de cada um de vocês. Se, na oração de cada dia, vocês tiverem recebido o alimento dos fortes, então estarão preparados para serem bons samaritanos, munidos do óleo da ternura e do vinho da compaixão, com os quais poderão curar as feridas humanas.

Um incidente na vida de Dorothy Day¹ ilustra bem o que estou querendo dizer. Dorothy foi a Roma durante o Concílio Vaticano II. Alguns anos depois, eu lhe perguntei que coisa ela fazia durante as sessões conciliares. Sua resposta foi fabulosa: "Aluguei um quarto num dos subúrbios pobres de Roma e aí, durante dez dias, jejei a pão e água,

¹ Dorothy Day, autora do famoso livro "A Longa Solidão", é a grande convertida americana da década de 30. Sem aderir propriamente ao partido comunista, militou vários anos em alas de extrema esquerda. Depois da conversão, tornou-se um dos mais belos perfis católicos femininos do mundo de hoje. Como jornalista, escrevendo no *Catholic Worker*, e como apóstola leiga, dedicou sua vida ao trabalho pelos pobres, exatamente como Catarina. (Nota do Tradutor)

rezando muito pelo Concílio". Foi tudo o que ela fez! Depois disso voltou a Nova Iorque do mesmo modo como tinha saído: num navio cargueiro! Não teria sido esta uma das razões por que o Concílio teve tanto sucesso?

Vejo que vocês ainda não estão bastante esclarecidos a respeito do papel que são chamados a desempenhar ou, prefiro dizer, da meta que devem ter ante os olhos. Esta meta já ficou definida para todos no dia em que foram batizados: a união com Deus! Ela começa aqui em baixo e só termina na visão beatífica do céu. Compõe-se, por sua vez, de inúmeras outras pequenas metas, que surgem no nosso dia-a-dia. E esta união com Deus só pode ser atingida mediante o esforço contínuo da nossa autenticidade que vai arrancando todas as máscaras do amor próprio e abrindo o nosso coração para o verdadeiro amor, nem que seja com golpes de lança, sobre a cruz.

Para atingir a visão beatífica, é indispensável a união fraterna entre vocês. Ao formarem uma comunidade de amor, todos devem aceitar a cruz gloriosa e generosamente; mas não se iludam a respeito dessa cruz; ela não é feita de grandes martírios e sim dos pequenos sacrifícios de cada dia, sobretudo do perene esforço no sentido de se aceitarem uns aos outros como são! Todos devem desenvolver a difícil qualidade — difícil e rara — de descobrir nos outros o lado positivo, de descobrir a beleza e os talentos dos outros e alegrar-se com tal descoberta.

Na medida em que crescerem no amor, vocês se ajudarão uns aos outros, na paz e na serenidade,

aceitando com paciência as fraquezas de cada um, exatamente da maneira como Deus faz com todos nós. Eis aí, portanto, a primeira meta que os levará à meta final: forma uma família, uma "comunidade de amor".

Todos sabem que participei, em Roma, do Congresso Internacional dos Leigos. Uma das experiências mais impressionantes desse congresso foi o confronto entre o Ocidente e o mundo subdesenvolvido. Os representantes da África, da Índia e do Paquistão atiraram, à queima-roupa, sobre os teólogos presentes, questões que pareciam verdadeiras brasas. Eis algumas:

Uma simples fazendeira dos Camarões, representando 2 mil mães, fez esse depoimento: "Nós, gente simples da República dos Camarões, na África, temos procurado educar nossos filhos no amor de Deus e do próximo. Sabíamos que éramos pobres, porque o colonialismo ocidental nos fez tais ou nos conservou nesse estado. Mas, de repente, pareceu-nos ter havido uma boa mudança no coração do Ocidente: vocês nos ofereceram bolsas de estudos para nossos filhos, na Europa, Canadá e Estados Unidos. Com grande alegria, enviamos nossos rapazes e moças para esses lugares. Agora, porém, choramos e lamentamos nosso gesto! Sim, porque vocês os encheram de uma cultura meramente secular e profana e eles voltaram para seus lares, para nós, sem fé alguma e com o coração cheio de ódio. Agora, lá estão eles ansiosos por se livrarem de vocês, que lhes deram alguma cultura e nenhum amor!".

Um representante do Vietnam, muito magro, dizia: "Fui enviado para representar as famílias católicas do meu povo... Como podem vocês acreditar no Príncipe da Paz se continuam fazendo guerra?". Um indiano comentava: "Há cinco dias que estou aqui ouvindo comentários sobre a Liturgia Holandesa, sobre o Catecismo Holandês e sobre as novas dimensões da teologia... Não ouvi nada sobre Jesus Cristo, sobre a necessidade de oração e contemplação! Por que vocês nos mandam tantos missionários interessados numa multiplicidade de questões alheias ao que é mais importante, como seja: mostrar-nos a face do Cristo?"

Aí está tudo! Para realizar esse tipo de vida missionária, urge que sigamos o Cristo ao ritmo e compasso da sua própria vida, isto é, ao ritmo da solidão e da ação. O que hoje se exige do apóstolo é que se recolha ao silêncio e à solidão a fim de aí ouvir a voz de Deus, na prece e na meditação para, depois, voltar ao mundo e trocar em miúdos as verdades que assimilou no "deserto".

Infelizmente, tal programa de vida nunca é aceito pelo Ocidente que o descarta com um simples gesto leviano, dizendo: "Aí estão as verdades básicas! Vamos logo à ação!"

Pela graça de Deus, iluminados pelo Espírito Santo, nós estamos realizando, aqui em Madonna House, exatamente este programa que o Ocidente recusa. Por isso o céu nos inspirou o movimento dos pousinias. Eu suplico a todos vocês, meus queridos, que meditem no que disseram aqueles representantes das nações pobres, no Congresso de

Roma. Os seus depoimentos são um verdadeiro desafio lançado ao "poustinia das praças e mercados".

Sei muito bem quanta dificuldade envolve o esforço de formar uma família com elementos humanos. Tem-se que pagar um preço muito alto; mas foi também altíssimo o preço que Cristo pagou por nós. A nossa vocação é algo como a das sementes: temos que ser sementes nas mãos do Cristo para que os ventos do Espírito nos lancem aos quatro cantos da terra, na direção que ele próprio escolher. Muitos de vocês ainda perguntam como pode uma tal missão coadunar-se com a vida de solidão e de silêncio, como pode o apostolado social engrenar-se com a idéia do poustinia... nas praças e mercados! Que Deus me ajude a encontrar comparações e imagens que os aludem a compreender esta maravilhosa realidade:

Vamos supor que houvesse pessoas casadas entre vocês e que algumas das mulheres ficassem grávidas... será que estas deixariam de cozinhar, lavar roupa e passar para seus maridos? Deixariam de dar aulas, participar de reuniões, discutir questões raciais ou pontos de justiça social? Claro que não! A gravidez não paralisa uma mulher em plena saúde. Vocês continuariam com as ocupações de sempre, apenas com uma diferença: as grávidas fariam isso levando uma criança dentro de si!

Pois bem, o poustinia representa para todos vocês esta sublime gravidez espiritual, pondo, dentro de cada um, o Cristo vivo que devem levar a todas as frentes do seu trabalho apostólico. Quando uma

mulher está grávida, ela se torna uma presença que ninguém pode deixar de notar: as pessoas sorriem para ela, oferecem-lhe uma cadeira, um assento no ônibus ... Ela é uma testemunha ambulante de vida, da vida que leva consigo. Assim vocês... deixem transparecer o Cristo que levam em si mesmos!

De certo modo, nada mudou em suas vidas nem vai mudar com esse novo estilo de pousadia que procurarão levar consigo para as ruas, para as atividades que constituem o apostolado de Madonna House. Suas vidas se tornam mais semelhantes à de Cristo que passava a noite na montanha, rezando ao Pai e o dia nas cidades, falando sobre o Pai!

Como conseguir este equilíbrio, este perfeito movimento pendular de uma vida que oscila entre a cidade e a montanha? Só com a oração; muita oração. Tem que haver mais união com o divino Espírito Santo e um contato mais profundo com Cristo na Eucaristia. É preciso estar em perfeita afinação com Deus, o que nos levará a uma abertura maior com nossos irmãos.

Não sei se, com tudo isto que aí fica dito, consegui deixar-lhes suficientemente clara a idéia do pousadia urbano, desta solidão interior que os deve acompanhar a todos os lugares a que vocês são levados pela sua missão de apóstolos leigos. Até aqui, trechos de minhas cartas.

Uma de minhas frases favoritas que gosto muito de repassar na meditação é tirada de Paul Claudel e esclarece bastante a noção que estou procurando transmitir neste capítulo. Diz ele: "O Verbo é filho

adotivo do silêncio, porque são José atravessa todas as páginas do evangelho sem pronunciar uma palavra sequer". É um belo pensamento que contém matéria para ser meditada a vida inteira.

Existe também uma outra passagem de Paulo Evdokimov, no mesmo livro já citado, que me parece muito relevante para o tópico que ora nos ocupa. Eis o que ele escreve:

Para podermos ouvir a voz do Verbo temos que aprender a escutar o seu silêncio e, sobretudo, temos que aprender a ficar calados. Usando sua experiência pessoal, os mestres da vida espiritual são bem claros a esse respeito: "Se alguém for incapaz de reservar um lugar para o silêncio e o recolhimento, em sua vida, jamais chegará a um grau mais elevado de espiritualidade nem será capaz de rezar em lugares públicos (p. 177).

É exatamente o que estamos tentando dizer, quando falamos de pousadia urbana. Mas vejamos como continua o mesmo autor:

Este grau mais elevado de espiritualidade torna-nos conscientes de que há uma parte em nós sempre preocupada e distraída por estar imersa no que é tangível e imediato, enquanto uma outra parte de nós mesmos observa tal atitude com certo espanto e compaixão.

É uma rara qualidade esta de observar-se alguém a si mesmo com espanto e compaixão, ao mesmo tempo, num mundo em que ninguém olha para dentro de si mesmo; mas tal habilidade pode ser

desenvolvida através do poustinia criado dentro do próprio coração. Eis, finalmente, a essência de todo este assunto nas linhas que seguem:

O recolhimento abre nosso espírito para o céu e, ao mesmo tempo, para os outros. Vida ativa ou contemplativa é uma questão um tanto artificial, diz são Serapião. O problema mais profundo, o único real, é o da dimensão interior do coração. Procure adquirir paz interna e verá como toda uma multidão de homens encontrará salvação perto de você. (Ibid.)

Afirmção curiosa! O Santo não diz "através de você", mas "perto de você". Há muito campo para reflexão nestas palavras.

Santa Teresa costumava dizer que rezar é tratar a Deus como um amigo. A essência da oração consiste em ouvir a voz de outrem, a voz de Cristo, sem dúvida, mas também a voz de qualquer outra pessoa que eu encontre, na qual Cristo me fala. A voz de Deus chega a mim em toda voz humana e sua face é, por isso, infinitamente variada. Ele se disfarça de caminhante, na estrada de Emaús, de jardineiro, falando com Maria Madalena, junto ao túmulo vazio... Ele está presente no vizinho da casa ao lado. Deus encarnou-se para que eu pudesse vê-lo em todos os rostos humanos. Cada face humana é uma imagem de Cristo descoberta por quem sabe rezar.

Vida ativa e contemplativa não se podem separar uma da outra, o que é difícil para o Ocidente compreender, porque sua atitude romana, diante da vida, tem uma tendência eminentemente jurídica de

classificar todas as coisas com etiquetas e categorias. A vida ativa e contemplativa de Cristo é uma só. Igualmente, uma só é também a vida de quem desenvolve em si o poustinia interior que reza em casa e continua rezando enquanto age nas ruas e em todas as atividades externas.

Todo este longo capítulo foi para descrever como nasceu a idéia de um poustinia urbano, de um "deserto" em plena rua, de uma solidão povoada de muita gente, de uma contemplação cheia de atividades! Foi naquela visita memorável que fiz a uma pequena comunidade — três mulheres — pertencente ao Apostolado de Madonna House. Foi, para todos nós, uma grande descoberta que mostra bem quanto o Divino Espírito Santo nos vem cobrindo com a sua sombra.

Presenciamos um exuberante florescimento do evangelho em nosso trabalho apostólico e, por outro lado, parece-me que chegamos a uma importante encruzilhada. A escolha da direção e do caminho a seguir já está bem definida, como se o próprio Deus tivesse fincado uma flecha indicando o caminho: O Senhor nos chama para vivermos prostrados no silêncio e na oração, enquanto caminhamos com os homens!

Sim, a próxima etapa do nosso apostolado será esta maravilhosa habilidade em parar com Deus e caminhar com os homens! Devemos ser contemplativos enquanto trabalhamos.

SEGUNDA PARTE:
PALESTRAS PARA RETIRANTES
EM POUSTINIAS

8. Espiritualidade básica

Durante os últimos meses tenho reunido, quase semanalmente, os "poustinianos"¹ que temos aqui em Madonna House. São palestras informais em que comentamos e partilhamos uns com os outros alguns aspectos da espiritualidade própria do poustinia. Não fica mal partilhá-los também com o leitor.

O poustiniano vive muito perto da Santíssima Trindade; daí o seu dever de dar testemunho do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Quando alguém o visita e lhe deseja a paz, como saudação inicial, o retirante responde sempre: "Que a paz do Pai, do Filho e do Espírito Santo te cubra com sua sombra".

Quando o poustiniano vai ter com um sacerdote, especialmente quando se trata do diretor espiritual, seu cumprimento é este: "Abençoe-me padre, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". Esta constante "consciência trinitária" gera uma grande facilidade para ter o mistério da encarnação sempre diante dos olhos e na vida. O poustiniano está, realmente, mergulhado, imerso, na Trindade. Cada vez que ele pronuncia a palavra Deus, seu coração se orienta para a Trindade.

A Santíssima Trindade está sempre em movimento

¹ O morador de um poustinia é chamado, em russo, de "poustinik" e o plural desta palavra é "poustinikki". Para não onerar demais a mente do leitor com termos russos, resolvemos adotar daqui por diante, essa adaptação portuguesa: "poustiniano". (Nota do Tradutor)

porque Deus é eternamente criativo e toda a criação se expressa em movimento. Deus é também luz e, por isso, você vai percebendo, pouco a pouco, que está sendo atraído pela Trindade, para a Luz e o Movimento desta Família Eterna. Começa-se, então, a adquirir conhecimentos que milhões de livros não conseguiriam dar-nos. Ao "tocar" a Trindade pela aproximação da fé, você percebe que Deus é Amor e esta é uma percepção, um conhecimento que ninguém consegue arrebatá-lo de nós.

Entra-se num pousadouro com o abandono e a simplicidade de uma criança. Não existem formalidades de fichas a serem preenchidas nem qualquer outro protocolo; não há tampouco horário algum na parede ou sobre a mesa porque o pousadouro está para além do tempo. Uma vez lá dentro, a oração e a meditação farão com que você flutue na eternidade da qual veio e para a qual vai voltar. Isto se aplica sobretudo aos que vivem permanentemente num pousadouro.

Vai-se, portanto, para a solidão com um coração simples, mas ao mesmo tempo, consciente de uma verdade muito profunda: nós viemos da eternidade porque *ab aeterno*, antes que o mundo fosse criado, já estávamos na mente de Deus e, ao entrar naquela cabana rústica, invade-nos a impressão de estarmos voltando a essa Mente Eterna e ao Coração de Deus. Ante tal convicção, uma paz inenarrável toma posse do nosso coração e desaparecem as fronteiras da vida e da morte. Não existe medo de morrer porque, na sua simplicidade, a criança não conhece a morte: ela é toda uma

expressão de vida.

Certa vez, na Rússia, vi uma criança de uns 4 ou 5 anos que foi levada para ver o cadáver de sua avó. O menininho aproximou-se do caixão, beijou a fronte da falecida e, depois, disse, pondo a mão sobre ela: "Você está tão fria, vovó! Mas não se incomode não, tá? Daqui a pouco você vai ficar quente de novo". Alguém perguntou-lhe por que dissera aquilo, ao que ele respondeu: "A mamãe me disse que a vovó foi encontrar-se com Jesus; faz muito frio no caminho, mas lá, com Jesus, é bem quentinho!". Eis uma mentalidade de poustinia.

O poustiniano deve manter uma atitude de serena benevolência para consigo mesmo, para com Deus, o próximo e todas as criaturas, transformando-se numa espécie de "ternura universal" que deve começar com a própria pessoa, porque se alguém não ama a si mesmo dificilmente amará os outros. Esta suavidade e ternura conduz sempre a um bom tipo de ordem e limpeza: no poustinia e seus arredores, nas árvores e plantas, sempre bem cuidadas e amadas como criaturas de Deus. Como está escrito no Gênesis, o Criador viu que tudo que ele fez é bom; igualmente o poustiniano vê as coisas criadas com os olhos do Criador.

É importante recordar que a grande meta do poustinia é a interiorização; neste sentido, aquela cabana de troncos, aquele determinado local não é o único lugar em que alguém pode ser uma eremita ou um monge. A tradição da Igreja oriental fala-nos do "mosteiro interior", querendo dizer, com isso, que se pode estar unido à Trindade em qualquer lugar. Á

vida monástica, assim compreendida, é para qualquer cristão.

Meu pai era um leigo que vivia uma vida comum e apreciava uma boa refeição, mas, ao mesmo tempo, rezava muito e jejuava com bastante frequência. Vivia, pois, este monasticismo interior e, como consequência, alimentava espiritualmente sua família com leituras da Bíblia e escritos tirados dos antigos Padres do deserto. É o que já dissemos atrás: poustinia é uma questão de coração, não de local; assim sendo, está ao alcance de todos.

A Rússia é um país de enorme vastidão territorial, e seu povo gosta de vagar por suas terras; daí nasceu o espírito das peregrinações. Pouco a pouco, porém, os espaços terminam, por mais vastos que sejam, e o peregrino fica insatisfeito; é nessa altura que ele descobre o sentido da peregrinação interior e começa a grande jornada para dentro de si mesmo, muito mais bela e mais gratificante, porque aí as paisagens não sofrem a influência da poluição nem das intempéries do clima: são paisagens e espaços de Deus.

De certa forma, o poustinia está sempre vinculado à noção de peregrinação e, por isso, o poustiniano é um eterno peregrino. Ora, nenhum peregrino leva excesso de bagagem, muito menos ainda aquele que faz a viagem interior em busca da Trindade. Mais que nenhum outro, este deve viajar leve, tendo consigo apenas pão, sal e água, símbolos da nossa liberdade de movimento.

Costumamos dizer que um poustinia tem apenas três

paredes. O poustiniano tem, portanto, um lado de sua casa sempre aberto, o que lhe possibilita ser transportado a qualquer parte do mundo em questão de segundos. Seus horizontes são infinitos e ele deve compreender que é um mensageiro da Boa Nova, batizado para levar as mensagens de Deus a todo o mundo e não só à sua cidade ou ao campo limitado do seu apostolado local.

É como se Cristo lhe dissesse: "Vamos fazer uma Via-Sacra; vamos refazer as minhas caminhadas terrestres, não, porém, na Palestina, mas sim por todo este mundo fora". Um dia, na vida do verdadeiro poustiniano, a parede vai cair; nesse dia, ele compreenderá que sua vocação é de "levantar-se e partir" mesmo sem poder sair do seu lugar. Eis o mistério do poustinia: os que viajam parados, os que partem ficando, os que percorrem o mundo sem sair do lugar!

Que se entende por "percorrer o mundo"? É ser mensageiro de Deus, seguindo o seu enviado, Jesus Cristo. O poustiniano segue as pegadas sangrentas de Jesus e descobre, ao seu redor, a tragédia de uma humanidade sem fé em Deus. Esta falta de fé constitui uma verdadeira cruz para ele, em sua solidão, sobretudo quando se trata de falta de fé vivencial entre cristãos. Cada noite, em seu deserto, ele voltará da longa peregrinação ao redor do mundo, trazendo nas costas a cruz do dia, representada pela falta de fé, amor e esperança. Então ele reza um dia pedindo fé, outro pedindo esperança e outro ainda implorando amor. E assim fará no próximo mês ou no próximo ano.

Sim, na vida de todo o poustiniano, um dia a parede cai e ele compreende que é chegada a hora de partir, de sair de si mesmo, de percorrer o mundo, nesta sua peregrinação espiritual que nunca termina.

O poustiniano deve tender para uma pobreza sempre maior. Existe uma estorinha deliciosa na velha tradição dos padres do deserto. Certo monge, de nome Serapião, vendeu seu Novo Testamento e deu o dinheiro aos famintos que encontrou no caminho. Mais tarde disse ao superior: "Eu vendi o livro que me dizia para vender tudo o que tinha a fim de dá-lo aos pobres!".

Eu vejo Cristo como um homem pobre que somente se sente bem em situações de pobreza. Ele gosta de cadeiras pouco confortáveis, de colchões duros e até de colchão nenhum, para dormir no chão. Uma boa pergunta para fazerem a si mesmos é: Cristo se sentiria bem no poustinia em que vocês vivem? Isto não quer dizer que não possam ter certo conforto; o ponto fundamental da pergunta atinge a atitude interior de apego ou desapego com respeito a essa questão. Deus está feliz na simplicidade e na pobreza, sobretudo na pobreza espiritual. Como já citei em diversas ocasiões: "a necessidade de ter transforma-se em necessidade de não ter". A interiorização da pobreza cria o desejo intenso de se livrar de tudo, pelo menos através do desapego interior da alma e do coração.

Uma das coisas mais difíceis é a gente não se prender ao próprio estilo de vida, à rotina dos hábitos diários. Um poustiniano pode apegar-se ao seu horário e ao seu método de vida: ele tem sua

hora de levantar-se, seu tempo para rezar e ler a Bíblia, seus momentos livres para cuidar da horta ou do jardim etc...

É muito fácil adotar atitudes de quem trouxesse um aviso escrito na testa: "Estou ocupado com Deus", como quem diz: "Não me amole!". Atitude muito errada, porque o poustiniano deve viver em tal estado de disponibilidade, que seja capaz de deixar qualquer coisa que tenha em mãos ao menor som de uma batida em sua porta. É sempre Deus quem está batendo, mesmo quando se trata de um homem ou uma mulher. Evidentemente a expressão "batida na porta" está sendo usada aqui simbolicamente e representa qualquer tipo de interrupção para a qual temos que estar sempre preparados e disponíveis.

Como é que sabemos se é Cristo que está batendo à nossa porta? Aí é que está o problema. No princípio há muita emotividade, sobretudo quando se trata de mulheres que estão num poustinia. Torna-se difícil distinguir suas próprias interrupções daquelas que vêm de Deus. Está-se trabalhando em alguma coisa e, de repente, tudo pára; não há jeito de continuar... Este é um momento perigoso, muito perigoso. O diabo pode interromper-nos e Deus também pode fazê-lo.

Nessa contingência o poustinik russo se prostra no chão e começa a rezar para saber quem é que o está interrompendo. De repente, algo acontece dentro dele que lhe assegura tratar-se de Deus; então ele se senta no chão ou numa cadeira e fica parado, tranqüilo, em silêncio total, ouvindo a voz de Deus. Se Cristo entra em nossa casa, é sinal de que tem

alguma coisa a dizer-nos.

Como é que Cristo fala? Como terá Deus falado aos profetas? Alto e bom som ou em leves sussurros, como brisa dentro de suas mentes? Deus pode falar-nos perfeitamente através dos nossos pensamentos. O poustiniano russo anota-os cuidadosamente e mostra-os, eventualmente, a seu diretor espiritual, perguntando-lhe sua opinião, porque não confia em si mesmo.

Este é um dos aspectos daquele desapego de que falamos há pouco, desapego total até de algum dom espiritual, algum fenômeno que possa ter aparência de dom místico, no qual não se pode confiar enquanto não for examinado e confirmado pelo diretor espiritual. É de suma importância andar com muito cuidado nestas coisas; pode-se entrar em muitas e tremendas confusões e complicações interiores nestes caminhos de misticismo.

Às vezes há quem pergunte se é permitido estudar no poustinia. Se com isto querem dizer "estudar a Deus", a pergunta não tem sentido porque Deus não se estuda. O que podemos fazer é pedir-lhe que nos ensine a conhecê-lo. Parece, entretanto, que a pergunta visa antes a um estudo "acadêmico", com o fito de adquirir maior conhecimento bíblico ou teológico. Não creio haver algo errado com um poustiniano que estude, neste sentido, desde que ele já tenha chegado a um determinado ponto ou estágio de sua vida espiritual que, por sinal, é bem difícil. Expliquemos um pouco mais, pois estamos numa "jornada para dentro" na qual os caminhos são cheios de mistério.

Imaginem que vocês estivessem caminhando por um deserto muito grande em que houvesse apenas alguns pequenos poços com pouca água, espalhados pela vastidão da areia. Aí estão vocês cambaleando de sede e tendo um mínimo de água que os deixe sobreviver, enquanto o peso do deserto ardente parece estar todo sobre seus ombros. O deserto é Deus; vocês têm sede desse Deus, mas o calor e a secura deixa-os de garganta seca e sem forças. O que vocês desejam é a consolação de Deus, algum "macete" emocional como auxílio. Não chegaram ainda àquele estágio em que a alma deseja o próprio Deus. Ele, por sua vez, como Pai que é, continua dando-nos somente a pouca água dos raros poços, espalhados aqui e ali, porque sabe que seria nossa ruína se nos desse quaisquer outros auxílios artificiais.

A água é a fé. Na medida em que vocês se arrastam de um poço para outro, esta água se torna cada vez mais fresca e suas forças se renovam para mais uma arrancada. Então a fé começa a crescer em vocês não como um fruto de suas inteligências, mas como um dom de Deus. Diminui sempre mais o ardor na garganta e as águas vão se tornando cada vez mais puras e mais frescas. Vocês já podem caminhar de pé, enquanto antes mal podiam arrastar-se de poço para poço. A fé ajuda-os a caminhar como homens e mulheres: eretos!

No fim da caminhada vem o último poço, o maior de todos com água mais que suficiente para matar sua sede... A essa altura da jornada vocês sabem que nalguma parte a fé irá enchê-los até às bordas da

alma, caindo sobre vocês como uma verdadeira inundação. Como num dique que se rompe, as águas da fé vão rolar para dentro de seus corações e, numa revelação repentina, por assim dizer, vocês perceberão que são batizados, o que quer dizer cristãos marcados para a salvação!

Aí, então, vocês chegam às margens de um belo rio de cujas águas podem beber até cansar. Que aconteceu? A fé tomou posse de vocês e nada neste mundo poderá afastá-los desse rio. Vocês percebem, nessa jornada, que se apaixonaram por Deus e que, surpreendentemente, foi a face divina desse Deus que vocês viram no fundo de cada poço d'água do seu deserto. Cada poço era o dom da fé para vocês, porque somente Deus, através da fé, pode saciar a sede humana. Pois bem, quando um poustiniano chega a esse "rio da fé", então ele pode estudar.

Continuemos com a nossa imagem do rio. Poustinia quer dizer deserto; é um deserto. Por que razão alguém iria a um deserto? Para seguir a Jesus Cristo, porque o deserto é a terra da abnegação e do desapego. Ora, Cristo deixou claro que, para segui-lo, temos que mortificar o nosso amor-próprio e este é, exatamente, o tipo de abnegação próprio do poustinia. Não se trata apenas da abnegação da própria "vontade", como se encontra em quase todos os ascetas ocidentais; é uma abnegação e um desapego mais amplo que atinge alimento, estudo etc.

Muito mais, porém, que desprendimento de coisas materiais, essa abnegação representa uma atitude, um abandono capaz de entrar, confiante, num barco

sem remos e sem leme! É essa entrega ao rumo das águas, ficando à deriva, à mercê do sopro divino. Aí está a essência do desapego e da abnegação: deixar-se levar por Deus para o lugar que ele quiser, o qual pode ser um belo rio de paz, numa paisagem de fé, ou uma tempestade de lutas em alto mar.

Pode-se também escrever enquanto se está no poustinia? Não vejo por que isto seria proibido. Todas as coisas que costumo ler para vocês, em nossos encontros, foram escritas por poustinianos russos famosos, alguns dos quais foram czares e outros foram pobres mendigos.

Se, durante esses dias de deserto, alguém perguntar se pode ir visitar algum de vocês, não lhe perguntem "por que" ou "para que"; digam simplesmente: "Terei imenso prazer em auxiliá-lo" e ponham ênfase na palavra auxiliá-lo. Pode ser, porém, que o visitante seja apenas um curioso ou curiosa; em tal caso, como ninguém vai a um poustinia para ser objeto de perguntas curiosas e inúteis, não se dê corda a esse tipo de hóspede; pelo contrário, livrem-se dele ou dela com delicadeza, sim, mas também com muita energia, pedindo-lhe que rezem por vocês. Isso é o que se conhece como "cortesia de poustinia". Vocês têm obrigação de mostrar a qualquer visitante, sobretudo aos desse tipo, que o lugar em que estão é santo!

Talvez tenhamos chegado ao ponto de discutir o poustinia como moradia. Para começar, um poustiniano não é um solitário que, em português, significa uma pessoa que está só. Na conotação da espiritualidade russa o poustiniano é, na sua solidão,

uma espécie de albergue ou pousada para todos. Nesse sentido é que se pode dizer que ele está com todo o mundo. Por isso dizíamos que o poustinia tem apenas três paredes... para que seu habitante possa estar lá e, ao mesmo tempo, na Índia, no Brasil etc... Todos os Padres da Igreja Oriental praticaram esta espécie de hospitalidade.

A verdadeira hospitalidade deve ser total. Não basta partilhar com o visitante o nosso café e o nosso pão, se bem que estas sejam as primeiras coisas oferecidas, porque o alimento ainda é o sustento da vida e o próprio Deus vem a nós em forma de alimento. Aqui me vem à memória uma peregrinação que fiz outrora com minha mãe. Chegamos à casa de uma família, onde tudo o que tinham era um grande pão preto e um pouco de iogurte. O alimento mal bastava para os membros da família, mas, mesmo assim, tudo foi dividido de tal forma que coube também uma parte para nós duas. Mesmo quando não se tem nada para oferecer, há sempre o codo d'água do evangelho.

Mas, se a hospitalidade começa por aí, ela tem que ir mais longe e atingir a perfeição da "hospitalidade do coração" que aceita serenamente a interrupção do seu retiro por parte de pessoas que talvez vocês nem conheçam. Alguns desses visitantes merecem uma recepção especial por serem do número daqueles que lhes podem ensinar alguma coisa.

É muito importante a serenidade com que se recebe alguém, uma paz sorridente que cria logo um vínculo de amor como o pão que, ao ser oferecido, estabelece o primeiro laço de amizade. É o

oferecimento de si mesmo, muito mais importante do que o pão, porque não se vive só de pão, como disse Cristo.

Que significa para um cristão russo este "oferecimento de si mesmo"? Significa a *kénosis* de que já falamos, o esvaziamento de nós mesmos a fim de que o outro possa entrar. Nós, os da Igreja cristã oriental, somos até exagerados em considerar o outro como sendo Cristo. Há uma pequena estória que exemplifica este ponto, tirada do livro: "*What men live by*", "Coisas de que vivem os homens":

Certo homem soube, através da oração, que Cristo iria visitá-lo em determinado dia. Apesar disso, o homem não alterou, em nada, suas atividades de cada dia nem seu trabalho que era de sapateiro. Seu primeiro freguês foi uma prostituta; depois uma senhora com o filho doente e, finalmente, um bêbado. O sapateiro procurou servir do melhor modo a todos os três, mas ficou bastante desapontado quando chegou ao fim do dia, porque o Cristo não tinha aparecido! Pôs-se a fechar sua oficina, sentindo-se muito infeliz, quando, de repente, ouviu uma voz que dizia: "Eu vim na pessoa de cada um daqueles que você serviu tão bem hoje!". Pois bem, da mesma forma, o poustiniano vê Jesus Cristo na pessoa de todos os que o visitam.

O poustiniano é, pois, uma disponibilidade viva, tanto com respeito a Deus como para os membros da sua comunidade. Ser-lhe-ia muito fácil dizer: "Finalmente tenho três dias inteiramente meus para dispor deles, no poustinia, do jeito que eu quiser... Depois darei até quatro dias de serviço à

comunidade". Nada disso; a qualquer momento deve estar pronto para ser interrompido pelo seu irmão que lhe pede auxílio. Tais interrupções não pesam porque ele está de tal modo absorvido pela presença de Deus que não se afasta dela quando faz isto ou aquilo ou mesmo quando se afasta do poustinia, movido pela caridade. Isto pertence à essência mesma do poustinia aonde se vai sempre com a finalidade precípua de aprender a oração da presença de Deus. Quando esta presença se instala em nosso coração, aí está também instalado o poustinia e, neste momento, nós nos tornamos "luz do mundo".

O poustiniano deve ser flexível para poder conseguir essa disponibilidade; tal flexibilidade decorre do fato de ele estar começando a viver na eternidade e na liberdade de Cristo. Indiferente e sereno a respeito de quanto lhe aconteça, ele se adapta a tudo com facilidade e sua liberdade interior desconhece as "cerimônias". Esta liberdade não é a mesma de que falam os homens; ela se fundamenta na sujeição total a Deus e revolve sempre em torno da idéia de Deus e de sua vontade, vendo a face do Senhor em cada face humana. É a liberdade da pessoa que não se encoleriza nunca porque tal é sua noção humilde de si mesma que até um insulto pode ser considerado um cumprimento.

O poustiniano é conhecido pelos seus frutos. Um destes, decorrente da sua liberdade e humildade, consiste em ser totalmente indefeso. Destarte, se alguém o pisa e o calca com tacões de ferro, ele beija o pé que o calca, dizendo: "obrigado por tratar-

me como mereço, pois sou um grande pecador". O verdadeiro poustiniano é como bola de borracha: quanto mais baixo alguém o joga, mais alto ele sobe na bondade; ninguém consegue mantê-lo lá embaixo. Eis por que ele se torna uma grande contribuição para a comunidade na linha da mansidão e do perdão. Ele é o perdão vivo e ambulante; ninguém consegue machucá-lo. Tem a tempera do aço e o refinamento do ouro e da prata. É duro para consigo e flexível para com os outros.

O poustinia é um lugar de descanso no Senhor que lhe diz: "Empreenda esta jornada interior para dentro de seu próprio coração e eu serei o seu descanso". Não se conhece outro tipo de repouso místico no seio de Deus; este sim que é um verdadeiro repouso, um descanso para valer! Nós, os russos, costumávamos conversar sobre isso quando estávamos em Nova Iorque. Levávamos uma vida dura, trabalhando demais e ganhando pouco; perguntávamos, então, uns aos outros, como conseguíamos sobreviver e chegávamos à conclusão de que sobrevivíamos porque Deus era nosso descanso! Certo dia perguntei a um amigo como ele conseguia agüentar o tremendo batente daquela vida, ao que ele respondeu: "Cristo é o meu travesseiro!".

O resultado final de todas essas atitudes é a paz, característica inconfundível do poustiniano. Quer o perceba quer não, ele transpira paz por todos os poros e, por essa razão, sua presença é profundamente tranqüilizante para qualquer um que dele se aproxime: ela parece vestir as pessoas como um manto.

9.

Frente a frente com o mal e o martírio

O deserto, visto pela espiritualidade oriental, é também o lugar onde vive o demônio. A crença parte do confronto que Cristo teve com o demônio que o tentou no deserto, três vezes seguidas. Eis por que o deserto adquiriu tanta importância na ascese oriental. Abraão foi chamado à solidão do deserto para uma peregrinação de fé e, no Novo Testamento, o deserto é mencionado muitíssimas vezes. O Povo de Deus viveu 40 anos no deserto. No deserto viveu João Batista.

Quando mencionamos esta palavra em relação com pousinia, não a estamos tomando literalmente, como uma grande extensão de areia ardente e sem vegetação; falo de alguém — o pousiniano, homem ou mulher — que vai a um lugar solitário e escondido a fim de permanecer sozinho com o grande silêncio de Deus, com o fim de conhecer este mesmo Deus da maneira como ele próprio se revela. Tal revelação é uma resposta ao amor do pousiniano que procura o seu Deus e o espera na pobreza e abnegação total, convencido de ser um dos muitos pobres do Senhor — *anawim* — segundo o espírito das Bem-aventuranças.

Como também já dissemos, o habitante do deserto não vai lá apenas pensando em si; ele se preocupa com toda a humanidade; de certo modo, ele leva toda essa humanidade consigo para a solidão, tornando-a, desta forma, maravilhosamente povoada, através de suas orações e lágrimas. Sua

vocação é profética: ouve e assimila para poder passar adiante o que lhe foi comunicado. Ele sabe que sua porta não tem chaves nem cadeados; apenas um trinco contra o vento, nada, porém, que possa barrar a entrada a um ser humano. Ele sabe que o sentido da sua vida é participação: *partilhar* com os outros tudo aquilo que Cristo lhe ensina e lhe revela.

Mas, sobretudo, o poustiniano pressente que, mais cedo ou mais tarde, terá seus encontros com Satã! A princípio, não tem idéia do número de tais confrontos, mas sabe que sua hora virá e também ele terá de enfrentar o espírito do mal, em duras tentações.

Na tradição do cristianismo oriental, as tentações são consideradas degraus. Deus permite que os homens sejam tentados para que, deste modo, possam "subir" às alturas da fé, da esperança e da caridade. É como se o homem estivesse numa "Escola de Amor", submetendo-se a "exames" ou "provas", para "passar de ano". Enquanto isso, Jesus Cristo é o grande Mestre que nos vai dando seus ensinamentos e espera que os assimilamos integral e generosamente. Ele tem palavras de grande estímulo para despertar a nossa coragem e confiança: "Não tema; eu venci o mundo"; "O Príncipe deste mundo não pode nada contra mim"; "Não tenha medo, pequeno rebanho, porque o Pai deseja dar-lhes um Reino"; "Eu estarei convosco, todos os dias, até o fim dos tempos"; "A minha graça é suficiente para você", estas últimas palavras foram ditas a São Paulo. Com estas promessas de assistência, Cristo

permite que o demônio vagueie pelo deserto, à vontade, e se aproxime do poustiniano para tentá-lo.

Não haja, pois, dúvida a esse respeito: quem vai ao "deserto" por algum tempo, ou por vários anos, cedo ou tarde terá de enfrentar a tentação. Algumas delas serão sutis, como o ruído da brisa nas folhas ou o leve assobio dos ventos sobre as dunas arenosas... outras serão mais assustadoras, como o uivo de um lobo, a distância... outras chegarão sem ruído algum. E, de repente, o poustinia se torna um lugar de medo. O teto parecerá estar caindo sobre o poustiniano e a Bíblia, o Livro Sagrado, não passará de uma confusão de letras pretas, na brancura de um papel qualquer; letras escuras e sem sentido que nenhuma força de oração conseguirá estruturar em frases de fé, de amor e de esperança.

À noite, sobretudo, o temor se aninha nalgum canto do poustinia que, subitamente, pode tornar-se frio no mais quente dos dias. Em horas assim, o poustiniano sente uma vontade terrível de sair correndo para ver gente, para encontrar-se com pessoas, tal é a opressão que a solidão exerce sobre ele. No entanto, ainda há pouco, seu coração estava flutuando na alegria da união com Deus! Que aconteceu? O poustinia, de repente, parece ter ficado vazio até de Deus; não é mais do que uma cabana de troncos, aonde se refugiou toda a solidão do mundo e onde se condensou a névoa de todos os invernos. A pobreza daquele local perde o sabor e torna-se amarga, intragável.

Estas noites custam demais a passar, porque o sono não vem e a oração torna-se impossível por causa do

medo, o medo quase físico, quase palpável. A inutilidade daqueles dias passados ali na solidão transforma-se numa evidência tremendamente frustrante e o poustiniano enche-se de perguntas desoladoras como esta: "Por que Deus nos conduziu a este deserto?" (Ex 16,3). Que arrematada loucura os levou àquele lugar?... E todos os recursos interiores da mente se concentram num só ponto: escapar de tudo aquilo, daquela experiência vazia de qualquer significação.

Tudo isso não são mais que disfarces de Satã, a grande presença aterradora. Mas ele tem outras vestes também; pode vestir-se de lógica e inteligência, provando ao poustiniano, com argumentos irrefutáveis, que está perdendo um tempo precioso, quando podia estar fazendo um bem imenso aos seus semelhantes, lá fora! Assim, tenta convencê-lo a deixar aquela vocação tola que não passa de simples ilusão. Esta última agonia da mente pode ser até pior do que o medo e o pânico. Ela cria uma impressão de edifício desabando; a própria pessoa parece estar desmoronando toda, por dentro! Satã é o grande destruidor.

Outro disfarce seu é o orgulho. O poustiniano agora se convence de sua própria sabedoria, de que é homem sábio; precisa sair dali para ir pregar aos outros; e precisa sair quanto antes; agora, quando se sente "preparado".

O Espírito do Mal pode usar sexo, corpo, alma, mente e tudo que existe no homem para perturbar a paz interior do poustiniano. Ele pode, literalmente, *entrar* na cabana e fazer sua presença quase

tangível. E o pior é que a pessoa chega a pensar que não há meios de pô-lo para fora. É impossível catalogar ou descrever todos os truques sujos de Satã que é capaz até de citar a Bíblia e de transformar-se em anjo de luz.

Uma das suas inspirações pode ser a sugestão de fazer trabalhos extraordinários. Resistam a essas tentações. Deus não pede trabalho extraordinário de ninguém, a não ser que a idéia seja aprovada pelo diretor espiritual ou proposta por ele. Portanto, é importante consultar o diretor em qualquer coisa que pareça transbordar o nível da vida espiritual ordinária.

Os períodos de tentação variam quanto à sua duração, dependendo, inteiramente, da vontade de Deus que permite estas situações. Mas tentação haverá! Trevas, sensação de vazio, frustrações, medo, angústia, dúvidas, tudo isso entrelaçado, às vezes, numa agonia só. Contra o assalto de tais tentações, só existe uma resposta e uma força: a repetição contínua da oração: "Jesus tende piedade de mim que sou um pecador", mesmo sob a impressão de que cada sílaba desta oração pesa uma tonelada! Faça-se o sinal da cruz e beije-se a imagem de Maria, Mãe de Deus.

Fique calmo... não se apavore nem corra! É este o grande conselho dado pelos escritores orientais de espiritualidade; é o primeiro remédio contra as tentações do demônio. Recomendam também mais jejum e alguma penitência corporal, talvez; sobretudo, porém, aconselham essa "parada" na tranqüilidade: é aí que a fé cresce, a esperança se

robustece e o amor se aprofunda. Se alguém pensa que pode ir a um pousadouro sem ter um confronto com Satã, é melhor que não vá, mas se for, não conte com as forças próprias de sua mente e de seu espírito; pelo contrário, crave cada vez mais fundo, dentro de seu ser, a convicção de que é pecador e destituído de tudo; isso fará com que se volte para Deus com a mesma presteza e ansiedade com que um afogado estende a mão para um tronco flutuante.

Na convicção de que sem Deus nada podemos fazer é que alcançamos o ponto mais alto do conhecimento espiritual. Este é o momento da fé, quando no meio de toda a nossa treva e em plena tempestade de medo e até pavor, experimentamos, dentro de nós, a certeza de que "nos basta a sua graça". Compreendemos, então, o sentido da tentação em nossa vida: testar a nossa fé num auxílio que nunca falta.

Se, por um lado, estes momentos de luta e de sofrimento representam um crescimento de fé, esperança e amor para o pousadouro, eles representam também uma vitória para o resto do mundo, porque, lá no seu pousadouro, o homem e a mulher estão, na realidade, lutando por toda a humanidade. Na medida em que se dão conta da sua fraqueza, eles se irmanam com todos os que lutam também lá fora e percebem o sentido apostólico da sua solidão: eles representam a humanidade, como Cristo no seu deserto e na sua cruz. Nessa altura, o pousadouro se torna holocausto, Cirineu, Verônica. Diminui a sensação de isolamento e de solidão e ele

se projeta sobre a Igreja e o mundo.

Esse aspecto da espiritualidade do poustinia é tremendamente importante; é para isto que, afirmam os cristãos russos, a vocação do deserto é *dada* a alguém. A *comunidade* cristã alegra-se quando alguém, do seu meio, é chamado ao poustinia, convencida de que este chamamento lhe é feito para benefício *dela*.

A espiritualidade do poustinia sempre ressalta, pois, a nossa identificação com Cristo, tanto na crucifixão como na ressurreição, tanto na vida como na morte. Nós morremos e ressuscitamos em Cristo não somente no batismo, mas também nos frutos dele que são a fé, a esperança e a caridade. Todos aqueles que forem chamados a essa vida de oração que vimos descrevendo, no silêncio imenso de Deus, devem compreender sua vocação de profetas, seu vínculo inalienável com o resto dos homens; para tanto precisarão do auxílio de Deus e de Maria, sua Mãe.

O caminho é longo e penoso, mas ninguém precisa ter medo, desde que entenda claramente por que está nele. O confronto com o mal é indispensável, necessário mesmo, para que possamos entender os problemas dos nossos irmãos e contribuir para sua salvação, porque eles estão rodeados de perigos e de demônios de todos os tipos. O poustiniano saberá, com o auxílio da graça, como enfrentar o espírito do mal porque está perto, muito perto da Santíssima Trindade que o atraiu a si, na solidão!

Portanto, o poustiniano será sempre tentado, mas

não precisa ter medo em razão disto; se, entretanto, o medo aparecer e persistir, convém consultar o diretor espiritual. Ele dirá, provavelmente, que a fé e o amor de que vimos falando até aqui, não atingiu ainda, em tais pessoas medrosas, a plenitude que era de se esperar e elas não chegaram a perceber a íntima relação que existe entre o Deus que se revela ao homem e o Deus que permite a tentação na vida deste mesmo homem ou o seu confronto com o mal.

Como é que se vence o mal? Com jaculatórias, com o sinal da cruz, com a invocação de Nossa Senhora?... Sim com tudo isso, mas sobretudo e mais que tudo com a fé! Quando vocês se defrontam com o mal, então vocês sabem que Deus existe. Não sei se estou sendo clara a esse respeito... Vocês podem sentir algum temor física e emocionalmente; podem até suar. O passo seguinte é um convite à fé, numa espécie de voz misteriosa que lhes diz, sem que se saiba de onde vem: "sim, existe o mal, o espírito do mal; mas eu também existo e estou aqui, bem a seu lado, para lembrar-lhe que venci o mal com minha morte na cruz. Dê-me sua mão e você verá como, a partir deste momento, o tentador não será mais que um degrau para você subir e chegar aonde deseja". E assim, com a mão na mão de Cristo, simbolicamente, vocês caminham, dando as costas para o inimigo. Não se esqueçam de que a mão do Salvador está sempre perto, estendida, à espera; agarrem-na e não terão mais medo.

Como poustinianos, vocês deveriam cair por terra, literalmente, várias vezes e exclamar: "Senhor, eu creio; ajudai minha falta de fé!". Imediatamente o

auxílio virá. Poustinia é uma escola de amor, e amor é coragem e é força; quando tiverem passado por esta escola, até a bomba atômica será brinquedo de criança para vocês. É provável que não percebam bem o que está acontecendo consigo mesmos e a maior contribuição que oferecerão aos outros, quando saírem da solidão, será exatamente a de afirmarem que não sabem como tudo aconteceu e que vocês não fizeram nada; foi Deus quem fez tudo.

Depois dessas considerações sobre o temor e a tentação, no poustinia, uma palavra sobre o *martírio*, aspecto importante na vida do cristão e do poustiniano.

Martírio é uma realidade polimorfa, cheio de facetas as mais variadas. Vamos supor que, um dia, os inimigos de Deus invadam Madonna House... Talvez muitos de vocês sejam assassinados, passados a ferro e fogo, exclamando: "Meu Senhor e Meu Deus, Aleluia!". Charles de Foucauld morreu nesse tipo de martírio, estupidamente assassinado por um grupo de tuaregs aos quais só fizera bem. Ele foi o exemplo perfeito do poustiniano de portas abertas, que aceitou o martírio sem fugir e sem se defender. Sabem por quê? Pelo fato de ter passado a vida inteira num estado contínuo de "martírio interior".

Talvez poucos ou nenhum de nós será martirizado com derramamento de sangue; mas existe outra espécie de martírio para o qual o poustiniano deve estar preparado. É o martírio de ter que enfrentar e suportar sua própria emotividade. Ninguém gosta do seu "eu emotivo" e sentimental. Ninguém gosta de

admitir que, muitas vezes, age como uma criança de dez anos, dominada por suas emoções e sensibilidades, chorando por qualquer coisa, temerosa e assustada ante tantos tigres de papel. Não nos agrada admitir isso, o que já é um princípio de martírio.

É nessa altura que Cristo entra em cena. Lembrem-se de que a porta do poustinia não tem chave nem trinco; portanto, também o Cristo pode entrar. Uma vez dentro, eis o que ele diz: "Vamos um pouco mais adiante, nesta nossa peregrinação interior". O segundo estágio desse martírio consiste no fato de uma pessoa sentir-se dilacerada, internamente, pôr suas emotividades que, às vezes, a puxam em direções contrárias e, ao mesmo tempo, ter que se conhecer e aceitar tal qual é. É um martírio muito profundo.

O terceiro estágio consiste na capacidade de se olhar, no espelho interior, sem "maquilagens", sem tentativas de disfarce ou "camuflagem" emocional ou sentimental. Apesar de penoso, esse estágio é de tal maneira dominado pela presença da graça, que deixa de ser um martírio para tornar-se um estado de união com Deus. Ninguém olha para os próprios pecados numa atitude de total verdade e honestidade e quando essa atitude começa a existir, ela custa muito, ela dói; se bem que, para tal dor, nunca falta o bálsamo da graça que suaviza todos os nossos sofrimentos. Essa graça nos é concedida mais facilmente no poustinia, porque, lá fora, muitas são as coisas que nos distraem... E nós gostamos de ser distraídos.

Dirão, talvez, alguns que tal conhecimento de si mesmo pode levar à depressão. Para um cristão russo não existe possibilidade de depressão, dentro de um poustinia. Geralmente uma pessoa que possui tendências "depressivas" nunca vai a um poustinia; talvez escolha, de preferência, fazer uma peregrinação porque está sempre infeliz, inquieta e precisa movimentar-se o tempo todo. Além disso, qualquer comunidade percebe imediatamente os tipos deprimidos e não sente desejo algum de tê-los consigo. Na Rússia, no caso de um poustiniano deprimido, se tal viesse a acontecer, a comunidade logo escreveria ao bispo dizendo-lhe que algo está errado!

E o martírio continua... Estamos começando a saber quem somos nós, convivendo abertamente com nossas dificuldades e pecados, sem procurar disfarçá-los ou dar-lhes outros nomes. Surge então uma imensa transparência interior de alma. Eu creio que, no Ocidente, as pessoas levam muito tempo para chegar a essa clareza de alma.

Clareza de alma é diferente de clareza mental. Eu posso ver meus pecados claramente com a inteligência, usando os métodos aconselhados pela Teologia Ascética (que se baseia na razão) para livrar-me desses pecados. A clareza de alma, entretanto, só se consegue pelo *dom das lágrimas*. Eu choro e minhas lágrimas lavam meus pecados e os pecados dos outros. Enquanto isso, minha mente continua inalterada, porque sei perfeitamente que a graça das lágrimas não vem da cabeça e sim do coração de Deus. Vocês não devem se esquecer de

que quando *eu* choro, *Cristo* chora, porque eie está em mim; o poustinia nos dá essa percepção. Quando minhas lágrimas se misturam com as de Cristo, então a santidade me lava; a *santidade dele*, não a minha!

Dois outros conceitos que é importante distinguir são os de depressão e tristeza. Tristeza é um estado de união com Deus nos sofrimentos dos homens; é um sentimento de profunda compreensão, como se Deus descortinasse, aos nossos olhos, o panorama universal da dor humana, o que acontece por uma ação do Espírito Santo. Segue-se, então, o dom das lágrimas, em torrente que ninguém pode estancar nem deve tentar fazê-lo. Deixe-as correr até quando Deus quiser. São lágrimas de tristeza, mas não são para vocês. Não é o pranto da raiva ou da animosidade, motivado por ou contra qualquer pessoa; são lágrimas puras demais que escapam ao nosso controle: ninguém pode começá-las ou pô-lhes um termo e, sobretudo, são lágrimas que geram paz.

Quando lágrimas assim nascem nos meus olhos, eu não pergunto de onde elas vêm nem por quem são; tenho convicção de fé que são de Deus: estou chorando com ele porque ele me ama e está chorando em mim. Às vezes acontece que me sinto perfeitamente feliz; vou à igreja quase em passo de dança, colhendo uma flor aqui e ali. Ajoelho-me, ao chegar, contente por estar presente a mais uma missa. De repente, sem causa alguma de minha parte, começo a chorar... É assim que, às vezes, elas vêm: espontâneas como o vento. Então, eu

simplesmente choro e não há jeito de controlar o pranto; já o tentei antes e não consegui; não há artifício que funcione. Pouco a pouco, as lágrimas secam por si mesmas.

Depois do acontecido, não tenho a mínima idéia por que ou como tudo começou e acabou; só sei que foi algo vindo de Deus: alguma coisa aconteceu no mundo que fez Deus chorar em mim e ele me convidou a chorar com ele! Ou, quem sabe, foi ao contrário: alguma razão imponderável me fez chorar e eu convidei meu Deus para chorar comigo! São lágrimas que têm uma relação muito íntima e profunda com a santidade de Deus, por isso é que elas lavam os pecados do mundo e os meus. Quando, porém, elas chegam como produto da nossa emotividade ou sensibilidade, então são lágrimas realmente nossas, não de Deus. O poustiniano está mais sujeito a derramar as lágrimas de Deus porque sua vida está centrada nele.

Isso nos devolve ao assunto da "clareza de alma". A clareza que nasce dessas lágrimas não significa que não tenhamos pecados nem que sejamos santos; ela simplesmente testifica que fui purificado por Deus, que fui capaz de reconhecer quem sou eu: com toda a minha arrogância, orgulho e amor-próprio. Não quer dizer que, amanhã, deixarei de ter esses mesmos defeitos, mas, simplesmente, que atingi um determinado nível de vida espiritual, no qual consigo perceber que a arrogância está aí, bem diante dos meus olhos! Este reconhecimento nos leva a Deus. Eis o que significa "clareza de alma".

O cristianismo russo acredita que a maior pureza só

se consegue através dessas lágrimas que, realmente, nos lavam; lágrimas que se mesclam com as de Cristo e levam embora da alma qualquer elemento estranho que a esteja perturbando, como sejam os apegos internos que impedem a pobreza de espírito.

Lágrimas são também um outro caminho que nos leva a apreciar melhor o grande dom de Deus que é nossa liberdade. Depois de lavado pelo pranto, nosso espírito compreende melhor que é livre e pode dizer a Deus sim ou não. Há, na vida humana, uma verdadeira batalha entre o sim e o não; no poustinia este combate é cem vezes mais intenso, a tal ponto que, em dado momento, um sim dito a Deus parece destruir-nos; é um momento de lágrimas e morte. Mas, esta sensação não dura e logo ressurgimos com uma tremenda alegria na alma, fruto da libertação, a verdadeira libertação que Deus reserva para aqueles que o amam.

Deus ama todos vocês com um amor eterno e marcou-os com o seu fogo que baixou sobre vocês como uma "pomba vermelha". Marcados desta forma, vocês caminham lentamente, subindo a montanha do Senhor. Para conseguir atingir o cume dessa montanha, vocês têm que passar pelo coração de Deus e é nessa passagem que as chamas os envolvem de todos os lados, tornando-os tochas vivas. As pessoas que estão lá embaixo, no sopé da montanha, vêem, de longe, esse espetáculo flamejante e, naturalmente, sentem o desejo de subir também a montanha sagrada a fim de verem o que está acontecendo... É assim que se decidem ir

até os poustínias onde vocês se encontram. Aí, elas notam que vocês se tornaram transparentes e, através de vocês, descobrem o Cristo que as espera.

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

10.

Libertação em Cristo

"Então disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança e tenha poder sobre todos os peixes do mar e sobre as aves do céu e sobre os animais e as feras terrestres, sobre os répteis que rastejam pelo chão. Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus e criou-os homem e mulher" (Gn 1,26-27).

Durante minha estada no poustinia das Irmãzinhas de Charles de Foucauld, em Montreal, soaram-me aos ouvidos palavras de grande simplicidade e, ao mesmo tempo, muito complexas: liberdade e libertação! Tenho pensado muito sobre elas. O poustinia das Irmãzinhas é um pouco diferente do nosso, pelo que não me foi possível fazer anotações; por isso, conservei as palavras em meu coração, deixando que elas se prendessem a mim e procurando atinar com todo o seu sentido. Ocorreu-me, então, que Deus tinha criado toda a terra e, só depois, decidiu criar o homem: "façamos o homem à nossa imagem e semelhança". Que outra coisa é a "imagem e semelhança" de Deus senão o amor e a liberdade? Ao criar o homem, Deus que é liberdade, dotou-o de vontade livre também; por isso o fez à sua imagem.

Não sou teóloga; sou apenas uma pessoa que tenta escutar as palavras de Deus e meditar sobre elas. Impressionou-me o pensamento de que Deus teria desejado alguém como ele para poder "trocar idéias". Ele nos fez livres para que pudesse ser

amado por nós de maneira livre e espontânea. Pelo fato de ter-nos criado, mostrou que nos ama, porque a criação é um ato de amor. Sabemos, porém, que Deus estendeu seu amor muito além da criação, porque nos mandou seu próprio Filho para morrer por nós. Usamos mal da liberdade que ele nos deu, cavando, com isso, um abismo entre nós mesmos e nosso Criador. O Redentor veio para servir de ponte, lançada sobre tal abismo. Amor e liberdade vão sempre de mãos dadas e mesmo quando uso mal dessa liberdade, o amor não ma retira. Como cristão, eu devo sempre escolher o que Deus quer que eu escolha livremente.

Enquanto eu meditava sobre essa liberdade, cada vez mais me impressionava diante da sua realidade e da sua totalidade; ela, de fato, existe em mim e não tem limites: eu tenho o poder de dizer *sim* ou *não* ao próprio Deus! E quanto mais ponderava sobre estas duas palavrinhas, mais eu me abismava com o insondável mistério da liberdade, este poder fantástico de responder *sim* ou *não* ao próprio supremo Senhor de todas as coisas. Tal poder, pensei então, me torna herdeira do próprio Deus no qual somente existe a liberdade perfeita. Herdeira do Pai sou também irmã de Jesus Cristo, uma vez que fui batizada na sua morte e ressurreição.

Olhei para minhas mãos, ainda que elas nada tivessem a ver com tudo isso; mas, mesmo assim, olhei para elas, porque as mãos foram feitas para pegar e segurar: minhas mãos, de alguma forma, seguravam, entre seus dedos, o dom da liberdade. Longamente, no silêncio profundo da noite, eu

meditei sobre este dom que tinha em minhas mãos. Ao mesmo tempo que compreendia o dom da liberdade, conheci o sentido do pecado, este tremendo poder humano de voltar as costas a Deus e de dizer-lhe *não*; o horrendo poder de afastar-se do amor infinito para entregar-se a um outro ser que não é Deus. Então eu percebi que o pecado acorrenta a nossa liberdade mesmo quando nos faculta esse afastamento de Deus ou por causa disso.

Ao dizer *não*, algo acontece *em mim* e *por causa de mim* que não consigo evitar! Por outro lado, também o meu *sim* faz com que aconteça alguma coisa em mim, só que profundamente diferente: eu caminho para dentro de um sol nascente e minha peregrinação para o Absoluto torna-se toda iluminada, em vez das trevas em que o pecado me afunda. Meu *sim* torna-se canção lá dentro do coração, algo que se parece com aquele canto conhecido que diz assim: "Eu sou o Senhor da canção, eu sou o Senhor da dança!" Toda vez que digo sim a Deus, eu uso a liberdade para ser livre, e minha voz une-se ao canto universal da criação.

Naquele dia, no poustinia das Irmãzinhas, a descoberta de que eu era livre tornou-se o ponto central da minha meditação, quando eu experimentava a sensação maravilhosa de que ninguém me empurrava ou me arrastava ou me ditava coisas para dizer. Para mim, como para qualquer cristão batizado que entende sua religião e participa dos sacramentos da Igreja, o dom da liberdade é a chave de tudo: Deus diante de mim,

com toda a sua beleza e todas as suas exigências e eu diante dele com possibilidades de amá-lo ou rejeitá-lo, de ser quente, frio ou morno a seu respeito!

Mas, no mesmo momento em que vejo a grandeza do dom da liberdade e me rejubilo nele e agradeço a Deus por ele, sinto também seu tremendo peso de responsabilidade e — por que não dizer — sua tremenda insegurança... Porque sou *eu* quem deve decidir, com todas as minhas fraquezas. Sim, é verdade que posso ter meus conselheiros espirituais e livros, mas, na hora da decisão final, estou sozinha diante do meu Deus. Isto é liberdade!

Assim prossigo em minha meditação, até que, a certa altura, ela cessa e uma grande quietude entra e toma posse do meu coração, do meu espírito e de minha mente. Neste repouso predomina o imenso e maravilhoso silêncio de Deus... E eu me torno também uma espécie de silêncio flutuante, por dentro e por fora. É o momento em que se alargam os ângulos da minha visão e os horizontes se expandem numa contemplação de beleza inenarrável: de um lado, um deserto, o deserto de Satã, com seu poder e seu desejo de cegar a minha vontade para conseguir que ela o siga; de outro lado, está o Senhor, a Trindade, a Pomba Vermelha, Espírito de Amor, Deus de Amor que paira sobre mim como um imenso pássaro flamejante... Talvez nem seja pássaro... apenas fogo que eu confundo com uma ave. Silencioso e tranqüilo, ao meu lado, Cristo está de pé; apesar de o ver parado, sem empurrar-me nem puxar-me, eu sinto que ele está me

conduzindo ao Pai, como sempre faz.

Por incrível que pareça, a minha liberdade, posta entre duas opções, deixa-me cansada. Tudo é simples demais, claro demais e esse tipo de simplicidade é cansativo para nós, seres humanos. De um lado, o deserto de Satã que parece tão calmo e repousante; do outro, o fogo, a chama de Deus, sempre em movimento, o fogo que nunca diz basta. E eu no meio! Sim, sinto-me cansada por ver tão claro que devo decidir entre o deserto e a chama. Curioso que me sinta cansada quando vejo tudo tão claro e por ver tudo tão claro! É que a decisão vem logo após a clareza!

Jesus Cristo também teve liberdade e veio ao mundo espontaneamente, sem compulsão, apesar de saber que estava fazendo a vontade do Pai. E eu me vejo, então, irmã de Cristo, filha do mesmo Pai, esforçando-me por escolher a vontade divina como meu único caminho: é o meu *fiat* que deverá repetir-se muitas e muitas vezes em minha vida com a graça de Deus.

Nesta altura, uma sensação misteriosa toma posse de mim. No momento em que decido entregar tudo o que tenho — pai, mãe, irmãos, parentes, vida, saúde, morte etc. — nas mãos de Deus, tenho a impressão misteriosa de chegar a um ponto que não consigo descrever. É como se fosse um aniquilamento... Ao entregar tudo o que tenho e sou — corpo, alma, mente, sentidos e coração — eu passo a existir como se não mais existisse.

Pois bem, meus queridos, é exatamente desta

espécie de *não-existência* que eu ressurjo subitamente, toda transformada pela minha liberdade. Agora, realmente eu estou libertada e livre. Sinto-me como um pássaro, librando-se lá em cima, pairando sobre todas as coisas da terra que passam a ser minhas, conquistadas pela minha liberdade, porque todas elas são de Deus e o próprio Deus é meu e eu sou dele. É assim que me liberto no momento mesmo em que me amarro livremente. Possuo todas as coisas e Deus me possui.

E como Deus é amor e chama, ser possuída por ele é sentir-se transformada num grande zelo, numa chama ardente, alegre, fantástica que desperta em mim uma vontade incoercível de trabalhar por ele e pela sua Igreja. Compreendo, então, que toda vontade que se entrega a Deus necessariamente se transforma em zelo. Agora, mais do que nunca, a exultação toma conta de mim e eu acerto o passo com o "Senhor da dança", cantando no amor, na fé e na esperança.

Tudo me parece tão simples, meus caros. O que lhes trago são palavras que escutei sem ouvir, visões que vislumbrei sem ver. Trago-lhes o resultado da opção certa de todo homem: o dom da libertação! Agora eu sou livre. Fui libertada! Aleluia! Aleluia! Aleluia! Eu me entreguei e meus laços foram cortados em pleno ato de doação. Reparem: estou completamente solta de quaisquer amarras!

O poustinia é, pois, um lugar de liberdade, uma liberdade que *eu* estou plenamente consciente de exercer. Fui *eu* quem decidiu viver perenemente num poustinia, como manifestação livre de meu

amor para com Deus nesta maneira de demonstrá-lo. É como se eu dissesse a Deus Nosso Senhor: "Aqui estou, livre de qualquer coação, para ir um pouco além da maioria dos homens no meu amor por ti. Não sei ainda tudo quanto possa significar esta vida, só sei que ela me leva um pouco mais para perto de ti e, uma vez que me sinto cada vez mais apaixonada por ti, desejo uma aproximação maior, livre e espontaneamente". Se vocês permanecerem no poustinia, conhecerão a verdadeira *libertação*.

Qual a diferença entre liberdade e libertação? Libertação vem de Cristo. Ela é a liberdade que Deus concede a todos vocês que o escolheram livremente; é um dom de Deus, um dom fantástico! A escolha de ir ou não ir a um poustinia, de jejuar ou não, de rezar, de ser fiel à Igreja, tudo isso é expressão de liberdade, mas não é ainda libertação; esta vem de Deus.

Imaginemos o Pai que nos diz: "Agora que você realmente se esforçou, eu me darei a você de um modo e numa dimensão que você jamais suspeitou ser possível". E então ele nos liberta das coisas que *ele próprio nos pedia!* É engraçado demais!

O que quero dizer é que as exigências de Deus, de seu amor e de sua lei deixam de ser problema: isso é libertação, depois da liberdade; isso é o ponto mais elevado da liberdade, transformada em libertação quando atinge o vértice do amor. Os problemas continuam a existir ao meu redor, mas já não me atrapalham. As pessoas continuam a ser "chatas", rudes, indiferentes a meu respeito, mas não me atingem porque fui libertada por Deus. É como se eu

estivesse fazendo uma excursão pelo Universo maravilhoso de Deus e vou percebendo, enquanto caminho, que tudo quanto aparece em minha estrada se encaixa perfeitamente no plano de Deus a meu respeito. Libertação torna-se, então, uma espécie de "sexto sentido", um dom extraordinário de "discernimento". A vida que costumava ser difícil e pesada, agora é leve e natural.

O dom da sabedoria é também parte desta libertação. Discernimento e sabedoria, libertação e discernimento fundem-se num mesmo dom para me livrar de todas as coisas e situações que tentam puxar-me para baixo. É óbvio que, em tempo algum de todo esse processo, o poustiniano chega a pensar que tudo isso foi obra sua!

Quando um poustiniano entra na sua cabana de troncos ou na solidão do seu poustinia, ele se vê frente a frente consigo mesmo. Nunca esteve ante um espelho tão fiel. Há muita coisa no evangelho que diz respeito a esta situação do homem diante de si mesmo. Nosso Senhor disse que o homem se mancha e se degrada por aquilo que sai do seu interior. A maioria dos homens não consegue olhar para o que está dentro de si. O poustiniano, homem ou mulher, na expressão total da sua liberdade, entra num poustinia exatamente para fazer esse exercício, para enfrentar a si mesmo. Muitas coisas e o próprio demônio tentarão impedir e bloquear esse confronto.

Talvez eu possa me expressar da seguinte forma, um tanto materialista: imaginem Deus girando na órbita do infinito e vocês nessa órbita, com ele,

agarrados ao seu manto para não caírem! Milhares de mãos puxarão vocês para baixo e para trás, tentando fazer com que larguem o manto divino que agarraram e que os mantém em órbita! Durante todo esse tempo, vocês são livres para soltar as mãos, para ceder à tentação, à pressão de fora; são livres para deixarem o poustinia ou para continuar nele.

É exatamente por causa de sua grande liberdade que o poustiniano não tem regras. Nada existe para guiá-los além do que está dentro de vocês! Aí é que entra em cena e em ação o discernimento. Entre milhões de coisas que todos desejam que vocês façam, terão que decidir, com sua própria mente e coração, o que devem e irão fazer. Suas vidas devem ser dedicadas ao serviço da comunidade. Uma coisa tem que ser riscada definitivamente de seu programa de ação: satisfazer ao próprio egoísmo!

A essência do poustinia é a liberdade, total liberdade de ação, orientada pelo seu amor para com Deus e pelo amor dele para com vocês. Entre fazer isso ou aquilo, consultem o coração. Ponham a cabeça no coração, ajoelhem-se e esperem a resposta de Deus. A maioria dos seus deveres serão óbvios. Precisamente porque vocês são livres é que sua obediência deve ser maior. Sempre que algum trabalho for muito difícil, no campo do apostolado, o poustiniano deve correr para ele com maior alegria.

O poustiniano não tem "segurança", porque depende inteiramente de Deus. Acontece que Deus tem uma tendência especial de virar nossa vida pelo avesso a cada cinco minutos! Donde se segue que o

poustiniano deve estar preparado para romper qualquer rotina de vida, sem aviso prévio.

A mesma liberdade existe com relação a Cristo, a grande presença do poustinia, a presença que vocês vieram procurar quando buscaram a solidão. Esta presença exala um perfume especial, por assim dizer, um aroma que atrai as pessoas. Algumas vezes essa atração, no poustinia, é tão poderosa que vocês quase podem tocá-la. Mas, não nos esqueçamos de que existem sempre as atrações que levam em sentido contrário, criando, desta maneira, o campo para eu exercitar minha vontade livre! O poustinia está sempre dando dimensões novas a essas atrações de Cristo e, também, novas dimensões à liberdade interior com que rejeito as outras atrações.

Pode haver trevas no poustinia? Claro que sim. Até agora eu tenho caminhado em plena luz ou, pelo menos, em crepúsculos, o que não tem sido tão ruim assim, porque meus olhos, mesmo no crepúsculo, ainda podem distinguir o contorno das coisas por si mesmos. (Não se esqueçam de que estou falando de olhos e ouvidos do coração!) De repente, eis-me no meio da escuridão, da treva de que nos fala São João da Cruz: a noite do espírito! Aí também devo tomar minha decisão, isto é, se entro ou não, livremente, nessa noite. É aqui, diante dessa escuridão instantânea, que muito poustiniano desiste e volta atrás. É difícil esse primeiro passo, livre, espontâneo, decisivo, para dentro da noite.

Esta é a hora oportuna para o diretor espiritual, porque a tentação de abandonar tudo é muito forte.

São tentações que se camuflam debaixo de todos os tipos de racionalização; quando se tem a tendência de processar e resolver as coisas na cabeça, em vez de solucioná-las no coração. Repito, pois, que a presença do padre espiritual é muito importante nesta hora, porque muitas forças e muitas barreiras se erguerão para impedir-lhes a entrada na noite do espírito e, lá dentro, o território não tem mapas nem caminhos: é terra desconhecida.

Então, pela graça de Deus (dom de libertação) e pela sua vontade, em ato de escolha livre (liberdade), sem coerção de espécie alguma, você entra na "noite".

Quando digo "pela sua vontade" quero dizer que não existe temor interno, o temor, por exemplo, de que Deus esteja descontente com você. Aqui a liberdade se une à fé e ambas deixam-lhe a convicção de que Deus não está descontente, nunca está descontente com você. Aconteça o que acontecer, é necessário evitar a confusão, ambiente predileto do demônio.

Não se enrede em racionalizações complicadas: "Eu devo estar no poustinia, é meu dever estar aqui... mas agora apareceu "essa noite" e se eu não a aceito, desagradarei a Deus". Este pensamento, ainda que não pareça, está limitando sua liberdade. É o demônio que já está laçando você! Cuidado! Nunca tome deliberação alguma motivado por alguma idéia de culpa, sobretudo se ela vem com muita racionalização. Liberdade quer dizer liberdade!

Supomos que você entrou na noite do espírito... Fechou os olhos, cerrou os punhos e... pronto! Este é

o momento em que o poustiniano fecha, literalmente, as asas da inteligência; fecha-as inteiramente, o que representa um processo penoso até mesmo para um cristão oriental que já está mais acostumado a isso. Há um grande vazio em sua mente, quando sobrevém a noite do espírito. É como se a gente devesse caminhar sem o uso da razão. Em certo sentido, somente os tolos e os loucos entram assim, deliberadamente, numa situação dessas, caminhando de olhos abertos para esse estranho vazio.

Todo esse processo não acontece num dia, e eu percebo que parte do esforço é meu... Há um momento em que tenho a impressão de "agarrar" alguma coisa, sem saber o que é. Isso ajuda-me a fechar mais ainda as asas da razão e esvaziar-me mais ainda. Na expressão de são João da Cruz: "Dei um pulo no abismo e agarrei minha presa". O poustiniano pula, sim, no abismo, mas nem sempre agarra a sua presa; de qualquer forma, porém, ele deve pular! Francamente, esta é uma das mais penosas experiências na vida espiritual. Não há sofrimento em aquietar nossos pensamentos e todas aquelas preocupações preliminares; isso é até relativamente fácil; o ponto culminante do sofrimento começa quando o vazio toma conta de você: é o momento em que você parece deixar de existir por um ou dois minutos.

O filósofo francês Sartre, ateu e materialista, fala muito da "marcha para o nada". No caso dele, o nada é, realmente, *tudo* o que o espera. Só existe o vácuo por detrás deste seu nada: o desespero, o

fim! O cristão, porém, caminha para este vazio de si mesmo e aí encontra Deus. No caminho para esse vazio atinge-se aquele momento, acima mencionado, de quase "não-existência". Pode parecer uma idiotice dizer-se uma coisa dessas, mas é verdade. Pelo menos no que diz respeito ao próprio "eu", chega-se a um momento de não-existência, em que a pessoa não percebe mais que trevas ao seu redor e nem parece ter consciência de si mesma. Se, nesse momento, você está nas alturas ou nas profundezas, pouco importa; nem disso você tem consciência. O certo é que esse momento de "aniquilação" existe e é exatamente quando você sai dele que a oração começa.

O momento que acima descrevemos é curto, extremamente curto: como algo que bate em você e... lá se foi! Mas, logo após surge a oração; uma oração estranha, sabem? Uma oração que não é oração porque se desenvolve numa *passividade interiorizada*, sem conexão alguma com o que você está fazendo... Não é você que reza; é Deus que reza em você e isto determina o ponto exato da libertação. Até agora era a liberdade que operava: você submetendo-se a Deus, de livre e espontânea vontade; agora Deus toma as rédeas ou pega o volante. A verdadeira libertação começou!

Tudo isso nos leva sempre de volta à Santíssima Trindade, se bem que com certa relutância, porque sabemos que nossa entrega ainda não está completa e isto nos faz temer um confronto com a Trindade. Em geral, no poustinia, Deus está sempre mostrando-nos recantos de nossa alma, mente e

coração, que ainda não lhe foram entregues e a gente, então, tem que agarrar a si mesma pelo pescoço, por assim dizer; tem que arrastar até Deus, para a doação total, este nosso "eu" escorregadio e fugidio.

Estou falando a meu respeito, mas o que digo aplica-se a todo e qualquer poustiniano. Eu sei que a aproximação de Deus cria problemas sérios para o meu "lado humano", para esse aspecto de nós mesmos que são Paulo chama de "homem velho". Um desses problemas é a luz. Nós não gostamos muito da luz quando ela esclarece e ilumina demais as coisas; por isso é que Cristo disse que odeia a luz todo aquele que age mal. Deus é luz e é fogo.

Quando nos aproximamos dele, não somente ficamos inteiramente desvendados, como também experimentamos a sensação de que ele nos queima profundamente. Sim, a luminosidade de Deus abrasa a gente! E eu não consigo desejar totalmente ser abrasada desse jeito, mesmo sabendo que se trata de um fogo de amor. Não, eu não quero me queimar! Esse novo tipo de luta se repete constantemente no poustinia. Aí é que entra em jogo a ternura de Deus que não joga toda sua luz, de uma só vez, em cima de nós e nem ilumina todos os recantos do nosso coração em um minuto!

Quando, finalmente, vencida essa batalha, eu me entrego à luminosidade de Deus e permito que ela me abra-se e me queime, então é que estou preparada para ouvi-lo. Este momento é de muito peso! É de uma grandiosidade que esmaga se não se tem estrutura para suportá-lo. O que realmente

acontece nesta hora é que Deus me diz: "Fince tuas raízes na Sabedoria! É chegada a hora! Eu te concedo o dom da Sabedoria porque ele é meu, mas quero que seja transmitido a outros. Não te chamo mais servo; chamo-te, pelo contrário, amigo e herdeiro. És o irmão ou irmã de meu Filho. Assim sendo, finca raízes profundas no dom da Sabedoria".

Ao ouvir isso, a gente concorda com o que ouve e tem que ser assim; é preciso *concordar* com tudo, porque Deus quer um amor que seja inteiramente livre, que ame livremente. Não existe pressão nem tração: tudo tem que ser aceito com plena concórdia interior. Então, sim, as raízes penetram no mais profundo da Sabedoria e você começa a *prestar atenção* a Deus, em vez de só ouvir a sua voz, como qualquer som que fere seus tímpanos. Nesta hora é que desce sobre você o espírito de discernimento e você entende o que Deus quer de você e o que querem os homens e o que você mesmo quer!

Ah, sem dúvida alguma, existem momentos em que você não quer saber de nenhum desses dons... Mas eles lhe são enviados e você os aceita porque ama a Deus.

11.

Kénosis: esvazie-se de si mesmo!¹

O poustinia é um processo de esvaziamento de si mesmo, no que poderia ser comparado a um banho de vapor! Toda a atmosfera, local, arranjo interno e outras circunstâncias do poustinia nos falam constante e quase implacavelmente da necessidade desse esvaziamento. Gradualmente você vai-se dando conta de que deve morrer para si mesmo — esvaziar-se — se quiser permanecer ali dentro.

Tal processo tem vários níveis e diversas dimensões, mas sua meta principal é a *santa indiferença*. São duas palavras só e se dizem ou se escrevem com facilidade, mas a vida inteira não basta para atingirmos a perfeição desta indiferença.

Um dos aspectos do processo é a luta contínua contra a própria imaginação, contra os próprios "sonhos", planos, desejos, necessidades etc. Santa Terezinha tem um exemplo, em sua autobiografia, que muito se aproxima da idéia russa; falando com Jesus, ela diz, numa linguagem que lhe é característica: "Quero ser como um brinquedo em tuas mãos, uma bolinha, por exemplo, que poderás usar para brincar ou deixar esquecida nalgum canto para retomar anos mais tarde, quem sabe..." Um célebre "staretz" russo, ancião provecto em idade e virtude nos aconselha a ser como uma "boneca de trapo"! Uma boneca que se deixa pegar pelos cabelos, por uma perna ou de qualquer outro modo e que pode ser tratada com cuidado e carinho, mas

¹ *Kénosis*, palavra grega que significa vácuo. (Nota do Tradutor)

que pode ser também atirada na caixa de brinquedos ou no lixo. Dois santos que se encontram na mesma idéia.¹

A hora de alguém ser "bola" ou boneca de trapo surge com bastante frequência nesta vida. Uma dessas horas é quando nos dizem que temos alguma doença incurável e estamos, portanto, a poucos meses ou dias da morte. Numa hora dessas cai por terra tudo aquilo que planejamos durante anos. A realidade da morte, tremenda, implacável, pode fazer desmoronar, em questão de minutos, uma obra que levou anos para construir-se.

No poustinia há momentos parecidos, quando Deus visita uma alma: dá-se, então, a *kénosis*, este esvaziamento de nós mesmos que atira por terra projetos e planos já bem avançados, mas que, vistos numa luz nova, não entram nos programas de Deus.

O deserto do poustinia é um altar no qual você se oferece a Deus em cada minuto que passa e se transforma num ofertório vivo. O objeto principal deste ofertório é a vontade própria, obstáculo principal e o mais temido que levantamos, como barreira, entre Deus e nós mesmos.

Decidimos fazer isso ou aquilo e as providências

¹ Santo Inácio de Loyola, tratando da obediência, fala do "abandono" nas mãos do superior como "o bordão de um ancião" que pode ser usado para qualquer coisa pelo seu dono. Incidentalmente, é curioso observar como Catarina, com toda a sua espiritualidade oriental e russa, se encontra com Inácio, ao mencionar "Indiferença" e "Discernimento" que são dois pontos altos dos Exercícios Espirituais deste santo. (Nota do Tradutor)

estão já tomadas nesta direção, quando Deus se manifesta e aponta outro caminho e diz: "Não; faça esta outra coisa!". E não se trata de seguir a sugestão divina por medo de algum castigo ou por medo de morrer; temos que agir movidos por amor: fazemos o que ele quer e pede porque o amamos; para isso viemos ao poustinia e não para qualquer outra finalidade; para cumprir a sua vontade e não a nossa.

O grande sentido do poustinia é de formar em nós uma atitude: a do esvaziamento total de nós mesmos por amor de Deus, imitando a Jesus Cristo que se "esvaziou" por assim dizer, da sua própria divindade por amor de nós.

Haverá um momento em que a procissão do nosso ofertório se encontrará com a procissão do ofertório de Deus. Em outras palavras, Deus se derrama em nossa alma com tal superabundância de dons, que já não precisamos ficar em poustinias; podemos ir a qualquer parte do mundo e viver em qualquer lugar. O poustiniano pode, então, tornar-se peregrino. Está, agora, tão vazio de si mesmo que somente leva a Deus consigo; todos os seus caminhos estão limpos e retos, prontos para os pés de Deus. É um momento grandioso este em que um homem ou mulher percebe, pela graça sobrenatural, que esta mudança se realizou em seu coração.

Quando ouvimos a parábola da semente — a palavra de Deus — deveríamos pensar na encarnação do Verbo no seio de Maria. Nunca houve nem haverá melhor semente, nem raízes que tenham penetrado mais profundamente em nossa humanidade: "O

Verbo se fez carne e habitou entre nós". É difícil para nós entender o tremendo mistério de um Deus que se faz embrião, criança, jovem e homem, submetendo-se às leis do crescimento, ele que já é perfeito e total!

Se entendêssemos isto, mesmo de maneira nebulosa, poderíamos começar a entender o imenso amor de Deus por nós. É diante desse mistério que devemos colocar o esvaziamento de que estamos falando, o qual se deve processar em nós pela entrega total da nossa vontade à vontade divina. É assim que a nossa procissão de ofertório sai ao encontro do ofertório de Deus na encarnação.

Este oferecimento de nós mesmos, quando se realiza, deve ser fruto da nossa liberdade e muda tudo em nós, logo que surge. Ele bane para longe toda espécie de temor. O próprio demônio, dando voltas ao redor do poustinia, como no-lo descreve são Pedro, não impressiona mais, porque o poustiniano agora sabe que tem poder também sobre o diabo. Onde há *kénosis*, não existe temor.

Eu meditei muito sobre o temor durante minha estada em Harlem... Será que Cristo sentia medo? Certamente que o sentiu no Horto das Oliveiras. Sendo igual a nós em tudo, exceto no pecado, não consigo imaginá-lo imune desta fraqueza do medo que é comum a todos nós. Naquela hora, ele rezou para que o sofrimento da paixão e morte — o Cálice — fosse afastado de si, mas sempre acrescentou sua submissão à vontade do Pai. É uma cena impressionante em que a gente percebe a presença do medo e isto nos consola, porque este medo o

torna tão semelhante a nós! Mas, de repente, quase que tendo ainda nos lábios a oração do medo, ele se levanta e parte, resoluto, para o horror do Calvário! O temor ficou para trás e lá vai ele ao encontro da vontade divina!

Quando terminei uma dessas meditações, muitos anos atrás, lá em Harlem, eu deixei de ter medo; lembro-me disso muito bem. Talvez foi porque enfrentei o fato de que poderia ser morta a qualquer hora, em decorrência dos preconceitos raciais que minha presença e meu trabalho exacerbavam em muita gente. Quando se decide enfrentar a realidade da morte, como o fez Jesus, o temor desaparece e nós atingimos a perfeição do esvaziamento!

Com o temor desaparece também o *respeito humano*, como um fantasma que se esvai na noite do deserto. O respeito humano é polimorfo, tem muitas caras; nós conhecemos apenas o seu tipo mais comum que se manifesta no medo do ridículo, mas eu creio que existe também uma espécie de respeito humano com relação a nós mesmos e este pode ser bom e pode ser mau. É bom e saudável quando me leva a reconhecer que todo o bem que em mim existe vem de Deus; é mau e nocivo quando me leva ao orgulho, ao engrandecimento de mim mesmo, usando dons que recebi de Deus.

O poustinia é uma mãe bastante severa no princípio, mãe que, gradualmente, nos irá "desmamando" de todos estes desejos humanos de admiração, elogio e adulação, e você, pouco a pouco, percebe também que vai gostando de ser desmamado! Ouvirá dizer, sem dúvida, que você é uma pessoa extraordinária,

sobrenatural, santa, etc., mas nada disso o atinge. No poustinia a gente desenvolve uma qualidade parecida com a das galinhas que têm as penas untadas com um óleo natural: quando estão na chuva empinam o dorso e a água escorre sem penetrar nas penas. Quando as pessoas dizem coisas bonitas a seu respeito, faça como as galinhas: ponha-se em posição vertical, levante seu espírito a Deus, dizendo-lhe: "Se algo de bom existe nesta conferência, artigo, livro ou conversa, é coisa que vem de vós, Senhor. O resto é meu!" Nós sabemos que "resto" é este...

Eis aí um ponto de extrema importância: as pessoas, ao seu redor, podem acusá-lo e louvá-lo; sua atitude interior deve permanecer a mesma em ambos os casos: paz! Um dos meus antigos diretores espirituais, o Padre Paul Furfey, disse-me, certa vez: "Catarina, você é fabulosa como conferencista; entretanto, em nome da santa obediência, esqueça todas as suas conferências e lembre-se de que todo o bem e beleza que nelas existe vem de Deus; o resto é que é seu!" Na Rússia chamaríamos isto de "santa indiferença": quando dizem que você é santo, você não protesta nem faz caretas; quando o chamam de demônio, proceda da mesma forma, conservando a paz do coração em ambas as situações. Isto é *kénosis*!

Juntamente com o temor e o respeito humano, a *preocupação* é também outra coisa que desaparece, como resultado desse esvaziamento de que estamos falando. E note-se que esta preocupação é uma das dificuldades principais do poustiniano.

É possível sermos introspectivos de maneira errada, que resulta sempre em preocupação. A verdadeira interiorização consiste em assistir à vinda ou entrada gradativa de Deus em nosso coração; a falsa introspecção é a contemplação interior dos ídolos que você gostaria de colocar sobre o altar da sua vida. Passam-se horas perdidas a contemplá-los, quando deviam ser atirados fora! Esta introspecção errada de que falamos levamos sempre a nós mesmos; começa com o próprio eu e termina nele. A interiorização, pelo contrário, começa sempre com Deus e termina também sempre nele. Na medida em que cresce a interiorização, decresce a preocupação.

Uma das dimensões mais penosas do esvaziamento está relacionada com a coragem de anunciar a palavra de Deus. "Abra sua boca que eu a encherei", diz o Senhor. Se não cremos que tal possa acontecer ou não temos coragem de transmitir a palavra, quando estamos "cheios", então é melhor ficar de boca fechada! Um exemplo pode ilustrar esta idéia.

Certa vez eu tive a oportunidade de fazer uma conferência para a Sociedade Internacional de Oratória Sacra que, como se deduz, procura promover boas pregações do evangelho. O conferencista principal era um bispo que, durante três quartos de hora, falou sobre a necessidade do estudo na preparação do sermão. Quanto mais ele falava, mais inquieta eu me sentia e mais incomodada. Diante de toda aquela insistência e ênfase posta sobre o estudo, como preparação prévia para falar, eu estava verdadeiramente arrasada, pois que estudos fizera eu? Comecei a

rezar desesperadamente para que eu não precisasse falar; que ficasse doente ali, de repente, ou qualquer coisa assim... Mas, no íntimo, eu sabia que Deus me queria lá, de pé, falando para aquela gente. Ele estava enchendo a minha boca...

Eu tive que contradizer o bispo em quase todos os pontos! Falei sobre a necessidade de *rezar* antes de qualquer pregação. Felizmente, o bispo era uma pessoa muito humilde; veio procurar-me, mais tarde, e disse-me: "Catarina, você me ensinou uma bela coisa: que o pregador deve rezar mais do que estudar". Eu tinha de falar, mesmo sabendo que iria contradizê-lo, porque sabia que ele não estava certo e, sobretudo, porque Deus estava "enchendo a minha boca!".

Este esvaziamento, esta *kénosis* que representa uma das finalidades principais do poustinia, consiste numa disposição e habilidade para ouvir e escutar. Se, dentro do poustinia, alguém sabe ouvir atentamente, saberá também quando deverá falar, depois que sair de lá. Neste caso, suas palavras serão mais de Cristo do que suas; Deus assume o controle da transmissão da Palavra. Nossos vocábulos humanos, por mais solenes e eruditos que sejam, não passam de sopros insignificantes, quando estão cheios de nós mesmos; quando, porém, nos esvaziamos e Deus toma o nosso lugar, qualquer palavrinha que saia de nossa boca se transforma em *a Palavra!*

O papel principal do poustiniano, portanto, consiste em calar-se. Mais do que o silêncio material, isto significa que ele deve desapegar-se e esvaziar-se

das suas palavras. O que já mencionamos, várias vezes, como o "fechamento das asas da Inteligência", quer dizer que devemos abandonar, desistir da origem, da fonte das nossas próprias palavras. Para quê? Para ficarmos mudos, sem capacidade alguma de expressão? Não; simplesmente para que *a Palavra possa tomar o lugar das nossas palavras!*

Eis aí por que se fica em silêncio e na solidão total do poustinia. É um estranho silêncio em que você pega suas palavras e as deposita, como ofertório, sobre o altar, a fim de não ter mais palavras próprias, palavras que possa chamar de suas; o depósito e a origem dessas palavras ficam assim vazios. Os russos costumam dizer: "Se você tiver um espírito quieto e recolhido, as pessoas se ajuntarão ao seu redor, quando você fala". Por quê? Porque não é você que fala; é *ele!*

Com esse oferecimento das minhas palavras às Palavras de Deus, surge em mim o dom do discernimento, o dom de saber o que se deve dizer a cada pessoa. Uma clareza inenarrável toma posse de mim e me habilita a ver o coração do outro e saber o que devo dizer. O Verbo se encarnou nas minhas palavras, e minha mensagem se torna fácil e flexível, devido ao dom do discernimento: ora leve e compassava, ora mais dura e mais direta. A clareza que eu aceitei, a custo de muito sofrimento, ao acolher a palavra divina, torna-se raio de luz para iluminar outras pessoas.

Este é mais um dos *carismas* do poustinia, se quiser falar assim. E é um carisma doloroso porque, através

dele, eu me desapego e me despojo da *minha* capacidade de expressão, do *meu* poder de falar que constitui uma das diferenças entre mim e as demais criaturas. O poustiniano tem que reaprender a falar; deve aprender a falar, com o coração, as palavras que Deus põe dentro dele. É como virar criança e recomeçar a balbuciar!

Kénosis é, por conseguinte, um processo que transforma um noviço num asceta maduro e, neste processo, não entra, necessariamente, a idade cronológica. A juventude se transforma em sabedoria; o homem torna-se sábio na medida em que se esvazia, no sentido que estamos explicando. Evidentemente, o mundo sente uma dificuldade enorme em aceitar isso, esse esvaziamento, e chega a aduzir, contra ele, um velho aforisma que diz: "A natureza não aceita o vácuo!". E é verdade mesmo, não somente no mundo físico, mas também no espiritual; por isso é que Deus entra imediatamente em nós, no momento em que nos esvaziamos de nós mesmos! A Trindade vem morar conosco. E assim, já não existe o vácuo!

Todo esse trabalho espiritual deixa certo cansaço, a princípio, mas, pouco a pouco, vai-se tornando leve e sem esforço porque nosso "vazio" vai-se enchendo de Cristo gradualmente. Ele se torna o "pregador de retiro" que, durante o dia, vai respondendo às nossas perguntas e o modelo de oração que se afasta para a montanha, à noite, a fim de rezar.

De qualquer forma esta *kénosis* tem que existir num poustinia. Ela representa o tremendo combate entre nossos desejos de dirigir e arranjar nossa vida, e a

vontade de Deus. Claro que é uma batalha cansativa, mas depois de vencida, quando você se encontra no mundo, em missões de amor e de bondade, passando adiante o que ouviu de Deus no poustinia, não sentirá mais cansaço algum — mesmo viajando e visitando os lugares mais diversos e difíceis.

Os verdadeiros apóstolos se distinguem por uma tremenda capacidade de trabalho. As pessoas se admiram como são capazes de passar horas e horas ouvindo problemas, respondendo a perguntas, esclarecendo e aconselhando. É que Cristo está fazendo isto neles. Eis aí mais um dom do poustinia, esta capacidade de trabalhar sem se cansar, porque nossa fraqueza se transforma em força de Deus. Tal transformação nasce como resultado da nossa contínua presença diante do altar sobre o qual depositamos tudo em oferecimento, tanto as coisas pequenas como as grandes, até que, um dia, a gente se deposita a si mesmo e se transforma na maior oferta ou no maior ofertório. Será o maior benefício conferido a um ser humano pela graça divina.

Esta *kénosis* é o ponto central, o cerne da espiritualidade russa. Para o "poustinik" russo, o mais poderoso de todos os pensamentos é o de esvaziar-se a si mesmo do seu próprio eu, para imitar a Cristo que se esvaziou da sua divindade na encarnação, como diz o apóstolo Paulo. Nunca atingiremos estas profundezas, mas isto é a vocação de poustiniano.

Este dom, para o "poustinik" russo, é uma realidade escondida. Lembro-me de um velho amigo, pintor,

cuja profissão era a de restaurador de obras de arte. Existe certo ingrediente que se coloca sobre a tela, deixa-se secar por algum tempo e, a seguir, cobre-se com um outro ingrediente químico. Estas duas camadas, ao secar, formam uma película sobre a pintura e esta, ao ser removida, deixa as cores como se fossem novas. Às vezes eu penso neste esvaziamento espiritual como algo parecido: uma espécie de camada velha ou casca que removemos de nossa vida para deixar de novo à vista a pele novinha da criança, filha de Deus¹.

Nós somos como crianças brincando com *Plasticine*, massa colorida que usam para modelar figurinhas de brinquedo. Sim, também nós gostamos de modelar nossas estatuetas; só que, ao contrário das crianças, transformamo-las em ídolos e as adoramos! A posse de coisas materiais, bem cedo, torna-se ídolo; por isso é que o poustiniano tem que ter as mãos vazias. Ele usa as coisas da terra para conservar a saúde, para ajudar os outros, mas nada se gruda aos seus dedos, isto é, à sua alma e ao seu coração. É duro demais a gente desgrudar-se deste "eu" que parece ser a essência de nós mesmos! A impressão que temos é de que ninguém consegue desfazer-se dele. Mas tem que ser feito!

Temos que entregar nossa inteligência e nossa vontade, na ordem natural das coisas. Quando tivermos feito esta entrega, pareceremos, por algum tempo, como que completamente despojados da

¹ Vejam-se as expressões paulinas de *homem velho* e *homem novo* (Cl 3,9; Ef 4,22) e as frases. "*Já não sou eu quem vive, é Cristo que viva em mim*" (Gl 2,20) e " *revesti-vos de Cristo*" (Rm 13,14). (Nota do Tradutor)

nossa própria personalidade. Entretanto, o que fizemos nada mais foi do que entregá-la a Deus nas duas faculdades principais da nossa alma. A palavra russa "purgatório" aproxima-se da palavra "lavanderia", em português. Entregamos nossa inteligência e nossa vontade a Deus, com bastante sofrimento, para que elas possam ser lavadas, purificadas. Claro que já foram lavadas nas águas do batismo, mas nem sempre somos fiéis aos compromissos deste nosso renascimento batismal. A *kénosis* nos lava e purifica; em Jesus Cristo, através dos dons do discernimento e da sabedoria, vindos do Espírito Santo.

A única maneira que tenho para explicar como nossas mentes e vontades podem ser lavadas em Cristo é dizer que isto acontece quando passamos por certa experiência de aniquilamento. Há momentos periódicos em que você se sente como se estivesse morto. Em determinados momentos de sua vida, você diz coisas — na oração, nos seus pontos altos de união com Deus — com perfeita lucidez de inteligência, aprovação da vontade e aceitação do coração e de tudo mais que existe em você. Em tais momentos, o que está dizendo, realmente, é o seguinte: "Tomai, Senhor, minha inteligência e minha vontade! Purificai-as!" Estes momentos de *sinceridade total* quanto tempo duram? Um minuto... uma hora. .. todo um dia? Você mesmo não saberá dizer; a única coisa que percebe é que, depois da entrega, sua inteligência e sua vontade lhe são restituídas limpas, purificadas. E você se sente mais vivo do que nunca! Para elaborar um pouco mais este ponto, talvez poderíamos usar, mais uma vez, o

exemplo de Jean Paul Sartre, o filósofo ateu.

Certa vez, pediram-me uma palestra ou conferência sobre Sartre. Como preparação, comecei a ler algumas de suas obras e, na medida em que avançava na leitura, ia ficando muito cansada. Sentei-me na beirada do leito e comecei a refletir comigo mesma: "Sartre leva-nos ao aniquilamento, ao nada... Mas, pensando bem, não é também para o aniquilamento que Cristo nos conduz? Não é exatamente isto que nos dizem os místicos em seus escritos?... Sim, sob certos aspectos, mas Cristo não nos leva tanto à negação como à entrega. Cristo nos leva apenas a uma aparência de negação; na realidade, ele nos eleva aos cumes mais altos do ser e da existência. Sartre nos leva a um aniquilamento, a uma negação que é *realmente nada*: um poço sem fundo no fundo de um abismo".

Eis, portanto, o que acontece conosco: quando permitimos que Cristo, através do esvaziamento do nosso eu — esta aparência de aniquilamento — nos leve ao cume da montanha, nossas mentes e nossas vontades são purificadas lá naquelas alturas. Antes que tal momento chegue, haverá muito exercício de força de vontade em nossas orações e retiros, nas idas e vindas, altos e baixos da nossa vida espiritual. Mas, em determinado ponto de toda essa tremenda luta — pois trata-se de uma verdadeira guerra —, haverá um momento em que seremos purificados no coração, na inteligência e na vontade. Isto é o deserto!

Agora estamos habilitados para discernir a vontade de Deus. Nossos sentidos estão atentos e "afinados"

com todo o nosso ser, na escuta de Deus. O discernimento nos possibilitará fazer decisões sábias e prudentes. Pelo fato mesmo de havermos entregue a Deus nossas mentes e nossas vontades, elas nos são restituídas: recebemos de volta, por assim dizer, nossas próprias ofertas. Eis aí o primeiro passo do seguimento de Jesus Cristo: espatifar o ídolo do próprio "eu".

Evidentemente, ficamos todos assustados ante a mera perspectiva desta *kénosis* ou esvaziamento, porque somos muito covardes. E quem é que não tem medo, neste mundo? Assim sendo, recorramos a Maria Santíssima. Voltando à imagem da película formada sobre pinturas antigas, no processo de restauração, pecamos a Nossa Senhora que se encarregue de puxar a película que irá restaurar a imagem de Deus em nós. Falta-nos coragem para tanto porque nos parece o mesmo que arrancar a própria pele; dói! Mas é preciso arrancar esta pele falsa do nosso "eu". Maria é Mãe e tem dedos delicados e ternos, capazes de tornar essa operação menos dolorosa.

A *kénosis* não pode acontecer em nós sem nossa colaboração. Há momentos em que tal colaboração se torna penosa e chegamos mesmo a desejar — ou quase — que Deus não nos tivesse feito livres, para não termos o problema da opção! Mas a liberdade aí está e nunca nos será tirada. Deus *jamais nos fará* optar por isso ou aquilo. Como em todas as demais virtudes, também neste nosso esvaziamento, a colaboração pessoal de cada um constitui elemento imprescindível.

Já deu para perceber que este processo implica uma espécie de morte e, além disso, atrairá sobre nós as iras de Satanás com seus ataques. Teremos a impressão de estar no centro mesmo de uma tempestade e chegaremos quase a duvidar se vale a pena essa entrega, esse despojamento... Mas tudo isso atrai também graças e carismas especiais do nosso Deus. Tudo o que precisamos fazer é rezar e rezar muito, soltando gritos, na expressão do salmista, lá das profundezas da nossa angústia e fraqueza. Assediados pelos ídolos criados pela nossa própria inteligência e liberdade, só chegaremos à vitória através da oração. Será uma vitória de libertação: "Senhor, tornai-me livre para que eu possa esvaziar-me de mim mesmo!"

É óbvio que, em se tratando de um ponto de importância capital na vida espiritual, não se pode atingi-lo sem muita dificuldade e luta, sobretudo contra as tentações do demônio, se bem que boa parte dessa luta seja contra nós mesmos, contra nossas racionalizações e tentativas de fuga. Mas virá, bem cedo, a hora decisiva, quando mãos simbólicas abrirão as portas do nosso coração, para atirar fora tudo o que não deveria estar lá dentro e deixar entrar tudo quanto foi feito para estar lá dentro! É a hora da *kénosis*.

É nesta atmosfera e nesta altura que o discernimento alcança seu clima próprio e um estágio novo de perfeição, florindo como o edelvais, a flor dos cumes. Você, através desse discernimento, percebe, então, que está entrando bem dentro do mistério da encarnação. Porque, afinal de contas,

que outra coisa fez Jesus Cristo, ao tomar corpo, no seio da Virgem Maria, senão esvaziar-se da sua própria divindade? Ele se aniquilou, diz são Paulo, para tomar sobre si os pecados da humanidade, oferecendo ao Pai uma reparação por todos aqueles que precisavam de redenção e reabrindo, para os homens, as portas do paraíso. Você, no poustinia, ao esvaziar-se de si mesmo, encontra-se em posição parecida: sua vida se projeta sobre o mundo, transformada em holocausto, unida à redenção operada por Jesus Cristo.

Kénosis conduz o homem à realidade da Encarnação. O poustiniano a aceita e entra nela a fim de "suprir em seu corpo, em sua vida, o que falta à paixão de Cristo", segundo a expressão do apóstolo são Paulo. Esse trabalho, continua o mesmo Apóstolo, deve ser feito no corpo Místico de Cristo que é a Igreja.

A *kénosis* não é, portanto, nada de passivo; é uma *participação* na própria paixão de Jesus Cristo; esta é sua meta final e objetivo principal. Ela não é praticada ou procurada por razões meramente pessoais, mesmo que sejam ótimas, como a de unirmos com Deus. Temos que ir além dessa motivação e imitar a Jesus Cristo, tomando sobre nós os sofrimentos da humanidade. Lembrem-se do que já foi dito: o poustiniano nunca está só no seu deserto! Se não fizermos isto, jamais seremos capazes de oferecer a Deus o dom do nosso despojamento. Como tudo no poustinia, este esvaziamento é, primariamente, um dom para os outros, para os que estão fora.

Todos os passos que procuramos descrever até aqui

são apenas os primeiros. O esforço de despojamento continua pela vida fora. Estaremos sempre levando, sobre nossos ombros, as dores e as alegrias dos outros homens, da humanidade inteira. Se tal não se der, haverá lacunas e rupturas em nosso relacionamento com Deus, o que não pode acontecer, de modo algum, depois que se começa esta "jornada para dentro". A caminhada será árdua, mas serão também profundas as alegrias do caminho e o poustiniano perceberá que aqui reside a razão fundamental da sua vinda à solidão. Ele se torna um "tolo" por amor de Deus porque Deus foi considerado "tolo" por amor dele e, neste processo, percebe também que sua "tolice" por amor de Deus é a verdadeira sabedoria.

Por si, cada um dos cristãos deveria realizar, em sua vida, este esvaziamento de que falamos; mas a segunda parte que acabamos de descrever — a entrada no mais íntimo do mistério da Encarnação — não pode acontecer sem a primeira, o despojamento interior de cada um de nós, do nosso próprio "eu".

À luz de todas estas considerações, nossa vida passa a ser um contínuo esforço de despojamento a fim de nos revestirmos de Cristo. Deste modo é que nos tornamos livres, leves e simples. Sobretudo simples! A simplicidade é a essência mesma da *kénosis*: "Aprendeis de mim que sou manso e humilde de coração".

TERCEIRA PARTE:
MENSAGENS DO MEU POUSTINIA

12.

Tocando o próprio Deus

Já foi dito muitas vezes neste livro e nunca será demais repeti-lo: o poustiniano vai ao deserto, à solidão, ao retiro, pensando no bem dos outros ainda mais do que no seu; a humanidade enche a sua solidão que adquire dimensões de redenção. Ao voltar para sua comunidade e para sua família, é natural que ele conte às pessoas o que viu e sentiu durante aqueles dias. Seria algo como a narração de suas impressões de viagem: da viagem que fez para dentro de si mesmo, dessa jornada interior já mencionada. Numa aldeia russa, todos acorreriam para ouvir o relato do "poustinik" que volta da "viagem ao redor de si mesmo".

É exatamente isso que venho fazendo, há anos, em Madonna House. Geralmente narro minhas experiências interiores, vividas no poustinia, depois do jantar¹ ou numa hora qualquer do dia seguinte à minha saída do poustinia. Eu, nessa ocasião, me inclino diante dos membros da comunidade e os saúdo, dizendo: "Que a paz da Santíssima Trindade esteja com vocês!". Eles respondem sempre: "E com você também!". A seguir, partilho com eles a mensagem que o Senhor me comunicou. Alguém

¹ Estivemos presente a uma destas ceias em que a Baronesa comunica as vivências espirituais do seu poustinia. Era no período de férias, quando Madonna House se enche de jovens, vindos de todos os rincões da América. As comunicações da "Baronesa" eram de alta espiritualidade; entretanto, aquela juventude, saída do âmago da sociedade de consumo e do materialismo moderno, prendia a respiração para ouvi-la (Ver *Apresento-lhes a Baronesa*, Cap. VII) Nota do Tradutor.

poderia perguntar-me: "Como é que você ouve esta mensagem?". Vamos tentar explicá-lo.

A razão primordial que leva uma pessoa ao poustinia é o desejo de ouvir a palavra de Deus na oração e no jejum. Segue-se daí que o primeiro ato do poustiniano é o que já várias vezes mencionamos nestas páginas: fechar as asas de sua inteligência e abrir as portas do coração. Um russo diria: ponha a cabeça no coração e procure conseguir um profundo silêncio interior. Pois bem, é neste "profundo silêncio interior" que Deus começa a falar.

Quando a mente e a consciência estão purificadas e o coração está em paz, surgem, então, das suas profundezas tranqüilas, os frutos ou dons do Espírito Santo. O Espírito paira sobre a quietude e o silêncio da alma e, imperceptivelmente, sob esta sombra protetora, surge uma palavra, uma frase ou um pensamento...

Alguém poderia dizer que tudo isso tem um ressaibo meio místico. Não sei; há uma diferença entre o Oriente e o Ocidente quanto ao sentido da palavra "mística". Muitas experiências espirituais que o Ocidente chama de "místicas" são consideradas normais no Oriente. Se você está num poustinia, num retiro, e Deus bate à sua porta e fala com você, não vejo nada de místico nisto; parece-me, pelo contrário, algo muito normal. Ele disse que falaria conosco!

Muitos ocidentais são levados a pensar que não são dignos de que Deus fale com eles, no que estão certos porque, obviamente, nunca somos dignos de

qualquer coisa que nos venha do alto! Se você ou alguém acha que merece que Deus lhe fale no poustinia, o melhor que pode fazer é ir para sua casa imediatamente! Não se pode ficar concentrando o pensamento ou a atenção na nossa dignidade ou indignidade de receber uma comunicação de Deus. Todo mundo é indigno; mas fica de pé o fato consolador de que Deus nos fala! É o caso, pois, de dizermos: "Como é maravilhoso o meu Deus que se comunica comigo, um servo tão indigno!".

É muito comum, aqui em Madonna House, ouvir-se alguém que aborda um homem ou uma mulher que acaba de sair do poustinia e lhe pergunta: "O que foi que o Senhor lhe disse?" Mas o sentido da pergunta é: "Qual o recado que o Senhor lhe deu *para transmitir-nos?*".

Parece um tanto difícil para todas as pessoas dizerem o que ouviram ou receberam de Deus no poustinia. Os que lá passam apenas vinte e quatro horas gastam boa parte de todo este tempo só em acostumar-se a escutar a voz de Deus e entrar em contato com ele. Mas os poustinianos que já estão no seu "deserto" há muito tempo, não deveriam experimentar dificuldade alguma em comunicar o que Deus lhes transmitiu, porque sua vocação de "deserto" tem um sentido altruísta e redentor: eles sabem que estão lá para participar de Deus e partilhá-lo com os homens.

Uma das coisas mais difíceis da vida, por causa do nosso egoísmo, é partilhar com os outros as coisas boas que temos e isso vale também para as realidades e dons espirituais. Quando nos

aproximamos de Deus pela oração e pela fé, é como se ele nos tocasse; seu toque nos enriquece e a nossa tendência é guardar a riqueza toda para nós mesmos. Entretanto, é preciso passá-la adiante se não quisermos sair completamente do espírito da redenção.

Por incrível que pareça, as almas verdadeiramente espirituais e apaixonadas por Deus e pelo próximo, sentem uma tremenda dificuldade em comunicar seus dons interiores, as graças e ilustrações que Deus lhes comunica; mas também, por outro lado, não conseguem descansar nem dormir enquanto não o fazem! O dom da Profecia está neste gênero. O Profeta sente repugnância em ser profeta, como vemos em vários casos do Antigo Testamento. Mas, a partir do momento em que recebe a mensagem de Deus, não descansa enquanto não a transmite, dizendo: "Ai de mim se não evangelizar!" (1Cor 9,16).

Uma das minhas imagens prediletas para tentar descrever visualmente a vida cristã é a seguinte: imagino uma pessoa, de pé, com os braços estendidos em cruz; uma das mãos é a da fé e da oração: é a mão que toca a Deus. A outra mão é a do serviço dos irmãos: é a mão que toca o próximo. Destarte, o verdadeiro cristão é uma cruz viva cujos braços tocam a Deus de um lado e ao próximo do outro. Acho que as mensagens que recebi no meu poustinia convergem todas para estes dois temas: tocar a Deus e tocar o próximo. Vamos ver o que encontro nas minhas anotações.

A fé

É noite, 7,30h da noite, para ser exata. Hoje foi um dia estranho no meu poustinia. Tenho que admitir que, durante o dia inteiro, nada teve sentido para mim; talvez porque estivesse muito cansada e desejasse apenas sentar-me ao sol, ler alguns livros espirituais e algumas passagens da Bíblia. Foi o que fiz.

Tentei ouvir a voz de Deus como quem se esforça por escutar um som dentro da névoa; más não veio som ou palavra alguma. Tinha a impressão de estar suspensa entre a terra e qualquer outro lugar em que Deus costuma suspender as pessoas... Acho que ele me dizia apenas: "descanse"! Então, eu descansei. Devo admitir que foi maravilhoso. Nadei por algum tempo no rio e descansei um pouco mais, dormindo um pouco. O tempo foi passando até que, lá pelas 7h, lentamente, muito lentamente, uma palavra começou a formar-se.

Era uma palavra estranha, muito grande, se bem que não em sílabas. Era uma palavra que eu não estava esperando: *Fé!* Ante esta palavra, por uma razão qualquer inexplicável, eu me senti como que muda, repentinamente. Talvez seria mais exato dizer que meus cinco sentidos me abandonaram e eu parecia adormecida e sem reação alguma.

Não sou capaz de definir o porquê desta sensação, uma vez que uso constantemente esta palavra *fé*. Mas, desta vez, ela parecia destacar-se num outro contexto, e eu me vi olhando para ela com olhos claros, com um olhar muito profundo. Neste olhar,

eu experimentava, com uma profundidade jamais experimentada até então, que a fé é um dom de Deus.

Foi uma percepção instantânea, mas vinda com uma plenitude e uma compreensão que só podem vir de Deus. Ao mesmo tempo, percebi também quanto Deus deseja comunicar a todos os homens o dom maravilhoso da fé. Ele quer que nós lho peçamos e não o dará se não o pedirmos (isso, evidentemente, depois do primeiro dom que dela nos fez no batismo).

Parece-me que quando pedimos aumento de fé, estamos, por assim dizer, voltando nossa face para a Face de Deus, o que deve ser, aliás, o maior e o mais constante esforço de toda a nossa vida. Verdadeiramente, é isso que Deus deseja: ficar frente a frente conosco e olhar para nosso rosto. Se, como diz a Bíblia, suas delícias consistem em estar com os filhos dos homens (Pr 8,31), ele sente um prazer especial em observar nossa face olhando para ele! Este deveria ser um ato tão simples da nossa vida!

Entretanto, muitas vezes, evitamos olhar para ele e fazemos isso até mesmo quando lhe pedimos nossos pequenos favores, na oração: fechamos não somente os olhos da nossa face, mas até mesmo os da nossa alma. Isto é tanto mais estranho quanto sabemos muito bem que ele está sempre olhando para nós com olhos transbordantes de profundo amor!

A fé, esse inefável dom de Deus, já curou e libertou

multidões imensas de almas que acreditavam no Criador, ainda antes, muito antes do aparecimento do Batismo, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Durante a vida do mesmo Cristo, nós temos o caso do leproso que queria ser "purificado"; do cego de nascimento, em Jericó, que, apesar de o intimarem que se calasse, gritava cada vez com mais força: "Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim"; temos a impressionante estória da mulher que sofria de um fluxo de sangue e acreditou que bastava tocar na fímbria da túnica de Cristo para ficar curada; temos o comovente exemplo do capitão romano que também acreditava no poder divino de Jesus para curar seu filho, até mesmo a distância, sem precisar de ir até sua casa! E tantos e tantos outros que não passaram para a história em documentos escritos! Não tenho dúvida alguma de que, mesmo antes da vinda de Cristo, milhões e milhões de pessoas experimentaram o efeito salutar da sua fé num ser supremo, sanando seus corpos e suas almas. Escrever a história do homem sobre a terra seria escrever a história da fé.

A fé é mãe do amor e da esperança e, como tal, gera também em nós a confiança. Ela vê a Face de Deus no rosto de todos e cada um dos homens. Na medida em que suplicamos a Deus por seu aumento, esta fé cresce em nós lentamente e nos identifica com o próprio Cristo.

A fé nos ajuda a entrar, com paz e serenidade, na "noite escura" que, mais dia menos dia, todos temos de enfrentar e aí é que ela se manifesta em toda a sua beleza de luz maravilhosa que tranqüiliza as

almas além de iluminá-las. Ela está na própria tecitura da existência humana. Precária e infinita ao mesmo tempo, nesta vida, a fé, ainda que caminhe às apalpadelas, sabe que avança para a plenitude, lá na eternidade que a revelação lhe abre ante os olhos e que ela aceita e deseja ardentemente.

A fé caminha com simplicidade de criança entre a noite desta vida e a esperança luminosa do que há de vir, "porque olhos não viram nem ouvidos ouviram o que Deus reserva para aqueles que o amam" (1Cor 2,9). No fundo, a fé é uma loucura, mas uma loucura que vem do próprio Deus e é, portanto, divina.

Sendo mãe do amor, da esperança e da confiança, como dizíamos acima, a fé cura pedindo a Deus que cure; em outras palavras, ela cura por causa da fé que temos no Senhor. Ela é uma realidade incrível, insondável, intocável, imponderável e entretanto, quase visível, como contato entre Deus e o homem.

A face do homem está voltada para Deus, através da fé e, desta forma, os olhos de ambos encontram-se... Ao se encontrarem com os de Deus, os olhos do homem vão-se tornando cada dia mais luminosos. O véu que separa o homem de Deus fica, pouco a pouco, cada vez menos espesso até que, em dado momento, o homem pode quase tocar o próprio Deus. Esta é a fé que rompe quaisquer barreiras e que ateia verdadeiros incêndios de amor entre os homens. Ela é quem toma a mão dos mártires nas suas e os faz cair de joelhos para aceitar, sorrindo, a morte. Ela é que detém nas mãos os ventos do Espírito Santo e atiza suas chamas pentecostais. Ela

é profundamente contagiosa quando mostrada aos outros e ninguém consegue resistir a esse contágio. Mesmo quando os maus se riem dela e matam os seus filhos, a fé acaba conquistando até os mais perversos. Matar os crentes é simplesmente multiplicar a fé, porque, desde os princípios do Cristianismo, imperou a crença de que o "sangue dos mártires é semente de novos cristãos".

E nós, homens e mulheres de hoje? É imperioso que peçamos a Deus muita fé, especialmente aqueles, entre nós, que desejam pregar o evangelho "com suas próprias vidas". Sem fé isto não se consegue. Precisamos acreditar em Deus e acreditar no homem. Precisamos entrar no domínio do amor e da confiança com passos calmos, mas, ao mesmo tempo, muitos firmes, sem hesitações e, também, sem triunfalismos. Sem dúvida alguma, a hora presente é mais a hora do coração do que da cabeça! A cabeça racionaliza e faz-nos voltar as costas à fé, ao amor, à esperança e à confiança. A cabeça é que nos força a pôr as mãos atrás das costas a fim de não tocarmos o mártir, a prostituta, o publicano...

Poucos homens vão aonde ninguém desejar ir. Se temos fé em Deus, temos que tê-la também nos homens. Até os mais malvados deste mundo possuem traços bons que podem ser aproveitados, redimidos; o trabalho da fé é procurar e descobrir esses traços no perfil moral de cada homem.

A comunicação é uma necessidade inevitável entre todos os homens; ora, sem fé e confiança uns nos outros, não pode existir qualquer possibilidade de

comunicação e, conseqüentemente, nem de amor. Se, porventura, houver um pouco de amor, esse pouco logo se extinguira por não ser alimentado pela esperança nem pela confiança mútua. Será um amor fadado a morrer, mais cedo ou mais tarde.

Somente a fé pode restaurar a comunicação entre os homens. Já é tempo de acreditarmos uns nos outros; é tempo de nos voltarmos para Deus pedindo-lhe que nos liberte e nos cure dessa tremenda falta de fé, dessa estranha falta de confiança nos outros que é tão arraigada em nós. E o pior é que temos medo de confiar! O medo da confiança é mais nefasto do que a falta de confiança. Peçamos a Deus que nos liberte desse medo. Esta é, talvez, a oração mais importante que todos devemos fazer na hora presente:

"Senhor, eis-nos todos ajoelhados diante de vós, suplicando-vos que aumenteis a nossa fé. Fazei que nossos corações estejam abertos para vós e saibamos descansar nossas cabeças em nossos corações. Fazei que reinem no nosso meio a fé, a esperança, o amor e a confiança. Para tanto, ajudai-nos a banir todo e qualquer respeito humano ou consideração de ordem puramente humana, como o medo do ridículo. Expulsai para longe de nós este pensamento funesto de que devemos esconder do nosso próximo o que quer que seja. Vede, Senhor, como necessitamos de cura! Maranatha! Vinde, Senhor Jesus. Nós precisamos de vós!".

Entrega sem reservas nem defesas

Nestes dois últimos dias, por alguma razão que não

sei explicar, meus pensamentos têm-se centrado sobre esta idéia de que devemos estar como que sem defesa nas mãos de Deus. As duas palavras "sem defesa" não param de ressoar dentro de meu coração e de minha mente, sem que eu saiba dizer como lá chegaram. Como sempre acontece, primeiro achei estranho e me admirei de que tais palavras me surgissem, assim de repente, no pensamento. Logo, porém, sorri ao lembrar-me de que, nos últimos anos, isso me tem acontecido com bastante freqüência: umas palavras me aparecem inesperadamente na memória e, atrás delas, vem sempre alguma inspiração de Deus.

Para ser franca, senti certo medo de examinar estas duas palavras em profundidade: "sem defesa!" Realmente, elas são assustadoras! Imaginem alguém vivendo sem defesa nem proteção! Percebi, desde o princípio, que não se tratava de defesa física ou material, como seria estar alguém, sem armas na mão, diante de uma fera.

Não era esse o sentido da palavra que forçava as portas do meu coração e da minha mente. Era alguma coisa relacionada com a liberdade e a vontade de Deus: a liberdade total derruba todas as defesas do amor próprio!

Viver assim sem defesas é algo terrível para a nossa natureza. Eu percebi que se tratava de uma nova dimensão nas relações com o Senhor, como se ele me dissesse: "Suba mais alto na minha montanha e escute o que tenho a dizer-lhe". É forçoso confessar que eu não sentia desejo algum de subir ainda mais nesta montanha ou em qualquer outra! Mas, ao

mesmo tempo, sentia que a voz de Deus, quando soa dentro de mim, mesmo que venha disfarçada em meus próprios pensamentos, é poderosa demais para que eu possa resistir-lhe!

Uma ilustração muito oportuna veio, subitamente, ao meu encontro, quando tomei nas mãos o livro de um amigo meu, russo, Staretz Silouam, intitulado "*The Undistorted Image*", A Imagem sem distorsão. Aí eu li o que segue: "É sempre um bem imenso abandonar-se alguém à vontade de Deus. Quando tal acontece, só existe Deus no coração. Nenhum outro pensamento pode entrar, e a alma sente o amor de seu Deus até mesmo quando o corpo está sofrendo".

Eu já sabia disto, já conhecia esta verdade há muito tempo, mas hoje, no poustinia, perguntei a mim mesma, mais uma vez, como e até que ponto eu tenho vivido a vontade de Deus, a fim de poder conseguir esta profunda liberdade de espírito e de coração que só se encontra nas profundezas misteriosas dessa vontade divina.

Voltei-me novamente para o livro que tinha em mãos e li, na página 157: "A pessoa que vive em perfeita consonância com a vontade de Deus, terá este sinal como orientação para sua vida: Se você estiver aborrecido por causa de alguma coisa, isto quer dizer que não se entregou ainda totalmente à vontade de Deus, mesmo que, talvez, tenha impressão contrária e se julgue inteiramente entregue a ela. Quem se conforma totalmente com o querer divino, vive sempre livre de cuidados e preocupações. Se, por acaso, vem a precisar de alguma coisa, ele se oferece a Deus juntamente com aquilo de que tem

necessidade. Reinará, então, em sua alma, uma perfeita tranqüilidade, quer receba quer não receba a tal coisa de que tem necessidade".

Sem dúvida alguma, esta é uma afirmação que faz sentido para mim... Quer dizer que não terei temores na vida a partir do momento em que me identificar com a vontade divina e, além disso, serei inteiramente livre, sem precisar de defesas nem armas de espécie alguma para enfrentar quaisquer situações. Por que precisaria dessas proteções ou defesas? Em tudo o que me aconteça, eu simplesmente direi: "É a expressão da vontade e do prazer do meu Deus!" E, desta forma, será também a minha alegria.

Nesta altura das minhas reflexões, ocorreu-me o pensamento da morte. O homem tem um temor fundamental da morte, mais forte do que qualquer dos seus medos e temores; ele tem pavor da própria dissolução ou destruição. Mas, com esta atitude de braços caídos, quando o coração é uma cidade sem muralhas e, por isso mesmo uma cidade livre, não há necessidade de defesas físicas ou psicológicas nem mesmo contra a morte!

Neste ponto, voltei o olhar para o meu passado e verifiquei que, de fato, o Senhor me fez viver um verdadeiro noviciado de "desproteção" ou "desguarnecimento". Fui perseguida e suportei doenças; durante boa parte da minha vida senti os duros efeitos da pobreza extrema. Ao relembrar, agora, todas estas situações, percebo que nunca procurei levantar muralhas contra elas nem tomar armas, de qualquer tipo que estas fossem; fui uma

mulher de braços caídos e olhos no céu, toda entregue ao beneplácito de Deus. Pelo menos procurei ser assim. Reconheço, entretanto, que, às vezes, tentei levantar pequenos muros, munir-me de armaduras contra as pessoas que me perseguiram...

Agora compreendi, aqui no meu poustinia, que Deus me quer inteiramente exposta, sem defesa contra ninguém nem contra coisa alguma. Ele me quer desguarnecida contra a morte, desprotegida contra as pessoas, despojada ante todos os perigos. Esse tipo de "desproteção" é santo! É dele que vem a perfeita liberdade. Essa "desproteção" é que nos leva pelo caminho certo, seguindo os passos de Jesus Cristo, conduzido à morte como um cordeiro, sem protestar, sem "abrir a boca", como diz a Bíblia. Para tais seguidores de Cristo, a ressurreição vem logo, aqui e agora, sob a forma da perfeita liberdade dos filhos de Deus e na alegria de ouvir este mesmo Deus chamando-os de "amigos", não mais servos ou empregados!

Que riqueza de conhecimentos espirituais e santos se acumula na mente e no coração de tais pessoas! Eu cheguei à periferia destes conhecimentos no meu poustinia. Algo, porém, me disse que não conseguia ainda atingi-los em sua plenitude; faltava-me uma chave importante para entrar... Pedi a Deus que me instrísse e me iluminasse com a luz e os dons do Espírito Santo. Foi então que compreendi...

É preciso perdoar!

Foi então que compreendi que, para entrar na perfeita liberdade, fruto desse "desguarnecimento"

total nas mãos de Deus, e da mais pura simplicidade de entrega à sua divina vontade, é preciso saber perdoar! É preciso perdoar sempre!

Foi então que um panorama imenso, envolto na luz serena de uma beleza inenarrável, se desenrolou ante meus olhos maravilhados. Nunca compreendi, como naquele momento, que não somente devo perdoar meus inimigos, as pessoas que me perseguiram, mas devo também amá-las com o mesmo amor de Cristo, pois ele nos deixou o grande sinal pelo qual seremos reconhecidos: "Nisto conhecerão os homens que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros, como eu vos amei". Eis uma tarefa difícil e, aparentemente, fora do alcance de minhas forças...

Pedi, então, à Santíssima Trindade que me iluminasse a fim de que pudesse ver como chegar à perfeição de um tal amor, amando os homens com o amor do próprio Cristo. Sobretudo, pedi para entender como me seria possível atingir a perfeita liberdade interior e derrubar todas as defesas e barreiras, para que as águas do perdão entrassem dentro de mim. A resposta veio numa única palavra: fé!

Somente a fé me pode levar à aceitação de me ver desprotegida contra meus inimigos e, ao mesmo tempo, cheia de perdão para oferecer-lhes! A tanto chega a força da fé, unida à força do amor. Nessa altura dos meus pensamentos, senti que minha meditação me levava à Terra Santa, onde me encontrei com Cristo. Uma vez diante dele, perdi todo e qualquer interesse nos lugares que ele

percorria e visitava.

Sim, desta vez, meu encontro com Cristo, no poustinia, foi inteiramente diferente. Simplesmente contemplei sua encarnação, nascimento, vida oculta, pregação, paixão e morte. Escutei claramente suas palavras de perdão para aqueles mesmos que o crucificavam. Logo em seguida, pareceu-me ouvir um coro imenso que fazia eco às suas palavras: "Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem"... Era o coro de todos os cristãos que, depois do seu Mestre, saberiam também morrer perdando ou viver perdando a todos quantos lhes fizeram mal. Neste grupo estavam santo Estêvão, são Sebastião e milhões de outros.

No entanto, continuei pensando, todos estes que assim morreram perdando, poderiam ter escapado de uma forma ou de outra. Poderia ter oferecido incenso aos ídolos com uma espécie de reserva mental que anulasse seu gesto meramente externo; mas nem um deles fez isso! Estavam todos indefesos! Sem tábua alguma de salvação para agarrar! Exatamente como o Cordeiro cujos passos estavam seguindo e que lhes deu exemplo de uma caminhada silenciosa e resoluta para o matadouro, sem um balido de defesa! Foi aí que comecei a entender o que significa viver sem defesas: quando entendi o que significa perdoar e viver perdando!

Perdão é a própria encarnação das palavras de Cristo aos seus Apóstolos. É a encarnação do seu mandamento de amarmos uns aos outros como ele nos amou. Eu percebi também que Deus me ensinaria, pessoalmente, as profundezas e as alturas

desse perdão sem armaduras nem armas nem defesas de espécie alguma, porque só ele pode ensinar lições tão sublimadas. Sim, Deus vai ensinar-me estas belezas, não somente a mim, como também a quantos queiram subir sua Montanha Sagrada. A todos revelará esta nova dimensão do seu Coração.

A percepção de todas estas coisas trouxe-me uma alegria indizível que agora desejo partilhar com vocês. Ao tornar-se nosso Mestre, Deus faz-nos compreender também, com imensa clareza, que nos considera seus amigos e nos tratará como tais.

O amor de Deus é insaciável. Ele deseja que desçamos às profundezas infinitas do seu Coração. Estar aí dentro desprotegidos e sem armas significa cumprir sua vontade. É assim, desprotegidos e sem armas, no fundo do Coração de Deus, que devemos perdoar aos nossos inimigos, os grandes e os pequenos: os que apenas nos arranharam a pele e os que nos cravaram a lança no peito. Somente assim seremos reflexos vivos de Cristo. Seremos também reflexos da perfeita liberdade deste mesmo Cristo que, podendo destruir seus inimigos, morreu perdando-os. Eis aí como o perdão e a "desproteção" nos tornam livres em Cristo! E assim libertados, estaremos em Deus e ninguém poderá tocar-nos! Estaremos em Deus e Deus em nós! Aleluia!

Saber ouvir

A mensagem que hoje recebi no meu poustinia foi esta: ouvir! Já tinha meditado um pouco sobre essa

palavra, no passado, mas jamais seu sentido chegou até mim com tanta força, vida e clareza como hoje. Não pude deixar de tomá-la e guardá-la dentro do coração para uma meditação em profundidade. Enquanto a considerava sob todos os ângulos, senti-me inspirada a escrever a seguinte poesia:

Escuta dentro de ti mesma,
para que possas encontrar
caminho que leve a Deus
entre os muros tão frágeis
da tua humanidade.

Escuta dentro de ti mesma,
porque somente tu serás capaz
de te leares a *ele*
ou para longe *dele*.

Escuta a ti mesma
porque estarás, assim,
ouvindo o próprio Deus
que conduziste ao teu interior.

Presta muita atenção, porque se ouvires
a voz do teu Senhor
terás em ti sabedoria
que só *dele* pode vir.

Depois disto, só depois,
serás também capaz de ouvir a voz dos homens,
não como o vozerio informe
das multidões desordenadas,
nem como o grande trom dos mares...

Cada homem terá sua palavra e sua fala
em que acharás tesouros insondáveis,
além de toda expectativa...

Porque, antes, foste até o Senhor
e ouviste a sua voz!

Escrevi esta pequena poesia imediatamente e, ao terminá-la, fiquei meio perplexa! Por incrível que pareça, não a entendi completamente e tive que voltar sobre ela, em freqüentes meditações. Pouco a pouco, finalmente, seu sentido começou a transparecer aos olhos de minha mente. Era a velha "jornada para dentro" mais uma vez! A grande e importantíssima viagem que requer tanta força de vontade para ser realizada; a difícil caminhada em que a gente tem que empurrar a si mesma em vez de caminhar livremente, em passos de passeio. Sim, era mais uma vez o convite a por-me a caminho para dentro de mim mesma, apesar da relutância que sentia. Percebi logo, também, que tal jornada não era mais que um confronto de mim mesma com a Santíssima Trindade que mora dentro de mim.

É estranho que a ação de "ouvir" tenha ou possa ter qualquer relação com a Trindade! Estranho também que eu tenha que me conduzir de livre e espontânea vontade! Pode parecer claro para vocês, mas não o era para mim. Assim foi que, durante este pousar, eu assumi a tarefa de me conduzir até a Trindade, na grande e eterna jornada interior que todo homem deve empreender a fim de encontrar o Deus que mora lá dentro de si mesmo.

Naquele momento havia uma necessidade imperiosa para tal jornada; uma chamada irresistível que eu não podia deixar sem resposta. Entretanto, sabia perfeitamente, que era livre para partir ou ficar, ouvir o convite ou rejeitá-lo!

Neste poustinia, portanto, eu realmente lutei e batalhei com Deus, por uma razão inexplicável, indefinível. Eu não queria "viajar"; a jornada para dentro parecia-me um pouco assustadora. Imaginem vocês que eu diga isto! Mas é a pura verdade, no que me diz respeito, pelo menos naqueles momentos. Por isso lutei o dia inteiro contra Deus, até ficar cansada. Então adormeci.

Ao despertar, lutei de novo! Mas, finalmente, pus-me a caminho e tive a impressão de que tinha chegado à Trindade. Que significa isso: chegar até à Trindade? Para mim significa chegar à luz depois de um longo túnel de trevas; chegar à paz depois de um vendaval de inquietude; chegar à alegria depois de um mar de tristeza ou de uma caminhada entre espinhos. E assim, ao chegar diante da Trindade (que me apareceu como movimento e luz) adormeci novamente.

Ao acordar, subitamente, ouvi a minha própria voz... Não sei como consegui a graça e o dom de escutar a mim mesma, mas foi exatamente isto que aconteceu. Era como se todos os recantos da minha pessoa estivessem iluminados e eu percebi, com clareza, uma boa parte de mim que desejava conversar comigo e com a qual também eu queria falar. Daí surgiu, então, o diálogo e, enquanto ele se desenvolvia, eu descobri que nele estava a graça de amar a mim mesma!

Ninguém pode amar o próximo sem antes amar a si mesmo. Jesus disse: "Ame seu próximo *como a si mesmo!*". Numa estranha luminosidade em que a Trindade me envolveu, eu percebi que devia amar

mais a mim mesma porque Deus me amava e cheguei a esta descoberta enquanto me escutava, naquele diálogo acima mencionado. Tal percepção me fez crescer em reverência, adoração e amor para com este Deus que me criou e mora dentro de mim.

Eu vi também que o amor de nós mesmos inclui necessariamente o amor de Deus, porque ele está dentro de nós. São dois amores intimamente entrelaçados, como os fios de um tecido. E a conclusão final, maravilhosa, foi que eu sou a ícone, a imagem de Cristo.

Vi mais ainda e com que clareza indescritível! Vi que eu era herdeira do amor e de todos os infinitos bens do meu eterno Pai e, conseqüentemente, irmã de Jesus Cristo, caminhando como ele, sempre à sombra do divino Espírito Santo. Esta realidade consoladora aplica-se a todos quantos saibam ouvir com atenção as vozes de dentro. Este dom é parte do dom da Sabedoria que todos devemos pedir na oração e pelo qual eu tinha rezado intensamente naquela hora.

Novamente dormi e acordei. E, desta vez, compreendi que, por alguma razão inexplicável (ou, talvez, bem explicável) eu podia e devia ouvir atentamente os homens meus irmãos. Os homens vinham a mim não como multidão ou massa humana, mas individualmente, um a um. Percebi que as raízes da graça de saber escutar os outros devem estar plantadas no solo da sabedoria, pois somente de tal solo pode nascer a profunda reverência e respeito com que devemos escutar atentamente uns aos outros.

Ficou meridianamente clara para mim, em tudo isto, a necessidade de ser total a minha doação, porque, quando ouvimos alguém com atenção, nós temos que nos entregar inteiramente a esta pessoa, concentrados totalmente naquilo que nos diz. Igualmente, devemos estar totalmente dependentes de Deus no que diz respeito às nossas respostas. Não sei se estou certa teologicamente... mas, naquele momento, pensei no Espírito Santo como alguém que ouve em profundidade a cada um de nós e a todos nos dispensa os seus dons. Pois bem, é com esta profundidade do Espírito Santo (que jamais conseguiremos igualar nem dimensionar) que devemos, nós também, ouvir os outros. Pelo menos temos que tender para isso!

De certa maneira (eu sei que vão julgar-me doida), enquanto assim me concentrava toda em escutar, eu desaparecia. Ficava apenas um coração e, lá dentro dele, era o Espírito Santo que escutava em mim. Contudo, eu tinha minha parte nesta escuta de mim mesma. O Espírito Santo me concedia aquilo mesmo que eu devia ouvir em mim e, ao mesmo tempo, aclarava-me o caminho e o desimpedia de qualquer indecisão de gaguejos e balbucios. Pareceu-me ser este o momento em que o Espírito divino nos concede o dom do discernimento.

Talvez eu deveria ter falado antes da capacidade de ouvir a Deus, antes de ter escutado a mim mesma. Mas, em certo sentido, isto é de somenos importância, porque este dom de ouvir, que recebi no meu poustinia, é uma combinação de todas estas coisas. É ouvir a Deus, a mim mesma e escutar os

homens, tudo fundido em uma só palavra: Amor!

Ouvir a Deus tem uma qualidade assim... quase de sonho. A gente está acordada, claro, acordada e em plena atividade; mas é uma situação "interiorizada" em que Deus vem a nós e aclara uma parte do nosso coração. Ele fica à vontade aí dentro e nos fala em nível de amigo para amigo. Temos a impressão de sermos uma réplica de Maria, sentada aos pés do Mestre, ouvindo, sempre ouvindo e nada mais que ouvindo. É como se Deus tivesse vindo a nós a fim de preparar-nos para ouvir os homens e ouvi-los cada vez melhor. A essa altura o Espírito Santo manifesta-se com grande intensidade e, de repente, o dom da Sabedoria e do discernimento toma vulto e se transforma, por assim dizer, numa árvore imensa, de bela copa e bela sombra, que cresce do nosso coração e convida todo mundo a vir sentar-se debaixo dela.

Com o dom de ouvir vem o dom de curar, porque quando se escuta um irmão nosso, até que ele tenha dito sua última palavra, nós o estamos curando e consolando. Alguém disse que "é possível restituir a vida a alguém só com dar-lhe ouvidos e atenção". Gosto desta expressão!

Um outro ponto que me foi esclarecido, durante esse meu dia de luta com Deus, foi que todos esses dons exigem a aniquilação do nosso "eu"; ele não pode intrometer-se na conversa, enquanto estamos escutando alguém.

Eis quanta coisa profunda encontrei neste poustinia, depois de muita luta. Há mais ainda, mas estou

muito cansada. Tenho certeza de que o Senhor vai me ditar outras palavras para que eu possa transmiti-las a vocês, pois foi ele que me desvendou toda a beleza deste verbo *ouvir*. Se ele não quiser mandar-me outras palavras, talvez me ajude a aprofundar ainda mais esta que aqui, agora, eu deixo.

Transparência

Eis outra maravilha de palavra que a mim veio na mesma ocasião e, como as outras, custou-me trabalho e sofrimento até que a compreendesse em plenitude. Foi preciso rezar muito para "desembrulhá-la" e vê-la desentranhar a riqueza do seu conteúdo. Rezar aqui significa criar, dentro do coração, uma atmosfera de serena paz e de silêncio muito tranqüilo, porque somente em ambiente assim florescem e amadurecem todas as palavras que o Espírito Santo murmura dentro de nós. Eu sabia, portanto, que também este vocábulo devia ser examinado de joelhos por mim no meu poustinia.

Que é transparência? Eu vejo uma vidraça, lavada e bem polida, deixando passar a luz como se não houvesse ali material algum. O vidro está tão limpo que deixa de existir e se confunde, por assim dizer, com o ar e a luz ao seu redor. Se for um dia de sol, ele invade a sala ou o quarto com seus raios dourados. É a transparência!

Hoje a luz do sol já não chega à terra com toda a sua força e pureza por causa da poluição física; a luz de Deus já não chega a muitas almas por causa da poluição moral. Há muitas almas no mundo poluído

de hoje que não deixam passar a luz através de si. Sujamos o ar material e sujamos também a atmosfera moral.

Seria a palavra transparência a resposta e a solução para nosso mundo poluído, para as mentes, almas e corações poluídos do nosso tempo? Talvez seja. Se nosso eu interior for totalmente puro, é como se ele deixasse de existir (porque Deus toma o seu lugar); ora o que não existe já não pode manchar nem poluir o mundo. Uma vez absorvidos pelo amor de Deus, na entrega total de que falamos, já não teremos essa tremenda ambição que é o maior elemento poluidor do mundo. A ambição polui o interior do homem e daí transborda para toda a terra.

Será que purificamos o mundo ao redor de nós com nossa pureza e transparência interior? Será que nossas almas, mentes e corações possuem a transparência necessária para deixar passar a luz e o calor do sol de Deus que purifica a terra e os homens? Só mostraremos aos homens a imagem de Deus, dentro de nós, se tivermos esta transparência. Este é outro fruto precioso do divino Espírito Santo que se consegue na medida em que, ouvindo o conselho de Cristo, subimos, cada vez mais alto, a sua grande montanha.

Existe ainda um outro modo de conseguirmos essa transparência; é através das lágrimas, outro dom do Espírito Santo. As lágrimas de compunção, de arrependimento e de caridade lavam os nossos olhos e as nossas almas.

Uma vez transparentes, nós nos tornamos, mais uma vez, desguarnecidos, despojados e "abertos" para os outros que podem ver tudo o que existe em nós como se fosse deles. Talvez seria o lugar de dizer que, mesmo dentro da Igreja, nós precisamos de transparência; não seriam bastante opacos alguns dos avançados teólogos modernos?...

Transparência é, portanto, um dom que deve ser de todos os cristãos, qualquer que seja a sua posição ou nível; um dom que os torna puros e diáfanos em palavra, em pensamento e em ação. É através dessa transparência que somos chamados a ser, nesta vida, um só coração e uma só alma, copiando em nós a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Cristo nos convida a subir à sua montanha onde tudo é infinitamente limpo e transparente, porque lá não chegam as poluições terrestres. Quando ele nos convida desta forma (Amigo, venha mais para cima!), acho que nos exorta a uma aproximação maior do Espírito Santo que, sendo chama e Amor é, por isso mesmo, a imagem da perfeita transparência. Somente o divino Espírito nos pode ajudar, com seus dons, a conseguir essa grande qualidade. Todos temos que ser lavados na água e no Espírito Santo pelo batismo e esta purificação deve continuar e repetir-se pela vida afora. Por isso clamamos e o mundo inteiro clama hoje ao Espírito de Amor e Transparência, no movimento carismático. Sim, rezemos todos ao Deus da Transparência que nos lave e nos purifique em sua água e no seu fogo!

Pobreza

Eis mais um desses estranhos dias que estão se repetindo com bastante freqüência neste meu poustinia. Talvez o devesse chamar "dia de depressão", pela impressão de peso que em mim deixa; entretanto, não creio que eu deva dizer isso. A depressão raramente chega às pessoas que procuram rezar. Não, certamente não se trata de depressão; é uma espécie de "tristeza cósmica".

Eu me pergunto com freqüência o que é uma tristeza cósmica e a resposta vem logo muito clara e muito simples: É o sentimento causado pela visão que Jesus Cristo teve ante seus olhos, no Horto das Oliveiras, ao perceber que seu heróico sacrifício iria ser, talvez, inútil para tantas pessoas. Foi diante dessa constatação que sua alma saiu toda naquela súplica dolorosa: "Pai, afastai de mim este cálice!". Esta foi uma tristeza cósmica!

Mas houve também outro elemento contribuindo para a sensação de depressão, neste outro estranho dia no meu poustinia. Era um elemento do qual eu desejava escapar de qualquer jeito. Sabem por quê? Porque nele eu via Deus freqüentemente, quero dizer, eu tinha que "enfrentar a Deus!" Por alguma razão inexplicável, esta foi uma das mais difíceis sextas-feiras do ano, porque nela eu me senti meio espantada e com medo de Deus! Talvez meu medo não fosse exatamente dele e sim do sofrimento para o qual seu amor está continuamente rne chamando. E assim foram passando os minutos... até que, lá pelas 4h da tarde, finalmente, a palavra se definiu dentro de minha mente: era *pobreza!*

Sim, esta pobreza nunca me deixa em paz. Lembrei-me de são Francisco de Assis que a chamava de "Senhora". .. Para mim, porém, a pobreza é mais uma irmã; uma irmã gêmea que vai por onde vou, come o que eu como e dorme comigo. Hoje essa pobreza estava relacionada com pureza de coração.

Uma frase veio, aos poucos, se formando claramente em minha mente: pureza de coração é o amor por aqueles que caem continuamente, o amor pelos pecadores, pelos humildes, os simples, os humilhados!

Sem dúvida, esta é uma frase muito simples, mas também muito profunda; tão profunda que me deixa perplexa. *Pureza de coração é amor pelos fracos que caem, constantemente.* É o mais perto que se pode chegar da estranha definição que se delineou dentro de minha mente. Amor pelos que caem... E quem não cai, quem não é fraco?

Olhando para fora do meu poustinia, eu, de repente, observei e senti o amor, a gentileza, a ternura e o calor com que Cristo se debruça sobre este mundo. Junto com este olhar, veio-me também a compreensão de outras duas palavras: "caridade cósmica". Quando elas me tocaram, meu coração se dilatou e se expandiu como querendo abraçar o mundo inteiro, sobretudo os que caem, os que são fracos.

Pensando bem, agora, vejo que todo mundo é fraco e todos caem. Por conseguinte, a conclusão é óbvia: se toda gente cai e toda gente é fraca, devemos ter amor especial por toda gente, por todos os homens!

Para isto é imprescindível, é sumamente necessário ter pureza de coração. E foi ao chegar a esta conclusão que eu entendi também como e por que os puros de coração verão a Deus. É porque Deus veio a este mundo como médico, para curar os fracos e os doentes. Como ele disse, no evangelho, são estes os que mais direito têm ao seu poder e ao seu amor. Como Jesus, também eu tenho que abrir o coração e ser disponível para quantos precisem ser curados, isto é: *para todos!* E outra revelação me chega, de repente: os puros de coração verão a Deus *porque ele está nos fracos, nos doentes e pecadores!*

O pensamento desta presença de Deus em cada um dos pecadores e dos fracos levou-me à sagrada Eucaristia. Ao perceber o Pão sendo distribuído a todos os presentes, compreendi de maneira muito vivida que todos, incluindo eu mesma, éramos fracos, expostos a cair uma e muitas vezes... E aí foi que eu entendi, com o coração, o maravilhoso sentido de uma das mais lindas Bem-aventuranças. Ficou-me claro, igualmente, que o reino do céu começa aqui em baixo mesmo, pelo menos para os puros de coração que já podem ver a Deus nos pobres e nos fracos e pecadores.

Agora entendo por que eu me senti tão mal, tão miserável ao considerar os sofrimentos do mundo: é que eu também estava passando pelo meu "Horto das Oliveiras", como o fez Jesus Cristo. Eu tinha que passar por essa prova a fim de chegar à visão clara do sentido total de "ser cristão", de ser outro Cristo, levantada sobre o mundo e crucificada com ele.

Entendi muito bem todas estas coisas, mas não chegava a ver que relação podiam ter com a palavra pobreza!...

Enquanto procurava a relação entre estas duas idéias, uma frase dos antigos Padres veio em meu auxílio: "Se você vir seu irmão no ato de cometer algum pecado, atire sobre os ombros dele o manto do seu amor". Eis, pois, a maneira de entender "pureza de coração" como capacidade de amar e ser amado. Se assim for tudo o que diz respeito à pobreza.

À medida em que o coração se torna puro, Deus o faz expandir-se, prepara-o para o Getsêmani e lhe dá a graça de ver a própria Face Divina em cada um dos pobres, dos fracos e dos caídos. É nessa altura, então, que o olhar do homem se volta para si mesmo e se vê tal qual ele, realmente, é, diante da Face de Deus: fraco e pecador. Foi aqui, exatamente neste ponto, que a pobreza entrou na minha contemplação.

Se eu não chegar ao conhecimento de mim mesma, jamais germinará em mim a pureza de coração. A pobreza de que estou tentando falar vem através do conhecimento de nós mesmos e dos outros; é fruto do Amor! Ela é fruto daquele imenso amor que enche a vida de todos quantos se deixam ser purificados pelo próprio Deus pela pureza de coração. *Permitir que isto aconteça em nós é entrar no grande abismo da pobreza!*

Agora sim, agora abri a porta do meu coração àquele que, há tanto tempo, estava batendo do lado de

fora. Agora deixei que ele, finalmente, entrasse, dizendo-lhe: "Senhor, a casa é vossa! Por favor, jogai fora qualquer coisa que vos desagrade. Fazei do meu coração não somente um lugar para morar, mas, sobretudo, um lugar em que possais descansar. Eu vos tenho amado, meu Deus, desde quando tenho lembrança de mim mesma; entretanto, com o correr dos anos, meu coração foi se enchendo de tantas coisas, como acontece com todos nós! É hora de acabar com tudo isso: jogai fora, Senhor! Meu coração é vosso, com tudo o que nele existe; ao abrir-vos a porta, eu fiz o meu ato de entrega total a vós!".

Sim, eu me entreguei! Entreguei minha vida e minha pessoa com uma totalidade que nunca tinha pensado ser possível, antes. E nessa entrega, assim total e sem reservas, eu encontrei a verdadeira pobreza.

Sempre que Deus entra em nossa casa, todas as outras coisas simplesmente desaparecem, como se ele jogasse pela janela a mobília e os demais apetrechos da sala do coração. Na realidade, ele não age assim; não move um dedo sequer para qualquer ação violenta neste sentido; as coisas é que desaparecem ao simples olhar que ele lança ao redor, quando entra dentro de nós.

Verdadeiramente, eu me vi completamente despojada, nesse dia de agosto; nua de alma e coração diante do meu Senhor. E foi assim que vi levantar-se dos meus olhos uma espessa névoa que neles estivera há tanto tempo. Olhei para todos os membros da minha comunidade e os vi, talvez, como Deus os via, porque os contemplava com um coração

despojado, vazio, pobre. Olhei de novo e vi todas as pessoas que já passaram por Madonna House, de cujos nomes não me lembro mais, cujos rostos, porém, me voltam à memória com frequência. Em cada uma delas vi a Face de Deus e percebi que, em tal visão, eu estava sendo purificada. Pureza de coração!

E percebi, subitamente, se bem que tateando numa penumbra, por assim dizer, que algo me abrasava toda por dentro; isto não era outra coisa senão minha nova visão de pobreza, aliada a um desejo ardente de ver a Deus. Sim... hoje, no meu poustinia eu descobri, de certa maneira, como e por que os puros de coração conseguem ver a Deus. Creio que sim... Amém!

Compaixão

A palavra que hoje me vem à mente é compaixão; mas não sei se é minha cabeça ou se é meu coração que prefere soletrá-la assim: com-paixão. Fiquei sentada durante largo tempo, contemplando esta palavra. Há momentos, no poustinia, quando um silêncio e uma quietude intensa me envolvem. É nesta quietude que floresce cada palavra que me ocorre, como pétala caindo macia lá do alto. Qual poderia ser o sentido desta nova palavra, com-paixão, e por que assim separada? A que novas reflexões me levaria ela? Pois levou-me à Mãe de Deus, Maria!

Senti que estava "a bordo de Maria" e examinei a nova palavra, vinda do Espírito Santo, enquanto viajava ou peregrinava rumo à Mãe de Deus. Sim,

com-paixão! Isso quer dizer compartilhar uma paixão, um sofrimento, uma dor, tornar-se parte de uma angústia. Quando, finalmente, "pousei" em Maria, descansei-me aos seus pés, olhando para ela e, enquanto assim olhava, cheguei à compreensão total de compaixão. Esta palavra quer dizer exatamente Maria!

Ela nasceu sem a mancha original, o que não significa, de modo algum, ausência de opção ou livre escolha da vontade, em sua vida. Ela também pôde optar entre o bem e o mal, entre fazer e não fazer, aceitar ou rejeitar. Se assim não tivesse tido, o seu *fiat*, o seu "sim" da Anunciação não teria sido livre e, por isso, não teria sentido. Eu compreendi que sua vida com Jesus foi aceita com plena liberdade e não foi fácil.

Ela não entendeu todo o sentido de muitos acontecimentos da vida de seu Filho, como se pode deduzir da pergunta que ele lhe fez quando encontrado no templo aos 12 anos: "Por que me procuráveis?... Não sabíeis que devo me ocupar dos assuntos de meu Pai?" (Lc 2,49). Temos ainda aquela outra frase de Cristo, quando alguém lhe foi dizer que sua Mãe o estava procurando. Sua resposta, nesta ocasião, equivalia quase a dizer que não tinha mãe nem irmãos. Sem dúvida alguma, ela não entendeu nem estas nem muitas outras palavras de seu Filho, mas mesmo assim, guardou-as no coração para meditá-las mais tarde. Isto mostra que o amava intensamente e que ele era a sua vida.

Maria foi a mulher calada, tranqüila e recolhida. Não falava muito porque estava sempre escutando e foi

por isso que pôde conservar tantas palavras no coração.

Os calados e os recolhidos são os que escutam melhor as palavras do Pai e cumprem sua vontade. Maria foi a Mãe do Filho, filha do Pai e esposa do Espírito Santo; não podia, pois, deixar de ter muito para ouvir e muita oração para fazer. Ela foi também perfeitamente livre e puríssima de coração; por isso viu a Deus. Neste ponto podemos dizer que Maria o viu, certamente, de muitas maneiras; algumas vezes um tanto nebulosamente, como em espelho de águas tremidas, outras numa revelação de amor quase ofuscante. Mas tudo isso é especulação; o que é certo e não tem sombra sequer de especulação é que ela seguiu seu divino Filho nos acontecimentos da Paixão: com-paixão!

Quando se considera a paixão de Jesus Cristo (e foi o que agora acabei de fazer neste poustinia) é importante perguntar que coisa quer dizer paixão. Paixão vai de mãos dadas com amor, fá-lo brilhar e o leva a píncaros íngremes, difíceis de serem escalados e aonde só chegam os grandes corações apaixonados. Ela tem raízes no amor e frutifica também no amor. Cristo amou-nos com paixão e alguns de nós também lhe devotamos um amor apaixonado.

Paixão traz sempre consigo a conotação de dor. Não existe amor sem sofrimento e não deveria existir sofrimento sem amor. São dois elementos sempre entrelaçados um no outro.

Maria entrou neste misterioso casamento da paixão

com o amor, o mesmo que seu Filho aceitou e através do qual salvou o mundo. Pura de coração, ela viu e seguiu a Deus em todos os caminhos; seguiu-o até o topo do Calvário e para além do túmulo. Mais que ninguém Maria soube cultivar a com-paixão, compartilhando a paixão de seu Filho não só fisicamente, mas também, de maneira bem real e bem profunda, no mais íntimo do seu espírito e das suas emoções. Por isso ela sabe ter compaixão de nós.

Enquanto assim estive sentada aos pés de Maria, contemplando-a com os olhos do coração, percebi que uma proposta fantástica lhe tinha sido apresentada. Foi-lhe necessária muita fé para aceitar a primeira anunciação do anjo, declarando-a cheia de graça e dizendo-lhe que dela nasceria um Deus. Maria teve exatamente este tipo de fé que a levou a aceitar, livre e espontaneamente, a missão de ser Mãe do Messias. Esta mesma fé passou por um outro teste, um outro desafio, lá no Calvário, quando Jesus lhe disse: "Senhora, eis aí o teu filho", indicando-lhe João. Mais uma vez Deus exigia dela o impossível ou quase. O Filho que viera a este mundo para fazer a vontade do Pai, agora estava passando esta mesma vontade do Pai a Maria.

Jesus, naquele momento supremo, estava dizendo à sua Mãe que ela devia ser também a Mãe de toda a humanidade; como tal deveria estar exercitando sua compaixão continuamente, séculos fora, do mesmo modo como a misericórdia do Pai se estende de geração em geração. Ela também teria que perdoar os assassinos de seu Filho; tanto os crucificadores

daquela hora como os outros — e quantos! — que haveriam de sugerir através dos séculos. A compaixão de Nossa Senhora, decorrente da sua com-paixão, devia produzir frutos de perdão para ajudar seu Filho na salvação dos homens. Sim, o papel de Maria no Cristianismo foi-me bastante esclarecido neste meu ensolarado dia de pousadia.

Lembro-me de muitas perguntas que, no passado, me foram feitas a respeito de "compaixão". Depois de todos estes esclarecimentos, eu achei que estava preparada para respondê-las. Compaixão foi Maria, ela que experimentou em si, mais que ninguém, a paixão de seu Filho, sofrendo, com ele, a mesma dor e a mesma Cruz e participando também do mesmo amor e da mesma ternura que ele sentia e sente por toda a humanidade. O amor e o sofrimento, o amor no sofrimento foi o Cálice que o Pai deu ao Filho e que o Filho passou depois à sua própria Mãe. E este Cálice, por estar cheio de sofrimento, está, igualmente, cheio de compaixão e de perdão. Eis porque também Maria não pode deixar de amar os homens nem de perdoá-los: porque bebeu também do Cálice de seu Filho: depois de *padecer com* ele, agora tem que se *compadecer* como ele.

Após ter aceito esta missão, se a podemos chamar assim, Maria tornou-se Mãe dos homens e estes, por sua vez, entenderam que não podem empreender, sem ela, a grande caminhada da existência. Os homens precisam sempre dos seus semelhantes, mas precisam, sobretudo, deste ser maravilhosamente terno e compassivo, eternamente disponível para ouvir as nossas preces. Precisam de

uma mulher que possa ensiná-los a perdoar, uma vez que ela perdoou do fundo do coração e das profundezas do seu espírito. Perdoou com o mesmo perdão do seu Filho. Sim, aí está uma boa ajuda para Cristo, na cura da humanidade, porque não existe, neste mundo, remédio algum que cure mais e melhor do que o amor e a ternura de uma mulher!

13.

Tocando o próximo...

Quebra-gelos de Deus

Como tenho dito em vários de meus escritos, a fome de Deus está no meio de nós. Sempre esteve, mas agora, através do nosso apostolado, em todo o mundo, percebemos melhor seu crescimento maravilhoso. Em todas as partes do globo, a oração vai-se tornando como o incenso bíblico que sobe a Deus de todos os corações. Parece que nos levantamos todos nós e começamos, seriamente, aquela "jornada para dentro", aquela peregrinação que faz parte do "Pequeno Mandato" de Madonna House¹. Louvemos o santo nome de Deus por isto e juntos lhe agradeçamos tão grande graça.

Este é também um tempo oportuno para abriremos nossas mentes, almas e corações ao sopro e à chama do Espírito Santo. Não há dúvida alguma de que este divino Espírito está hoje presente em todos os países e, de modo especial (de maneira estranha e misteriosa), aqui em Madonna House, nesta nossa obra de apostolado leigo. Temos que nos preparar para uma nova jornada, em demanda de uma outra montanha ainda mais alta. Talvez eu devesse dizer que devemos nos preparar para uma nova dimensão de amor e de serviço.

¹ O "Pequeno Mandato" é uma expressão de Madonna House. Trata-se de um conjunto de frases, inspiradas por Deus a Catarina, no decorrer dos anos e que ela, depois de boa escolha, reuniu no que se poderia chamar a súmula do que deve constituir o espírito de Madonna House. Este "Pequeno Mandato" aparece publicado no livro *União na Fraternidade (Sobornost)* (Nota do Tradutor).

A visão que se me apresenta ou que "cresce dentro de mim", nestes dias, é um tanto diferente e me aparece como uma nova dimensão do amor, como uma peregrinação para um nível mais elevado desta mesma montanha de que já falamos. Estamos entrando na "era glacial". Não levará muito tempo até que os habitantes do Canadá e dos Estados Unidos — para não mencionarmos outros países — irão permitir e até mesmo exigir que apenas órgãos governamentais assumam as obras que o velho catecismo chama de "obras de misericórdia corporais". Isso aconteceu em alguns países da Europa e uma situação idêntica já esboça contornos bem definidos no horizonte do Novo Mundo.

Numa conjuntura destas, nós estaremos entrando, certamente, na "era glacial". As obras de misericórdia (o trabalho de assistência social) devem ser feitas com grande amor, compreensão, ternura e compaixão. Talvez nem sempre tenham sido realizadas assim por todos os cristãos, mas, em geral, tem sido esta a sua característica. Entretanto nesta nova situação que, aos poucos, se delineia por aí, toda a lista de substantivos que desfilei acima, sinônimos de amor, de bondade e de delicadeza, tende a desaparecer e, provavelmente, desaparecerá, engolida por uma palavra só, tremendamente fria: *eficiência!*

Sim, é uma palavra fria, irmã de "burocracia". Sem dúvida alguma, ninguém vai morrer de fome nem por falta de cuidados médicos; haja vista os exemplos da Suécia, Noruega e Dinamarca. Os velhos e as crianças são aí atendidos com

competência e, segundo se diz, não existe pobreza nestes países. Em breve copiaremos tudo isso cá do outro lado do Atlântico, tenho certeza.

Mas, ninguém pensa no frio gelado que existe em todos estes países. Trata-se de um frio que não há cobertor nem calefação que esquente! Um frio que gera solidão na alma e na vida das pessoas, uma solidão e alienação tão insuportáveis que acaba levando ao suicídio! É coisa sabida que estes países, acima mencionados, paraísos sem pobreza, maravilhas de organização social, têm um dos mais altos índices de suicídio no mundo!

Preparemo-nos para entrar nesta "era glacial". Façamo-lo com muita oração e jejum; com o esforço cada vez mais profundo de esvaziamento do nosso amor-próprio (kénosis), com a transformação dos nossos corações em corações puros de crianças, capazes de ver a Deus. Devemos ser mensageiros e portadores do fogo do Espírito Santo, o único fogo capaz de derreter esse tipo de gelo. Será esta a nossa missão, num futuro não muito distante.

Eis aí o que significa ser "quebra-gelos de Deus". Nossas almas devem equipar-se para poderem ser "hospedarias de Cristo", que recolham, no calor do seu carinho, tantos milhões de pessoas que por aí se encontram e se encontrarão, caídas à beira das estradas, feridas por salteadores, em número cada vez mais assustador, ou tiritando de frio debaixo das pontes, dentro de barracos de tábuas, nas favelas, mortas de fome.

Num futuro muito próximo, multidões de pessoas

virão a nós, não somente em busca de abrigo, roupas e alimento; convencidas de que o homem não vive só de pão, elas virão em busca de valores mais importantes que só se encontram no interior do homem. Tenhamos, então, muito cuidado em evitar toda sorte de preconceitos ou discriminações. Haverá problemas e perigos relacionados com viciados em drogas etc., mas a fé e o amor deverão ser suficientemente vigorosos em nós para levar-nos, incólumes, através de todos os perigos. Os jovens virão à procura de corações que estejam dispostos a ouvi-los e, sobretudo, virão em busca das chagas de Cristo, as únicas capazes de sanar as feridas da juventude atual. Nossa geração moderna tem que tocar para crer; portanto, mostremos-lhe as chagas de Cristo a fim de que, tocando-as, todos possam ser curados pelo mesmo Cristo.

Temos que estar preparados para essa *abertura*, essa nova espécie de hospitalidade do coração, única forma de vencer o gelo que envolve o mundo em carapaça cada vez mais espessa. Sim, eu vejo as multidões que chegam, como rios, vindos de todas as partes do mundo, convergindo para nós, para nossos corações, onde esperam encontrar abrigo, calor de amizade e compreensão. Recebamo-los como eles chegam: pés sujos, roupas imundas, corpos dilacerados, corações partidos, almas famintas! É preciso ter muito espaço no coração, hospedaria de Deus, para acolher tanta gente; mas, sobretudo, é preciso que este mesmo coração esteja bem *aberto*!

Estamos todos sendo escolhidos a dedo para uma

nova dimensão e uma nova visão do amor. As pessoas que vierem a nós, estarão cansadas da "eficiência" da era tecnológica e fria; eis por que eu dizia que desejam "tocar" e sentir o calor das chagas que nascem do amor e, por isso mesmo, são eloqüentes e irradiam calor de vida. Na medida em que nos aprofundamos na nossa "jornada para dentro", tornamo-nos imagens sempre mais perfeitas de Cristo, reproduzindo em nós as suas chagas, armazenando em nós o seu calor e sua luz divina, ambos tão necessários para o mundo moderno, frio e escuro. Somente assim equipados poderemos entrar na tremenda solidão dos homens de hoje e na era glacial dos homens de amanhã.

Vá e fale línguas!

Foi numa sexta-feira, enquanto me encontrava no meu poustinia. Havia já muito tempo que estava rezando, consciente apenas de uma espécie de vazio dentro de mim mesma. Lentamente, muito lentamente, um pensamento se esboçou. A princípio meio indeterminado e amorfo, depois foi adquirindo contornos definidos e foi-se clareando como uma manhã de inverno com a saída do sol... Finalmente, lá estavam as palavras: "Vá e fale línguas!".

Por estranho que isto possa parecer, não aceitei estas palavras com muita prontidão, mas levei muito tempo meditando sobre elas. Eram importantes demais para mim porque, como russa que sou de nascimento e descendência, sempre me senti mais inclinada a pedir a Deus o dom das lágrimas do que o dom das línguas. Entretanto, as palavras persistiam ante minha mente e a meditação

também. O que agora segue é uma tentativa de descrição de como eu vi estas palavras que o Senhor me enviou.

Em eras muito remotas, já diluídas na história, os homens movimentaram seu orgulho e arrogância e puseram-se a construir uma torre que chegasse até o céu. Era sua maneira, naturalmente, de mostrar a Deus que podiam chegar a alturas infinitas, sem usar mais que seus próprios talentos, seus esforços, sua produção!

Mas o Senhor desceu à terra, olhou para aqueles homens com sua torre e ficou muito descontente. Seu descontentamento se manifestou na multiplicidade das línguas que ele criou entre os trabalhadores da malfadada Torre de Babel. Não foi um dom, foi um castigo. Na confusão que se seguiu, os homens se separaram e a construção foi interrompida, caindo em ruínas com o passar dos anos. Assim terminou o monumento simbólico do orgulho e da arrogância humana, como um aviso bíblico, dirigido ao homem de todos os tempos, para que não valorize a si mesmo apenas em termos de sua produtividade. Eu imagino também que, com a confusão das línguas, os homens não podiam tampouco louvar a Deus, por causa da sua desunião.

Passaram os anos até que surgiu um profeta, chamado Joel, o qual predisse um novo dia do Senhor. Ele disse ao povo que tinha uma mensagem do Senhor Deus para eles: "Vós reconhecereis que eu estou no meio de Israel, que eu sou o Senhor, vosso Deus e que não há outro, e meu povo não terá mais que se envergonhar. Depois disso, derramarei

meu Espírito sobre todos os viventes; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos verão em sonhos e vossos jovens terão visões. Também sobre os servos e sobre as servas derramarei, nesses dias, o meu Espírito. Farei sinais portentosos no céu e na terra" (Jl 3,1-3).

Passaram mais anos ainda e chegou o dia de Pentecostes que Jesus predissera a seus Apóstolos: "Ao chegar o dia de Pentecostes, achavam-se todos eles reunidos no mesmo lugar e veio, subitamente, do céu, um ruído semelhante a um sopro de vento impetuoso que encheu toda a casa onde eles estavam. E apareceram-lhes línguas divididas, à maneira de fogo, e pousou uma sobre cada um deles; ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito Santo lhes concedia que se exprimissem" (At 2,1-4).

Parece que houve sempre muita relação entre Deus e esta questão de línguas, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Existe, realmente, algo na fala e na linguagem que é tremendamente importante, profundamente santo.

Não é muito relevante que aceitemos ou não, literalmente, a estória da Torre de Babel; o conteúdo e a mensagem do relato é que têm peso. A Torre de Babel é um símbolo de desunião, de separação, de afastamento do Senhor, causado pela desobediência ao grande mandamento de amar a Deus e ao próximo.

Enquanto meditava sobre este assunto, durante o

meu poustinia, entendi que, ao longo do seu crescimento, através dos séculos, a humanidade teve sempre alguns vínculos que a mantinham unida. Todos os homens, desde a sua origem, têm acreditado num Ser maior do que eles próprios ao qual, de uma forma ou de outra, nunca deixaram de louvar. Não nos interessa saber quais as formas de que se revestiram a fé que dedicavam e o culto que prestavam a este Ser supremo os homens primitivos. A grande realidade é que o homem sempre acreditou e sempre rezou!

A Bíblia nos relata o aparecimento da serpente, nalgum ponto desta longa caminhada dos homens. A serpente e a maçã aparecem em relação direta com o desejo de subir, de ser igual a Deus: "Sereis como deuses!". A mesma Bíblia mostra como muitos comeram do fruto proibido e se tornaram orgulhosos e arrogantes. A história ulterior da humanidade confirma a mesma coisa. A estória de Babel não é mais do que a maneira de nos transmitir a realidade trágica do orgulho humano, consequência da primeira desobediência.

A situação não mudou muito em nossos dias. Ouve-se ainda o mesmo convite da serpente seguido da mesma resposta dos homens. O mundo esqueceu a linguagem do amor; perdeu-a nos labirintos do seu orgulho, nas torres inacabadas da sua arrogância. O mundo não fala mais a língua do amor porque não deseja amar e, de fato, não ama! Depois de pensar em todas estas coisas, senti-me cansada, sem vontade de continuar refletindo sobre Babel como símbolo da divisão dos homens, da sua fé perdida,

do seu amor fragmentado.

Cansada ou não, continuei rezando, porque, bem no fundo de mim mesma, sem ser capaz de dar razões nem explicar, num plano para além da minha inteligência, eu sabia que o *Pentecostes era um dom de Deus para curar a humanidade*. Deus nos deu um Paráclito ou Advogado no divino Espírito Santo, mas enviou-nos também, neste mesmo Espírito, um grande Médico para sanar nossas enfermidades e renovar todas as coisas sobre a face da terra! Aí meu coração exultou de alegria.

Agora eu sei que devo levantar-me e sair falando as *línguas do amor* a todo mundo. Será através do amor ao próximo que o dom das línguas se encarnará no meio de nós e se tornará realidade. O dom das línguas não significa apenas que homens e mulheres, em reuniões e encontros de oração, no Espírito Santo, serão capazes de louvar a Deus em idiomas desconhecidos para eles até então. Não tenho nada contra isso, mas não acho que seja apenas isso nem principalmente isso o dom das línguas. Lá no canto do meu poustinia, eu percebi, de maneira muito profunda, com um misto de angústia e alegria, que o dom das línguas para nós deve ser: falar as línguas do Amor! Falar com línguas de Amor! E nós devemos agir assim porque temos fé. Nós falaremos com amor se acreditarmos, se tivermos fé. Como diz são Paulo: "Eu acreditei, por isso falei.". Somente a fé nos dará este maravilhoso dom das línguas. Das línguas do Amor!

Parafraseando são Paulo, acho que posso dizer: nós temos que falar, porque devemos amar. A fala é um

dom de Deus para cada um de nós. Lembremo-nos de que ele nos disse: "Abra tua boca e eu a encherei.". Muitos carismas são distribuídos por Deus a todas as pessoas, e quanto mais se multiplicam tais carismas mais os homens sentem necessidade de agradecer e glorificar a Deus.

Percebi, então, claramente, que devemos entrar numa dimensão de fé que, talvez, seja completamente nova para nós. Esta seria uma dimensão que nos tornaria capazes de palmilhar um caminho ainda virgem: o de traduzir o dom das línguas em dom de Amor. Assim foi que, nesta primeira sexta-feira, no meu poustinia, a expressão *falar línguas* transformou-se, para mim, em *dom de Amor*. O dom de amar todas e cada uma das pessoas que cruzem o meu caminho. Mas entendi, também, que, antes de transmitir este dom aos meus irmãos, eu tenho que erguer as duas mãos, assim em concha, para o céu, pedindo a Deus que as encha deste dom maravilhoso que só se encontra na Santíssima Trindade.

É nestes termos que o dom das línguas nos é dado a todos em qualquer tempo: um dom de amor. O que os homens perderam na Torre de Babel está sendo restituído ao mundo e reconstruído numa "Torre de Amor" ou, se quiserem, numa escada de amor que não somente chegará até o céu, mas vai ainda transpassá-lo e cair de volta sobre a terra. O Reino de Deus que é Reino de Amor, está começando aqui e agora!

Uma outra coisa muito interessante que entendi nesta mesma ocasião foi a seguinte: o dom das

línguas ou o dom da fala é concedido aos que gostam do silêncio onde possam escutar a Deus. Desta maneira, é curioso que o silêncio se torne o berço do dom de falar. Mas, evidentemente, foi assim que *eu* vi tudo isto...

A seguir, olhei mais fundo nesta questão e, como a palavra berço despertasse minha atenção, voltei-me para Maria, a Mãe de Deus. Pentecostes é também uma festa mariana, porque Maria foi protegida pela sombra do Espírito Santo e através dele foi que Jesus se encarnou em seu seio virginal, o que, em linguagem tradicional da Igreja, transformou Maria em "esposa do Espírito Santo". E assim, enquanto meditava sobre a Virgem Santíssima, eu pude perceber por que as palavras "silêncio, escuta e espera" caíam no meu coração como gotas de estranho perfume. Maria, a mulher que soube calar, no silêncio da meditação, que soube escutar, esperar e sobretudo, amar! Maria, primeiro berço vivo de Deus, o doador de todos os dons perfeitos que nos vêm do alto, na expressão de São Tiago.

Pensando em Maria chega-se, naturalmente, a Jesus Cristo que, então, me pareceu ser o próprio dom das línguas, porque ele é Amor. Jesus Cristo é o dom das línguas porque, como Verbo, o Pai no-lo deu para expressar o seu amor por nós, e o próprio Cristo passou sua vida falando do Pai, revelando o Pai aos homens. Foi por causa desta revelação que o nosso orgulho se abateu e as nossas muitas torres de Babel, inspiradas pela sugestão da serpente, foram todas destruídas pelo amor.

Louvor seja dado à Trindade, sobretudo ao Pai, por

nos ter amado tanto, a ponto de nos enviar seu próprio Filho, sua própria Palavra, fazendo-nos entender, assim, que o dom das línguas é o dom do Amor. Repito, mais uma vez, para mim este dom não significa apenas emitir sons estranhos! Ele quer dizer: amar-nos uns aos outros, porque o amor transcende o som da palavra em qualquer língua, mas fala no aperto silencioso de duas mãos.

O amor fala no brilho que de nós se desprende, quando nos tornamos imagens de Cristo na vida. O amor fala em nós quando rezamos, mesmo na mais calada das preces, quando nossa vida "se transforma em oração". É nessa altura da nossa jornada que o dom das línguas "se interioriza" e qualquer pessoa que de nós se aproxime entenderá a nossa fala. Não quer isso dizer que valhamos muita coisa, mas Deus vale demais em nós e é por ele e para ele que os homens vêm a nós a fim de contemplarem as nossas obras e ouvir o nosso dom das línguas: o nosso Amor falando em obras, expressando-se em oração! Em tudo isso é a voz de Deus que estão ouvindo.

Destarte, o dom das línguas vem a ser incomensurável e o maior de todos porque ele é, na verdade, o próprio Deus do Amor. Este dom divino deve ser traduzido também em palavras, porque ninguém consegue crer e ficar calado, como diz São Paulo, na frase já aduzida: "Eu acreditei, por isso falei" (2Cor 4,13), citando, aliás, o Salmo 115. Paulo não estivera presente ao Pentecostes, mas falava de Cristo como os outros apóstolos e, como eles, tinha também o dom das línguas, porque amava Jesus Cristo e acreditava nele. Em outras palavras, o dom

das línguas nele era o dom do Amor, o dom de amar e crer em Jesus Cristo.

Quando falamos estas línguas do amor e da fé, realiza-se em nós um mistério insondável: já não somos nós que falamos, é Deus que fala em nós. Eis por que todos nos entendem, não importa qual seja nosso idioma ou linguagem externa.

Os apóstolos tiveram línguas de fogo pousando sobre suas cabeças; nós, hoje, que desejamos falar línguas de amor, devemos ser "penetrados" por estas chamas a fim de podermos ser purificados por elas.

Tudo isso se abriu ante os olhos da minha meditação e, ao entendê-lo, senti uma alegria muito grande. Percebi que Deus estava enviando ao mundo o seu Espírito através de mim e de cada um de vocês, aqui em Madonna House, porque estamos crendo, estamos amando e dando testemunho: estamos falando em línguas! Agora sei que, se colaborarmos com o Espírito, renovaremos a face da terra. Este foi o conteúdo deste meu dia de pousinias, quando o Senhor me disse: "Vá e fale línguas!" Aleluia!

Silêncios egoístas

Não existem dois pousinias iguais, como vocês provavelmente já sabem. Uns são repletos de alegria, luz e paz, enquanto outros nos saem pesados, nebulosos e frios. Nestes últimos, sente-se uma quase total incapacidade de pensar, mesmo quando se põe a cabeça no coração, como se deve fazer sempre a fim de pensarmos bem. Meu último pousinias foi algo assim. A palavra veio lentamente e

caiu no meu coração como um pedaço de chumbo.
Esta palavra foi "silêncio".

Não foi, entretanto, o silêncio sobre o qual já escrevi tantas vezes: o silêncio do amor que não precisa de palavras, o silêncio do homem falando com Deus em seu coração, numa prece que transcende a linguagem. Não, desta vez o que me foi inspirado foi a "outra face" do silêncio, porque também ele tem muitas facetas. Foi algumas destas que eu vi.

A primeira "outra face" do silêncio que se me apresentou foi a do silêncio-fuga. Quando uma pessoa quer fugir, sem despertar atenção, ela caminha muito de mansinho, com um máximo de silêncio, porque é preciso escapar de alguma pessoa ou de algum perigo. Quando se trata de várias pessoas fugindo, não conversam nem mesmo baixinho. Geralmente escolhem a noite quando se torna mais difícil serem descobertas. Tudo isso pode ser transportado para o plano simbólico.

Refiro-me às pessoas que se esgueiram, silenciosamente, do contato com os outros para fugirem do sofrimento que eles podem jogar sobre seus ombros. Envolvem-se numa espécie de noite de desinteresse, muito propícia para o silêncio de fuga! E escapam muito bem guardadas e protegidas. Escapam da responsabilidade de enfrentar o outro e de ter que lhe falar ou de abrir-lhe as portas, janelas e cortinas do próprio coração que, geralmente, gostam de conservar sempre fechadas.

São portas bem lubrificadas, estas dos silêncios de fuga; fecham-se sem ringir nos gonzos ou

dobradiças. São as portas do nosso egoísmo que não quer ser dividido, compartilhado, feito em pedacinhos, como pão para os outros; que não quer deixar de ser um indivíduo para tornar-se comunidade, onde não podem existir portas fechadas. Claro que não estou falando de portas materiais.

Não nos convertemos ainda ao amor com tal plenitude que possamos nos comunicar com os outros através de um silêncio amoroso, que seja, ao mesmo tempo, bem aberto, completamente aberto!

Entristeceu-me o perceber, em minha meditação, que nós ainda fugimos demais do outro, escondidos sob a capa de um silêncio protetor. Já progredimos muito, é verdade, mas ainda evitamos, com lamentável freqüência, o confronto comprometedor com o próximo. E o pior é que não nos damos conta da triste realidade: quando evitamos o outro, estamos fugindo de Deus, se não completamente, pelo menos em parte. Não estamos ainda preparados para falar uns aos outros nem muito menos para ouvirmos uns aos outros, através de um silêncio caridoso e atento, como fazem as pessoas que verdadeiramente se amam.

Ante todas estas descobertas, eu rezei. Não havia qualquer outra coisa que pudesse fazer; enquanto rezava, o silêncio mostrou-me mais uma de suas múltiplas faces e esta bem desagradável. Era o aspecto da hostilidade e da raiva. Aqui, então, eu compreendi que alguém pode ficar calado enquanto a ira, a hostilidade e a rejeição abrasam seu coração. Um silêncio desse tipo é mil vezes pior do que a

palavra, mesmo que seja uma palavra abertamente hostil, irada ou ressentida. Este é o silêncio mortal que separa em vez de unir; mortal sim, porque é capaz de vibrar golpes fatais mesmo sem pronunciar uma sílaba sequer. Um calafrio perpassou meu corpo todo ao pensar nisso; mas logo louvei o Senhor por não crer, realmente, que, entre nós, existisse um tal silêncio; em seguida rezei de novo para que ele nunca existisse mesmo, no futuro.

E o silêncio da indiferença? Eis outra face dele, e muito feia, por sinal! É a maneira de dizer, sem falar, que a gente não se incomoda muito com as coisas nem com as pessoas, refúgio mudo de quem não quer dizer nem sim nem não, abertamente contra o conselho de Cristo: "Seja o vosso falar 'sim, sim', 'não, não'" (Mt 5,37). É um silêncio apático e covarde que não tem coragem de expressar o que de fato sente: não vale a pena dizer ou fazer algo pelo próximo ou por Deus! O fruto de tal silêncio é certo cansaço mental, quase neurótico, muito funesto a uma comunidade.

Outra cara do silêncio é o medo. Também o medo leva muita gente a calar-se para fugir de um compromisso, de uma responsabilidade. O silêncio medroso assume também o aspecto de convivência, de racionalização. Este temor não tem nada a ver com aquele do qual a Bíblia diz ser o princípio da Sabedoria (Pr 1,7). Não, aquele é o santo temor de Deus que é filho do amor e não escraviza ninguém. Com efeito, se amamos uma pessoa, temos receio de ofendê-la, de magoá-la. Este temor é filial, é compassivo e terno; é o medo de perder uma

amizade por negligência nossa, é o medo de que os outros venham a sofrer qualquer dor por nossa falta de atenção. Nisto, sim, reside o início de toda a sabedoria e santidade.

O silêncio-medo é também covarde e traduz falta de amor e de fé. Quem não quer "complicações", mesmo quando inerentes à sua missão na vida, refugia-se no silêncio-medo. Quando relacionado com Deus, este silêncio gera o desespero por esquecer que ele é Pai cheio de misericórdia e de perdão.

Eis aí como eu percebi que, apesar de todos os seus aspectos salutares e santos, o silêncio pode ser também uma tentação e, como tal, oriunda do próprio Satanás. Todos estes silêncios começam numa simples fuga e terminam, muitas vezes, numa tempestade de dúvidas, de falta de fé, de amor e de esperança. E o pior é que todo aquele que assim se cala, acaba não tendo silêncio algum dentro de si.

Eu não queria escrever estas coisas para vocês, mas se assim fizesse, teria incorrido também num desses silêncios comprometedores, covardes e pecaminosos; teria deixado de partilhar com vocês tudo o que tenho e recebo de Deus; haveria, então, portas fechadas entre nós e cortinas cerradas nas janelas. Isto não pode acontecer; é preciso que sejamos todos inteiramente abertos uns para os outros, até mesmo no abismo de nossas dores.

Confiança

Neste meu último pouso, o texto que escolhi para ler e meditar foi este da segunda carta de São Paulo Apóstolo, dirigida aos cristãos da cidade grega de Corinto. Vale a pena reproduzi-lo aqui:

Lembraí-vos disto: quem semeia escassamente, escassamente colherá; quem semeia com largueza, com largueza também colherá. Cada um dê conforme estabeleceu em seu coração, não com má vontade ou constrangimento; "Deus ama quem dá com alegria". E Deus é bastante poderoso para fazer exuberar em vós todas as graças, de sorte que, tendo sempre plenamente quanto vos é suficiente, possais ser generosos em toda espécie de boas obras, conforme está escrito: repartiu com profusão, deu aos pobres; sua liberalidade subsiste eternamente. E aquele que fornece a semente ao semeador e o pão para o nutrimento, fornecer-vos-á também, com abundância, a semente e aumentará os frutos da vossa liberalidade. E assim, enriquecidos em todas as coisas, podereis exercer a mais larga generosidade a qual, por nosso intermédio, será causa de muitas ações de graças a Deus. (9,6-12).

Este foi o texto da minha meditação e, às 4h da tarde, a palavra apareceu em minha mente: confiança.

Já li esta carta de São Paulo muitas e muitas vezes e foi apenas desta vez que comecei a pensar, seriamente, em semente, plantação, colheita, farinha, pão, uvas e vinho! Pensei também em esmolas e outras obras de caridade. Todos estes

pensamentos formavam uma espécie de padrão rítmico em minha mente.

De repente, parei, ao notar algo que não tinha percebido antes. Havia outras coisas além de pão, vinho e alimento para dar aos nossos irmãos. Tudo isso é necessário, sobretudo em tempos de fome e carestia (e quantos vivem permanentemente nestes tempos...), mas uma outra frase se delineou no meu espírito: "O homem não vive só de pão".

Lancei um olhar sobre o mundo de hoje, sobre todas as pessoas que tenho visto em minhas viagens e aquelas que têm vindo visitar-nos aqui, em Madonna House. Este olhar me fez entender ainda melhor que, de fato, a fome dos homens não é só de pão. Na América, no Canadá e em algumas outras partes, os pobres, os famintos e os necessitados, em qualquer frente, estão sendo mais ou menos bem cuidados pelas organizações sociais de vários tipos: religiosas, leigas e governamentais. Existem, entretanto, os que andam famintos de algo mais vital, mais necessário do que o pão e a vestimenta.

Baixou, então, sobre mim, no meu poustinia, uma tremenda solidão. Não lhes posso dizer se durou um momento, uma hora ou mais que isso. Só sei que percebi muito bem qual era a causa dessa solidão que assim surgiu dentro de mim como uma névoa repentina de inverno; dessa solidão que doía como ferida: era o pensamento de que *existem homens que se consideram seres sem importância!* São homens que andam por aí, no meio dos outros homens iguais a eles, e, no entanto, ninguém lhes dá atenção e nem sequer percebe sua presença. Ou,

então, recebem apenas a fria polidez de monossílabos como "bom dia", "oi", "como vão as coisas?" "tudo bem?" e outras palavrinhas jogadas ao acaso, que nem esperam resposta daqueles aos quais se dirigem. Há os que falam somente do tempo ou de seus próprios problemas pessoais, sem nenhum interesse genuíno e profundo pelo outro. Sim, há homens que andam por aí como se fossem invisíveis uns para os outros!

John Donne disse que "homem algum é uma ilha"; entretanto, milhões de homens, em nossas cidades e até mesmo no campo, não passam de pequenas ilhas ambulantes ou flutuantes, batendo-se umas nas outras, de vez em quando, para logo se separarem e continuarem à deriva, flutuando ao redor de si mesmas. Entretanto, estamos todos cheios de tanta coisa boa que podemos dar uns aos outros, além de pão e outras coisas materiais! Temos a fé, a esperança, o amor, a confiança mútua, esmolas maravilhosas que fazem tanta falta a inúmeros "mendigos" no plano sobrenatural. Neste poustinia eu compreendi o valor destas esmolas e a importância de distribuí-las com urgência e com carinho. Para isso, porém, é preciso que cada um pare diante do outro e, com confiança, estenda a mão.

No meu caso, eu me senti chamada a ir "pulando" de ilha em ilha, de coração em coração, semeando fé, amor, esperança e, sobretudo, confiança mútua. Missão difícil porque, neste mundo materializado, os homens não estão acostumados a valorizar esse tipo de esmola e, muito menos, a recebê-las. Entretanto,

mal sabem eles que, no fundo, estas são as esmolas de que mais precisam e esta é a fome mais real e mais profunda que trazem dentro de si mesmos, tanto os ricos como os pobres.

Todos sabemos quanto é importante perceber que os outros confiam em nós e nos amam com sinceridade e desinteresse. Não queremos ser amados simplesmente como parte indefinida de uma humanidade nebulosa e global, nem simplesmente porque Cristo mandou que nos amássemos uns aos outros. Queremos ser amados porque temos fome de amor, ele faz parte do nosso ser e estamos na vida e no mundo para amar e ser amados. Porque somos imagens de Deus que é amor! Por isso, mais importante que dar pão e dinheiro é dar-se a si mesmo, na confiança depositada no outro. É preciso ter fé no próximo como Deus tem fé ou confia nele!

E querem saber como é que se vai por esse mundo distribuindo confiança? No fundo é coisa simples e fácil. Confiança é fruto do amor, um fruto que cada pessoa pode sentir e tocar, desde o momento em que lhe é oferecido, como quem cheira uma maçã, saboreia um cálice de vinho ou acaricia uma nota de mil cruzeiros. Não obstante tratar-se de um dom transcendental e espiritual, ele pode e deve ser sentido, porque é trocado em miúdos no relacionamento do dia-a-dia, em casa, no trabalho e nas ruas. Eis aí a confiança! Abrir o coração aos outros, aos desconfiados e aos que não merecem confiança, na opinião dos homens. Aceitar as pessoas como elas são e não como eu gostaria que fossem nem como deveriam ser. Ter sempre troco

no bolso do coração, não só para retribuir a bondade recebida, mas também para fazer o bem aos outros, desinteressadamente. Não, nada disso é fácil; mas deve ser feito.

Confiar, confiar sempre, como Deus confia em nós. Cada vez que confiamos numa pessoa, nós a tornamos mais valorizada; motivada pela confiança que nela depositamos, ela se sente inclinada a cultivar mais ainda, em si, a bondade e a honestidade. Diminuem os preconceitos, desaparecem os complexos de inferioridade, começa a existir mais sol de otimismo nas almas a partir do momento em que percebem que muita gente confia nelas apesar dos seus defeitos.

Confiança! Algo que deve acompanhar-nos da manhã à noite, como o sol sobre nossas cabeças. Algo que deve adormecer conosco e acordar também conosco no dia seguinte. A confiança abre os corações das pessoas como o sol abre as flores nos prados e jardins.

Somos flores que têm medo de desabrochar, que preferem permanecer eternos botões fechados, com receio de enfrentar as conseqüências da exposição à luz, aos ventos, às chuvas e aos insetos; tudo isso é falta de confiança. Entretanto, nós sabemos que, se a flor não se abre, morre infecunda e fica só, como o grão de trigo da comparação de Cristo. Podemos dizer, parafraseando são Paulo: "Cada um dê o que decidiu em seu coração: confiança, amor ou esperança. Tudo isso conduz à fé!".

Se confiamos em alguém, estamos abrindo para ele

o caminho do amor, da fé e da esperança porque "Deus ama um doador alegre" e o cumula de bênçãos incontáveis. Nós só estamos realmente vivos quando partilhamos com os outros nossa fé e nossa confiança, porque viver é comunicar, é multiplicar-se, é frutificar. O mais maravilhoso deste aspecto da vida é que quanto mais comunicamos, mais cheios nos tornamos, como celeiros milagrosos que nunca se esvaziam. Temos experiência vivencial disso aqui em Madonna House.

Confiança é uma palavra multidimensional que atinge todas as áreas e níveis da vida humana, por isso a comparamos ao sol. Se os homens confiarem uns nos outros, não haverá mais guerras nem estoques de bombas nucleares. Examinemo-nos, pois, e perguntemos se confiamos uns nos outros. Se a resposta for negativa, por que não confiamos?

Poustinia em um hospital

Deus está sempre abrindo novas portas; eu jamais imaginei que um hospital pudesse ser um poustinia; entretanto é, até mesmo fisicamente: o leito, a cama e a cadeira que constituem a mobília simples de um quarto de hospital lembram muito os móveis que adornam parcamente o interior das nossas cabanas de troncos. Num hospital, nem sempre existe, talvez, uma Bíblia, mas ela pode ser adquirida, a pedido, sem dificuldade. Se, por acaso, a pessoa doente não pode ler, isso também não importa porque Cristo se torna Palavra e Livro para quem sabe ler mentalmente ou meditar. O resto é dispensável.

Num quarto de hospital se está também isolado como num pousadia; é verdade que médicos e enfermeiras podem entrar e sair, mas eles se movimentam como sombras, apenas perceptíveis. Presente mesmo, numa permanência invariável e sensível, só está a pessoa de Cristo; os outros, repito, são sombras que a luz projeta na parede, uma com o termômetro, outra com o estetoscópio e outra ainda com a bandeja do lanche.

Nenhum destes seres humanos que assim se movimentam ao seu redor, interferem com a sensação profunda e realíssima de que você, paciente num leito de hospital, está face a face com seu Deus, num pousadia, no deserto de sua própria vida. Este é o momento mais oportuno para fazer-se uma interiorização do evangelho, uma assimilação lenta e bem ruminada do seu conteúdo, da sua mensagem, trazida para dentro da vida com o mesmo realismo daqueles longos tubos, levantados, ao lado da cama, gotejando soro ou sangue dentro de nossas veias.

São estas as horas em que, lendo as palavras de Cristo, a gente parece estar lendo a própria vida. Estes são também os instantes em que todas as dores, até as dos pacientes que estejam em outros quartos e outras alas, se tornam nossas... minhas!

Nestas ocasiões cada um se torna seu próprio médico, por assim dizer; talvez porque Cristo, o grande Médico, sempre ao nosso lado, ensina-nos lições e ministra-nos remédios e injeções que estão muito além da capacidade de qualquer médico ou enfermeira deste mundo. Sim, porque, num leito de

hospital, mais do que em qualquer outro lugar:
morrer ou viver, eis a questão!

Na ala sul alguém está ameaçado de ficar cego... A notícia acaba de explodir como uma bomba em seus ouvidos. Pouco adianta que se trate de um paciente jovem ou velho, homem ou mulher, rico ou pobre. E eu sinto em mim o mesmo sofrimento e quase desespero daquele meu irmão que não irá mais ver a luz do sol. Como num poustinia, eu estou sozinha e, ao mesmo tempo, não estou.

Em outro quarto, alguém acaba de saber que está com câncer e, subitamente, a dor chega ao meu próprio quarto ou ao meu poustinia e começo a viver o grande drama de quem vai perder um membro de seu corpo ou, talvez, a mesma vida. Começo, então, a partilhar o sofrimento e a angústia dos outros naquele hora branca de um quarto de hospital.

Eu estive numa situação dessas... Oh, a tremenda e fulminante compreensão que se tem das coisas e da vida, num quarto de hospital ou num hospital-poustinia! Foi aí que entendi o que significa a cegueira, tanto material como espiritual. Reli a estória do cego do evangelho que se tornou uma realidade na qual o cego era eu mesma. E foi neste momento de dolorosa cegueira, quando me senti sacudida, dos pés à cabeça, pela dor de não poder carregar, nem mesmo vicariamente, a cruz de tantos e tantos irmãos meus, cegos de nascença ou por acidente, foi neste instante que a luz penetrou na minha própria cegueira e eu percebi que estava errada: eu podia e posso carregar, em meus ombros, a dor de todos os meus irmãos. Nem sei como posso

ter duvidado! E, ao pensar nisso, minha atenção se voltava exatamente para os cegos: eles também podem ser uma lâmpada para a escuridão dos outros, entendi então.

Nem era apenas a cegueira física que entrava nesta minha reflexão. Na verdade, não existe cegueira espiritual de escuridão total; não existe a total rejeição de Deus, nesta vida, para quem, um dia, teve fé ou tem um mínimo de boa vontade. Mesmo quando parecemos rejeitar a Deus ou o próximo, mesmo quando parecemos ter perdido a fé em Deus e no próximo, ainda podemos ser uma luz para os caminhos de alguém.

Aqui eu me lembrei de uma cena memorável no famoso romance de Dostoyevski, *Crime e Castigo*. É a cena por demais conhecida em que o criminoso vai ao quarto de uma prostituta e fica perplexo ao descobrir, naquele quarto, uma coisa que ele nunca imaginara ser possível. Num canto do aposento, havia uma imagem de Jesus Cristo, iluminada pela luz bruxoleante de uma candeia de azeite. O rapaz pergunta, então, à prostituta se ela, realmente, acredita em Deus. A moça, que estava se despindo, irritou-se muito com a pergunta e respondeu, com brilho de muita fé nos olhos: "Como acha você que eu poderia viver se não tivesse fé em Deus?".

A mensagem desta cena é muito clara, no que concerne a intenção do autor e eu percebi, ao ler aquelas linhas, que *um cego pode ser uma lanterna para os caminhos escuros do seu irmão!*

Sim, num poustinia de hospital, até durante o sono a

gente se torna um só coração e uma só alma com os demais pacientes e, ao acordar, sente-se no corpo e no coração a dor de todos: do homem que vai ficar cego, da mulher que descobriu estar com câncer. Existe ali a união profunda com a humanidade inteira, união típica de um poustinia. Ouve-se um só e imenso gemido; paira no ar uma só e imensa agonia: a de todos. Eu já não estou só! E o que é mais importante, a gente percebe esta dor e sofrimento também no próprio Deus, porque, como acontece com todas as coisas, as dores de todos os homens estão refletidas em Deus.

Prosseguindo nas minhas meditações de um poustinia em hospital, cheguei ainda a uma outra conclusão. Começamos por impressionar-nos com a dor sensível, a doença corpórea, a morte física; pouco a pouco, porém, as realidades do espírito assumem suas verdadeiras proporções e percebemos tragédias maiores como, por exemplo, a da morte interior, a do câncer que rói o coração e a alma de tanta gente, no mundo de nossos dias.

Eu vi este câncer alastrando-se, como mancha negra, sobre a política, a economia e sobre todos os outros aspectos da vida contemporânea, corroída de crimes, guerras, violências e depravações morais.

A despeito de todas estas considerações, entretanto, as ilustrações espirituais mais claras que eu tive neste poustinia-hospital, diziam respeito à própria morte, porque esta é a realidade mais pungente e a presença mais viva num quarto de hospital. Compreendi que a morte não é nunca uma intrusa; antes, pelo contrário, é uma admirável mestra de

noviças! A vida não é um fenômeno de morte; a morte é que é um simples fenômeno passageiro da vida!

Os santos enfrentaram a morte sorrindo e cantando por entenderem que estavam "nascendo" para o reino de Deus. Naquele meu quarto de hospital, subitamente transformado em poustinia, a morte tornou-se real e muito amiga: uma ponte entre o tempo e a eternidade; tornou-se libertação última e definitiva de todos os meios que me rodeiam neste mundo. A morte virou vida! Virou alegria!

Às 2h da madrugada, certa noite, eu estava acordada no meu hospital-poustinia, o meu pensamento discorria sobre a misericórdia de Deus. Então perguntei a mim mesma: "Será que a misericórdia divina termina no momento da minha morte?". Por incrível que pareça, meus amigos, soltei a maior gargalhada, ali naquele quarto, às 2h da madrugada! Ri gostosamente porque percebi que isto nunca pode acontecer! Nunca! De maneira alguma! A misericórdia de Deus, como a vi, naquele momento, se estende ao céu, ao purgatório e ao próprio inferno.

Eu estava lendo um livro de Evdokimov no qual me impressionou um bela descrição que faz do purgatório: O purgatório, diz ele, é um lugar de "maturação". Sob certos aspectos, é como um quarto de hospital, muito mais pobre, porém, e onde o Grande Médico cura a cegueira dos nossos olhos para poderem contemplar a alegria infinita que é ele próprio!

Purgatório é um lugar onde se começa, realmente, a entender que o tempo não existe mais, porque "as primeiras coisas ficaram para trás" e o tempo com elas. Um milhão de anos são como um dia para Deus. Ele pega o tempo e o atira fora, fora daqueles que passaram a Grande Fronteira. No purgatório, portanto, o que existe é "maturação", não fogo e sofrimento, como nos ensinaram a acreditar. Para o amadurecimento das pessoas, sua preparação para a felicidade, usa-se ternura, amor, bondade e não castigo! Eu percebi, então, que purgatório é um crescimento lento e pode ter lugar ainda aqui neste mundo. O Corpo de Cristo é composto de Igreja militante, triunfante e padecente, se é que a maturação pode ser chamada de padecimento.

Mas, as reflexões do meu hospital-poustinia levaram-me muito mais longe e entendi que nem o próprio inferno está totalmente excluído da misericórdia divina. Pareceu-me ver que Judas, traíndo Jesus logo depois de comungar o corpo e o sangue do mesmo Cristo, na última ceia, levou a luz do Salvador consigo ao próprio lugar de danação eterna, iluminando assim, de certo modo, o inferno. Parece-me impossível que Deus não vá perdoar o demônio no juízo final. Os grandes santos, especialmente os orientais, bem como os antigos Padres da Igreja e do deserto rezaram por esse perdão; por que não o faríamos nós?

Eis aí algumas das reflexões que muito me esclareceram durante minha estada no meu poustinia-hospital e, para terminar, aqui deixo uma poesia que lá compus, na data de 21 de outubro de

1973, intitulada "*Poustinia num hospital*".

Um quarto, um leito e duas cadeiras.
Um quarto austero e despojado,
preparado para o sofrimento,
reservado especialmente
para certo sofrimento...

Um quarto num deserto,
um deserto num quarto;
deserto mais real
do que os outros de areia e calor.

Um quarto de hospital-poustinia
onde se encontram, frente a frente,
o homem e Deus
para serem, os dois, crucificados:
um numa cruz, outro num leito.

Adeus frágeis desculpas, subterfúgios;
o homem entra agora
na verdade de Deus.

Caem todas as máscaras;
a sua face, agora, é uma só: a verdadeira.

Poustinia num Hospital-Calvário,
onde se planta a cruz de Deus
no meio das cruzes dos homens:
hora do grande encontro,
hora do fundamental diálogo.

As palavras, porém, são dispensáveis
num hospital-poustinia...

Ouve-se tão-somente
suaves ruídos dos passos do Pai
e os leves murmúrios da brisa do Espírito
que vem consolando,

que vem aclarando
toda e qualquer escuridão que ainda exista.

E assim, na austeridade
de um quarto despojado,
vestido só de dor,
entra a luz da alegria.

Os doentes ressuscitam e dançam com Jesus!

QUARTA PARTE:
O CORAÇÃO DO POUSTINIA

14.

A minha própria vocação para o poustinia

Em princípios de março de 1973, escrevi uma carta muito especial à minha comunidade de Madonna House. Eu poderia, facilmente, adaptá-la agora à finalidade deste livro e resumi-la para o leitor; entretanto, como minha vocação está fundamentalmente ligada a Madonna House, decidi conservá-la como foi escrita. Tenho certeza de que qualquer leitor ou leitora, chamados como nós a fazerem a grande jornada interior em busca de Deus, saberá aplicar a si, da melhor maneira, o conteúdo desta carta.

"Querida Família,

Esta é uma carta muito especial que lhes mando do meu poustinia. Espero que todos vocês a leiam juntos, de coração aberto e reverente, porque trata-se de uma dessas cartas que a gente, quem sabe, escreve apenas uma vez na vida, sob a inspiração do Espírito Santo. Seu conteúdo é de interesse fundamental para mim, para vocês e para os planos que o Senhor tem a nosso respeito. Espero que estas linhas lancem uma luz ainda maior sobre o sentido de um poustinia, esse pequeno deserto ao qual Deus chamou vocês por meu intermédio. Quero crer, também, que estas palavras, uma vez entendidas e assimiladas por vocês, possam constituir uma ajuda eficaz para o trabalho na seara de Cristo, a Santa Igreja.

Acho que a data de hoje é 2 de março, mas não

estou muito certa; no poustinia o tempo passa depressa demais; uma hora vira uma existência e vice-versa. Vejo-me, atualmente, diante de certos problemas que não são de fácil solução e nem são fáceis de se explicar...

Na noite passada, o gerente do cinema de Barry's Bay convidou-me pessoalmente para ir ver o filme *Nicolau e Alexandra*. Trata-se de uma adaptação, para a tela, do famoso livro sobre o Czar e a Czarina. Não posso dizer que o filme me tenha impressionado, porque não consegui ficar até o fim. É-me difícil demais, hoje, ver coisas e episódios que me lembrem a Rússia.

Uma coisa, porém, me surpreendeu, na volta para Madonna House: a tremenda sensação de solidão que tomou posse de mim. Eu sou uma pessoa solitária e este sentimento já se intensificou muitas e muitas vezes na minha vida; mas a solidão que senti desta vez veio como nunca a tinha experimentado antes; agarrou-me, constringiu-me toda, como uma tenaz.

Olhei para a estrada: era exatamente como qualquer estrada russa do meu tempo de infância e adolescência; as árvores também eram como as da minha terra e o mesmo se diga das colinas, igualzinhas às que eu deixei, há mais de meio século. Não sei se outras pessoas já passaram por experiência parecida, mas senti, subitamente, quão horrível é ser estrangeiro em terra estranha. À noite, na estrada, eu não estava em parte alguma. No meio do mais belo cenário campestre do Canadá, senti-me arrancada dos meus fundamentos, como se estivesse

fora de lugar; arrancada, sugada pela saudade incoercível, irresistível da Rússia que está a milhares de quilômetros e uns sessenta anos de distância. E o que mais me surpreendeu foi uma súbita displicência interior, um quase desalento de quem não quer mais sofrer e afasta as recordações, num gesto cansado de "deixa pra lá"...

Quando cheguei a Madonna House, tudo o que desejava era ir logo para o meu poustinia; ajuntei minhas coisas, dirigi-me apressada à minha cabana de troncos, entrei e fechei a porta. Pela primeira vez começava a perceber algo que não vira antes: o poustinia, como um verdadeiro deserto que é, traz-nos de volta mil e uma recordações que julgávamos completamente mortas e esquecidas!

Recordações da Rússia. O cheiro da terra, no outono; os passeios e caminhadas, sob a arcada das árvores, nos bosques, pisando as folhas caídas, ainda cheias das cores típicas da estação; os arredores das aldeias, sonorizados pelos ruídos da vida campesina, trazidos pelo vento, flutuando no ar já meio frio de todos os outonos: gritos de mães chamando filhos, pedaços de risadas jovens, cortados pelo mugido de alguma vaca; a igreja, no fundo da aldeia e, de repente, a procissão do Sábado Santo, depois das doze leituras da Bíblia; as pessoas voltando da procissão, principalmente as mulheres, segurando velas ainda acesas, protegendo a chama com as mãos a fim de que possam chegar acesas para iluminar, em casa, a imagem de Nossa Senhora... Tudo isso me voltava naquela noite!

Mas, sobretudo e mais que tudo, a sensação

esmagadora de exílio, de *estrangeira em terra estranha!* Era um afogamento em águas sem margens, onde eu subia e descia, lutando para respirar. Não posso negar que tenho vivido à luz de valores muito diferentes dos de outras pessoas... Eu comecei a compreender a "noite do espírito" de que nos fala são João da Cruz e santa Teresa de Ávila. Nessa noite só existe mesmo a luz de Deus e quem não segue essa luz e não se "agarra" a esse Deus, acaba nas malhas do desespero e do demônio, o que é a mesma coisa.

Pela primeira vez, desde que comecei a viver no pousadia, percebi que estava me deixando vencer pela tentação de "autocomiseração" ou compaixão de mim mesma. Era uma tentação muito bem dirigida porque, desde que cheguei ao Canadá, tenho me sentido solitária, mergulhada na solidão cósmica de um refugiado de guerra que ninguém entende nem deseja entender ou só entende depois de imensos esforços.

Sem dúvida eu estava sendo tentada num dos pontos mais sensíveis, onde a dor é mais intensa. Aquela noite tornou-se mais escura e a solidão foi maior e mais penetrante do que nunca, deixando-me sem saber o que fazer ou para que lado voltar-me. Lá do outro lado do rio, minha comunidade estava dormindo. Eles tinham assistido ao mesmo filme, e certamente teriam gostado da fantasiada estória de Nicolau e Alexandra, com os Cossacos e todo o resto! Como se distorce a História! Aquilo entristeceu-me e aumentou a minha solidão.

Adormeci, depois de uma noite difícil, e senti-me um

pouco melhor no dia seguinte; entretanto, não posso dizer que este meu poustinia tenha sido um asilo de paz. Parece-me ter a chave para o problema da minha solidão, mas não vejo a fechadura; um dia ainda conseguirei juntar as duas peças. A chave é muito simples: sou uma estrangeira neste país, neste mundo, pela graça de Deus. Ele me chamou, nos dias da minha juventude, do mesmo modo como chamou seu Filho e o mandou para o Egito. Portanto, Cristo também foi um "refugiado", junto com sua Mãe e seu Pai adotivo. José recebeu a ordem de partir por causa da matança dos inocentes; eu também saí por uma razão semelhante; não sei bem quem nos mandou partir, mas simplesmente sei que não havia outra coisa a fazer naquela ocasião.

Desdobrou-se, então, ante meus olhos todo o panorama e o mapa da minha viagem-fuga. Eu era jovem, 19 anos. Devido à matança dos inocentes, na revolução russa de 1917, o Senhor me chamou para longe da minha terra e, depois de muito tempo, cheguei finalmente ao Novo Mundo, como um peregrino! E comecei a viver na solidão! Eu era um poustinik, uma poustiniana e nunca o tinha percebido. Eu nasci para viver no deserto.

Aí reside, talvez, a explicação da minha vocação para o poustinia. Tenho jejuado todos estes anos no que diz respeito à minha própria língua que não falo e ao meu povo que não vejo mais. Tenho me mortificado continuamente, no esforço de me adaptar aos costumes e maneiras de outros povos. E, sobretudo, tenho passado pela vida em caminhos de profunda solidão. Esta foi sempre, repito, a minha vocação e

eu não sabia. Não tinha ainda entendido que Deus me pedia para partilhar com ele sua própria solidão e a de tantos milhares de outros seres humanos.

Ante tais reflexões eu fiquei perplexa, dentro do meu poustinia, perguntando a mim mesma como não tinha percebido nada disso antes. Sim, houve momentos em que vislumbrei, em linhas apagadas e mal esboçadas ainda, o traçado da minha vocação fundamental. Um desses momentos foi quando vendi todas as minhas posses para dá-las aos pobres. Depois foram aparecendo outros pequenos clarões: as frases que eu ia encontrando na Bíblia e que, hoje, constituem nosso "Pequeno Mandato"; os primeiros esforços de apostolado em Toronto, em Madonna House... Mas agora é que percebo, com toda a luminosidade da certeza, que Deus me trouxe da minha terra, a Rússia, ao Canadá, para viver a vocação do poustinia, do retiro perpétuo, do deserto e da solidão.

Agora entendo por que sempre sentia no coração um desejo tão forte de me retirar para algum lugar à parte, a fim de rezar, ler e meditar. Só assim eu poderia ser como "aquele que serve", como o Homem de bacia e toalha na mão! Tudo isso me parece agora uma espécie de brincadeira que Deus fez comigo; maravilhosa brincadeira que só Deus pode e sabe fazer com as pessoas: pô-las no caminho de sua vocação e deixar que elas o procurem a vida inteira! Com tudo isso o Senhor me chamou para estar com ele no Jardim das Oliveiras, no Cenáculo da última ceia e no Pretório de Pilatos.

Relembrei, então, os dias da Casa da Amizade em

Harlem, Nova Iorque... Eu costumava ficar deitada no chão, chorando, até que o sono chegasse. Que adiantava ficar sobre o colchão, cujas molas velhas e soltas me espetavam o corpo, enquanto toda a tristeza deste mundo pesava sobre mim? Era melhor esticar-me sobre o soalho duro e chorar até não ter mais lágrimas. Agora, somente agora, entendo por que chorei tanto lá em Harlem: era porque me tinham ensinado que as lágrimas lavam os pecados do mundo. Era o dom das lágrimas!

Depois veio Combermere... Durante todos estes anos venho comunicando a Boa Nova a quantos desejam ouvi-la. A princípio estes não eram muitos, mas continuei a falar, "como a voz que clama no deserto". Sofri perseguições, rejeição, solidão, exatamente como Deus queria que acontecesse, com o fim de fazer-me participar dos mesmos sofrimentos pelos quais eles passou. Tudo isso foi para confirmar esta realidade: a vocação que eu pensava pudesse ser a minha, era realmente minha!

Logo que deixei a Rússia, outra coisa não fiz, em todo tempo, senão entrar num poustinia, ou melhor, ele já estava dentro de mim, na própria medula dos meus ossos, num retiro de cada dia e de todas as horas. Não se tratava de uma cabana de troncos ou qualquer construção de mãos humanas; era um poustinia feito pelo próprio Deus, no dia do meu Batismo, quando me tornei morada da SSma. Trindade.

15.

O poustinia do coração

Chegamos ao fim deste livro e eu me sinto cada vez mais atraída pela minha cabana de troncos, aqui, em Madonna House. Sinto-me também inclinada a deixá-la, de vez em quando, a fim de ir às grandes cidades e passar lá uns 10 ou 15 dias, alugando um quarto nalgum bairro pobre... Seria um programa de oração e de jejum; prece e penitência pelos pecadores dos grandes centros. Depois eu voltaria, novamente, à montanha, ao deserto, para armazenar mais energia e alimento espiritual que possa transmitir aos outros.

Esta parece ser a última das muitas etapas da minha vida um tanto estranha. Fui solteira, mãe, casada duas vezes e, finalmente, viúva também duas vezes. Antes da morte do meu segundo marido, Eddie Doherty, vivemos ambos um estado ou modalidade pouco comum: matrimônio com voto de castidade.¹ Acho que o poustinia é o último aspecto da minha vida. O que vier depois dele entrego a Deus e

¹ Catarina De Hueck Doherty faz questão de levar e assinar o nome dos seus dois maridos: o Barão Boris de Hueck e o Jornalista e Padre Eddie Doherty. Ele ordenou-se sacerdote pelo rito católico oriental que permite o casamento dos padres. Pouco depois, a Igreja aprovou os estatutos de Madonna House que previa os três votos de pobreza, castidade e obediência para todos os seus membros. A partir de então, Catarina e seu esposo passaram a viver em aposentos separados. Ele lembrava o fato, em conversa com o tradutor deste livro, com a seguinte brincadeira: "Foi assim que me tornei virgem aos 65 anos!" Ver "*Apresento-lhes a Baronesa*" de Héber Salvador de Lima, S.J., terceira ed., pág: 79 (Nota do Tradutor).

àqueles que estarão à frente dos destinos de Madonna House que Jesus Cristo fundou com o auxílio da sua Mãe Santíssima. Amém.

Talvez seja um pouco cedo para dizer "amém". Realmente, ao rever tudo o que acabo de escrever sobre o poustinia, os estranhos e maravilhosos caminhos pelos quais Deus o introduziu em Madonna House, honestamente não sei se já posso dizer "amém".

O que me propus, neste livro, foi mostrar a vocação do poustinia, tal qual se encontra na Rússia, na minha própria vida e aqui neste Centro de Apostolado Leigo que é Madonna House. Quanto a mim, sempre me senti profundamente atraída pelo silêncio e pela solidão de Deus. Mesmo depois que se tornou clara a impossibilidade de um silêncio e solidão física e total, quando me vi envolvida pelo bulício e atividade estonteantes das grandes cidades americanas, mesmo aí Deus mostrou-me como viver o poustinia ideal. Já lhes contei tudo isso.

Quando, há pouco, eu disse aquele primeiro "amém", logo percebi que o quadro verdadeiro e total do poustinia ainda não estava completo. Discuti suas origens russas, num esforço de frases talvez meio desajeitadas, tentando explicar sua adaptação ao mundo ocidental.

Percebo, porém, não ter apontado ainda o que chamaríamos de "o coração do poustinia". Quando se desce ao fundo deste assunto, tem-se a impressão de que o poustinia não é um lugar; ao mesmo tempo parece que é! Ele é, fundamentalmente, um estado

de vida, uma vocação inerente a todos os cristão batizados: *a vocação para sermos contemplativos!*

Sempre haverá "solitários" no mundo; mas a essência do poustinia é ser ele um lugar dentro da gente, resultado do Batismo ou criado pelo Batismo: aí, neste lugar interior, cada um de nós "contempla" a Trindade. Dentro de meu coração, da minha alma, da minha consciência, eu estou ou deveria estar sempre na presença de Deus. Eis uma nova maneira de dizer que vivo num "jardim fechado", (Ct 4,12) onde passeio com Deus e converso com ele. Um russo diria que "tudo em mim está em silêncio, quando me encontro imerso no silêncio de Deus".

É como se eu estivesse sentada pertinho de Deus, em silêncio total, apesar das muitas pessoas que possam estar conversando, ao meu redor. Como dois namorados que podem estar em perfeita solidão, imersos um no outro, apesar de se encontrarem numa sala de festa, cheia de gente. Como as palavras são inadequadas, às vezes; como são também ineficientes e inadequadas as comparações. Pouco importa; para mim o poustinia é isto: um estado de espírito permanente de quem contempla a Deus em silêncio.

Como o poustinik russo, eu cuido dos assuntos de Deus o dia inteiro. Como ele também, levo comigo, para dentro do poustinia, a humanidade inteira e a ofereço a Deus com todas as suas dores, alegrias e tristezas. John Griffin escreveu um livro intitulado *Black Like Me* (Preto como eu), onde conta como mudou a pigmentação da sua pele a fim de virar negro e se identificar mais com seus irmãos de cor!

Assim o poustiniano se identifica com a humanidade, tornando-se negro, pobre, operário e até mesmo um rico inquieto e torturado internamente: ele é todos e cada um! Na sua solidão interior, o poustiniano se identifica também com o Deus que traz dentro de si, tornando-se Deus com o Deus que se tornou homem.

Poustinia, portanto, como o Reino divino, está dentro de nós e é aí que estamos sempre imersos no silêncio de Deus, escutando a palavra deste mesmo Deus e eternamente passando-a para os outros, não somente em sons, como também, principalmente, em obras. Destarte, tudo o que eu disse a respeito do poustinia, em seu aspecto físico e externo, pode ser transplantado para o plano interior e apresentado a qualquer cristão, em qualquer parte do globo. É através da imersão no silêncio de Deus, na solidão interior da alma e do coração, na nossa identificação com todos os homens e com o próprio Cristo, presente em cada um deles, que se atinge a plenitude e a perfeição do poustinia. Isto chamamos viver em contínuo estado de contemplação.

Não sei se o que venho dizendo faz sentido... Para mim faz! É somente deste modo que acabo de descrever que consigo amar a Deus e o meu próximo. Somente assim me identifico com ambos. Somente depois de ouvir a Deus no silêncio de meu próprio coração, é que eu tenho palavras para conversar com meu irmão. No silêncio do meu poustinia interior eu adquiro um coração dotado da capacidade de escutar. É um novo sentido de audição que só capta as vozes do silêncio.

Eu falo o que Deus me manda falar; já não sou eu quem fala, mas é ele que fala em mim, porque me tornei uma só com ele, imersa no seu silêncio eterno e abrasada com a mesma chama dele. Seu nome santo entrou de tal forma na minha vida que se tornou a própria batida do meu coração.

É este o poustinia do qual tentei balbuciar alguma coisa, ao longo destas páginas; com ele identifiquei a minha vocação e é ele que ardentemente procuro passar a todas as pessoas ansiosas de Deus e da santidade. Estou convencida de que no poustinia está a grande resposta (ou uma delas, pelo menos) para as perguntas angustiantes e os problemas do mundo atual. O mundo rejeita Deus porque apenas o conhece *por fora*; por isso também o crucifica, milhões de vezes, em suas imagens vivas que são os homens. *No dia em que o mundo conhecer este Deus, através da revelação que ele faz de si mesmo, no poustinia do coração de cada um, não conseguirá mais rejeitá-lo nem muito menos crucificá-lo.*

Para algumas pessoas, em circunstâncias favoráveis, chamadas por uma vocação especial, o poustinia interior do coração poderá adquirir dimensões físicas e externas, nalguma cabana de troncos ou coisa parecida... Mas o poustinia do coração é possível para todos e é ele que constitui a resposta essencial para os problemas do mundo. Isto deverá começar com a *kénosis* que ouvirá o grande silêncio de Deus dentro do coração, único ambiente em que a voz divina se pode fazer ouvir. Fecham-se as asas da inteligência para colocar-se a cabeça no coração... É o começo do poustinia interior.

Espero que os leitores tenham captado bastante da beleza desta aventura espiritual, desta peregrinação do homem para dentro de si mesmo — o poustinia — não obstante a falta de jeito com que a descrevi e apresentei neste livro. Talvez, agora, todos entendam melhor por que eu disse que, para formar uma comunidade de amor com os homens, nós temos que entrar, antes de tudo, em contato muito íntimo com a Comunidade de Amor primeira e original que é a Santíssima Trindade. Para tanto é necessário o desapego das coisas materiais; mas isto só não basta. Depois de ter dado aos pobres o meu ouro e a minha prata, eu tenho que me desfazer também do meu próprio "eu", entregando-o a Deus e ao próximo. Eis aí os dois aspectos do poustinia: a solidão física e a imolação interior.

Não sei o que possa acrescentar, depois destas páginas todas. Tudo o que sei é que procurei viver o poustinia interior do coração na seção negra de Harlem, em Nova York, em Toronto e em todas as partes do mundo em que tenho vivido. Acho que a fase final da minha peregrinação terrena será esta solidão física do poustinia, este *deserto vivo*, onde Deus está eternamente presente e fala tanto no silêncio de fora como no silêncio de dentro. Talvez aqui, nesta solidão povoada pela presença divina, Deus consiga explicar a muitos o que eu não consegui com minhas palavras.

Agora sim, acho que devo dizer "amém". Nada mais tenho a acrescentar. Estou vazia, cansada e, apesar disso, profundamente feliz por causa deste longo esforço de tentar explicar o que é inexplicável, na

minha opinião. Quero crer que muitas pessoas irão beneficiar-se destas páginas, depois de havê-las aceito e — na medida do possível — compreendido. Quem sabe não haverá alguém que decida "levantar-se e partir" para as montanhas de Madonna House, em Combermere! Se vierem, ouvirão aqui a voz de Deus no seu silêncio maravilhoso; nesse silêncio que é, a um tempo, tremendo e suavíssimo, no qual pululam vozes de um Eterno Amor.

Livros por Catarina de Hueck Doherty
em português

Disponíveis somente no Internet:

Alma da Minha Vida
O Evangelho sem Restrições
O Silêncio de Deus
União na Fraternidade

Disponíveis no Internet e também impressos:

Deserto Vivo (Poustinia)
Em Parábolas

Para comprar livros impressos, escrever para:

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá

português@madonnahouse.org

Biografia de Catarina de Hueck Doherty
por Héber Salvador de Lima, S.J.

Apresento-lhes a Baronesa

Para comprar, escrever para:

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá